

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIEL MARTELLO LAZINHO

O “JOGO DA MORTE”: A UCRÂNIA ENTRE SOVIÉTICOS E NAZISTAS  
(1933-1943) E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM  
SALA DE AULA

CURITIBA

2021

DANIEL MARTELLO LAZINHO

O “JOGO DA MORTE”: A UCRÂNIA ENTRE SOVIÉTICOS E NAZISTAS  
(1933-1943) E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM  
SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná como requisito para o título de Mestre em Ensino de História. Orientador do trabalho: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Lazinho, Daniel Martello

O "jogo da morte" : a Ucrânia entre soviéticos e nazistas (1933-1943) e a construção do conhecimento histórico em sala de aula. / Daniel Martello Lazinho. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Dennison de Oliveira

1. História – Estudo e ensino (Ensino primário). 2. Ucrânia – História. 3. Segunda Guerra Mundial – 1939-1945 – História. 4. Futebol. I. Oliveira, Dennison de, 1964-. II. Título.

CDD – 947.7



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA -  
31001017155P1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ENSINO DE HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DANIEL MARTELLO LAZINHO** intitulada: **O JOGO DA MORTE: A UCRÂNIA ENTRE SOVIÉTICOS E NAZISTAS (1933-1943) E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA**, sob orientação do Prof. Dr. DENNISON DE OLIVEIRA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 08 de Abril de 2021.

Assinatura Eletrônica

09/04/2021 10:45:30.0

DENNISON DE OLIVEIRA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

09/04/2021 11:40:32.0

EDERSON PRESTES SANTOS LIMA

Avaliador Interno (INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

09/04/2021 13:13:11.0

ADRIANE DE QUADROS SOBANSKI

Avaliador Externo (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ)

---

Rua Dr. Faivre, 405. Dom Pedro II, 6º andar, sala 610 - CURITIBA - Paraná - Brasil  
CEP 80060-140 - Tel: (41) 3360-5105 - E-mail: profhistoria@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 88904

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e insira o código 88904

## RESUMO

Nessa dissertação analisamos a história da Ucrânia do início dos anos 1930 até o ano de 1943. O contexto estudado percorre o aumento da presença estatal soviética em terras ucranianas e invasão nazista em 1941, com um interstício de autonomia dos nacionalistas ucranianos. O objeto central da pesquisa é uma partida de futebol disputada entre um time local e outro formado por soldados nazistas em 1942, que ficou conhecido como Jogo da Morte. As circunstâncias em que ocorreram as partidas em Kiev ocupada, bem como o destino dos jogadores foram analisados a partir de fontes primárias. A lógica da história é um método específico de produção do conhecimento histórico. O objetivo pedagógico do produto consiste em uma adaptação da pesquisa para linguagem didática, voltada aos estudantes do 9.º Ano do Ensino Fundamental. A proposta da dissertação é orientar a construção do conhecimento histórico em sala de aula, a partir de um material produzido como resultado do ofício do historiador.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Educação Básica. Ucrânia na Segunda Guerra. Futebol. Jogo da Morte.

## **ABSTRACT**

In this dissertation we analyze the history of Ukraine from the early 1930s until 1943. The context studied covers the increase in the Soviet state presence in Ukrainian lands and the Nazi invasion in 1941, with an interstice of autonomy by Ukrainian nationalists. The central object of the research is a soccer match played between a local team and another formed by Nazi soldiers in 1942, which became known as the Death's Match. The circumstances in which the matches in occupied Kiev took place, as well as the fate of the players were analyzed from primary sources. The logic of history is a specific method of producing historical knowledge. The product's pedagogical objective consists of adapting there search to didactic language, aimed at students in the 9th grade of elementary school. The dissertation's proposal is to guide the construction of historical knowledge in the classroom, based on material produced as a result of the historian's craft.

**Keywords:** History teaching. Basic education. Ukraine in World War II. Soccer. Death's Match.

## **AGRADECIMENTOS**

Qualquer trabalho realizado na nossa sociedade não é resultado de um esforço individual, mas fruto de um processo coletivo de construção do conhecimento e das relações humanas. Concluir uma dissertação em meio à maior crise sanitária da história, com políticas públicas que relativizam a morte e responsabilizam individualmente as pessoas por seu destino, é uma resistência.

Agradeço aos meus pais que sempre me incentivaram ao estudo e acreditaram na minha capacidade. Agradeço à todas e todos os estudantes que cruzaram meu caminho ao longo desses anos de sala de aula. Agradeço à todas e todos que acreditam na capacidade de transformação da escola pública. Aos professores e professoras com quem tive a oportunidade de compartilhar reflexões nos intervalos, nas horas atividade e em outros momentos fora do espaço escolar.

Agradeço também a Carlos Reiss que se dispôs a ler o projeto inicial e fazer apontamentos muito importantes que ajudaram a melhor trilhar o caminho da pesquisa. Finalmente, agradeço às professoras e professores que lecionaram nesse Mestrado Profissional, em especial ao professor Dennison de Oliveira, pela orientação na dissertação com seu vasto e riquíssimo conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Corpos nas ruas de Kiev.....	35
Figura 2: Cartaz da primeira partida entre Start e Flakelf.....	47
Figura 3: Cartaz da Partida entre FC Start e Flakelf, em 9 de agosto de 1942.....	53
Figura 4: Diário de Goncharenko.....	63
Figura 5: FC Start e Flakelf após o “Jogo da Morte”.....	64
Figura 6: Residência de jogadores do Start.....	72
Figura 7: Korokkykh com uniforme da NKVD.....	75
Figura 8: Quartel do Campo de Concentração de Siretz.....	82
Figura 9: Dínamo de Kiev pós-guerra.....	87
Figura 10: Monumento em homenagem ao FC Start.....	91



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Animais nas áreas rurais da Ucrânia: 1928-1933.....	18
Tabela 2: Batalha de Kursk.....	112

## LISTA DE SIGLAS

ESPN – *Entertainment and Sports Programming Network* (em português, Rede de Programação de Entretenimento e Esportes), é uma rede de canais de TV por assinatura, originalmente dos Estados Unidos dedicada à transmissão e produção de programas esportivos. ESPN Brasil é a franquia da ESPN em território nacional.

EUA – Estados Unidos da América

FEB – Força Expedicionária Brasileira

NKVD – em russo, НКВД, Народный комиссариат внутренних дел, translit. Narodniy komissariat vnutrennikh del; em português, Comissariado do povo para assuntos internos) Era o Ministério do Interior da URSS, que tinha entre suas funções fazer o policiamento político do regime stalinista. Foi o precursor da KGB soviética.

OUN – Organização dos Ucranianos Nacionalistas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA</b> .....	14
<b>2. A GRANDE FOME NA UCRÂNIA: 1932-1933</b> .....	17
<b>3. ECONOMIA, EFICÁCIA MILITAR E A UCRÂNIA NA ROTA DE COLONIZAÇÃO NAZISTA</b> .....	23
<b>4. O FUTEBOL NA UCRÂNIA-COLÔNIA: FC START COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA</b> .....	36
<b>5. O JOGO HISTÓRICO ENTRE FC START E FLAKELF</b> .....	52
<b>6. O DESTINO DOS JOGADORES</b> .....	64
<b>7. O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE SIRETZ</b> .....	77
<b>8. A CONSTRUÇÃO DO MITO DO “JOGO DA MORTE”</b> .....	83
<b>9. PRODUTO: A RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO FUTEBOL NA UCRÂNIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL</b> .....	92
<b>CONCLUSÃO</b> .....	118
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	120
<b>FONTES</b> .....	121

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido por um professor de História com quinze anos de experiência em sala de aula, quase na totalidade dentro da rede pública. Essa dissertação é parte do Mestrado Profissional em Ensino de História, cursado entre 2019 e 2021 na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Nesse modelo de mestrado, a exigência é que se produza uma análise voltada à prática docente.

Começamos apresentando o autor desse trabalho. Iniciei minha trajetória na educação ainda durante o curso de graduação, em 2004. Ao longo desse período, trabalhei com todos anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em diversas escolas, geralmente nas áreas periféricas de Curitiba. O início dos anos 2000 era um momento histórico em que ainda havia uma cultura, especialmente entre os pais dos estudantes, que afirmava que História era uma matéria simples, pois bastava decorar nomes e datas. Como todo processo de mudança na mentalidade é lento e gradual, ao longo de minha carreira, percebi alterações nessa percepção do chamado “senso comum” na própria narrativa dos estudantes. De outro lado, é fato que isso ocorreu também porque o saber histórico e os objetivos do ensino de História estão mais vinculados à construção do pensamento crítico, da análise e interpretação da realidade em que os estudantes estão inseridos.

Considerando isso, não podemos esquecer que o aprendizado é uma atividade que exige concentração, dedicação e uma boa relação com o objeto de ensino. Para os adolescentes, quanto maior a identificação com o objeto de aprendizagem, tornando-a mais significativa. Assim como as imagens presentes nos livros didáticos já não são meramente ilustrativas, mas devem dialogar com os estudantes e permitir-lhes construir o conhecimento na interação com os documentos, as fontes históricas vem ganhando cada vez mais espaço na prática docente de História na atualidade. Quanto mais usei as fontes históricas como ferramentas para que os próprios estudantes possam interpretá-las, pude perceber maior qualidade de apreensão dos conteúdos e utilização dos conceitos históricos para ler a realidade em que estão inseridos.

O tema dessa dissertação foi “encontrado” ao acaso, após um longo e cansativo dia de trabalho. Estava sentado no sofá, ao fim da tarde, assistindo à

algum programa esportivo da ESPN e o apresentador comentou algo sobre um jogo histórico. Foi exibida uma reportagem sobre uma partida entre ex-jogadores do Dynamo de Kiev e uma equipe nazista, em meio a Segunda Guerra Mundial. Apesar da narrativa da reportagem ser romanceada, ela aguçou a curiosidade do historiador que estava assistindo. Parecia haver diversas lacunas e personagens escondidos. Cobia um trabalho de investigação historiográfica.

O tema me chamou a atenção porque se relaciona diretamente com a forma como organizo minha memória, gestada no processo de criação de interesse pela leitura. Os eventos esportivos e políticos funcionam como marcos, em minha cabeça, para localização dos contextos históricos. Portanto, um fato que envolve diretamente as disputas políticas e um evento esportivo é a exemplificação de tudo aquilo que me despertou a curiosidade pelo conhecimento.

Quanto ao trabalho do professor em sala de aula, defendemos que não pode estar desassociado da pesquisa. Dessa forma, o presente trabalho é a organização metodológica e prática de atividades que já vinha desenvolvendo com os estudantes: a análise de fontes históricas para construção do conhecimento.

O professor de História pode exercer suas atribuições laborais sem deixar de lado a pesquisa. Todo professor é, em potencial, um professor-pesquisador. Apesar de não haver as condições de trabalho ideais, o interesse pela pesquisa pode ser conciliado com as atividades didático-pedagógicas. O uso de fontes históricas no cotidiano escolar aprimora a compreensão dos estudantes sobre os conteúdos e conceitos.

Dessa forma, o ingresso no Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistoria – permitiu o desenvolvimento de uma pesquisa histórica que pode ser aplicada em sala de aula para trabalhar o conteúdo da Segunda Guerra Mundial, no nono ano do Ensino Fundamental. Esse mestrado tem como exigência o desenvolvimento de um produto, que é a produção de um material voltado diretamente à educação, ao ensino de História. A intenção é demonstrar como o conhecimento histórico é produzido a partir da análise e interpretação de fontes históricas, ligadas ao tema central da pesquisa: o “Jogo da Morte”, realizado em Kiev no dia 9 de agosto de 1942.

## 1. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA

O Ensino de História percorreu diferentes metodologias até chegar aos dias de hoje. Outrora, no século XIX, serviu à consolidação de poder dos Estados-nação e recorria ao passado para justificar a ordem social forjada a partir da revolução industrial. No Brasil também foi instrumento para consolidar o Estado no século XIX e fomentar o nacionalismo nos períodos ditatoriais do século passado.

A História enquanto disciplina também apresenta a possibilidade de perspectivar o futuro e, para tanto, é indispensável compreender a construção do presente através do passado. Dessa forma, a abordagem do ensino de História nos auxilia na compreensão da história das políticas públicas voltadas à educação. Livro didático e avaliação, por exemplo, são elementos que estão na rotina dos professores, mas não podem ser naturalizados. Eles são construídos com uma determinada intencionalidade.

Todavia, o período atual vivenciado no Brasil cria distorções sobre a interpretação do passado que para ser desconstruídas, em defesa de uma racionalidade científica, deve valorizar a produção do conhecimento histórico como instrumento de primeira ordem na prática docente. Em tempos em que forças conservadoras disseminam notícias falsas e teorias desprovidas de base científica para reescrever o passado, o ensino de História deve permitir aos estudantes o uso de ferramentas históricas e de uma lógica histórica, para interpretação do presente.

Para tanto, sustentamos que é imperativo que os professores de História recorram, cada vez mais, ao uso de fontes históricas em sala de aula. O trabalho com fontes permite aos docentes a demonstração prática do processo de construção do conhecimento histórico. É bastante evidente, também, que esse tipo de trabalho docente requer um preparo mais amplo e uma busca pelo conhecimento para além daquilo que o poder público oferta – falando em Formação Continuada, as redes públicas Brasil afora vem sofrendo com cortes sucessivos nos investimentos em educação, o que afeta diretamente a qualidade do trabalho docente.

Além disso, o desrespeito que diversos entes federativos tem com a Lei Federal n.º 11.738/2008, que, dentre outros itens, estabelece que o professor tenha, no mínimo, um terço da jornada de trabalho para hora atividade – o que inclui o planejamento e produção de atividades com fontes históricas, como a que propomos na presente dissertação – compõem o universo de condições objetivas a que o professorado está exposto atualmente.

Todavia, ainda que as condições de trabalho estejam longe das ideais, defenderemos que é possível proporcionar aos estudantes a compreensão do processo de produção do conhecimento histórico. Por mais que existam disputas de narrativas entre as mais diversas correntes da historiografia, todas elas compartilham um método minimamente comum: aquilo que Thompson definiu como o confronto entre as hipóteses levantadas pelo historiador com as informações colhidas nas fontes históricas, considerando a reformulação das primeiras em caso de conflito e a intencionalidade da produção e preservação das segundas<sup>1</sup>.

Em um período histórico em que o terraplanismo arrebanha adeptos, até mesmo na classe docente, é fundamental a defesa da ciência na educação pública. Os estudantes das redes públicas, em especial os filhos e filhas da classe trabalhadora, muitas vezes têm somente na escola a referência do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade. E ele precisa ser difundido.

Dessa forma, a dissertação percorre os caminhos da historiografia para reconstituir o Jogo da Morte, o cenário em que ele ocorreu, a construção da memória sobre a partida e finaliza com a sistematização de uma sequência didática, utilizando parte das fontes históricas pesquisadas. A proposta é que o conhecimento histórico seja produzido na prática com os estudantes em sala de aula.

A narrativa desse trabalho procura seguir um caminho de reflexão constante, imaginando o que pode ter influenciado ou não sobre o que ocorreu dentro do campo de jogo. Seguidamente retomaremos os termos “Jogo da Morte”, mas não com a intenção de consolidar tal ou qual versão do fato, mas provocar uma curiosidade constante sobre quem lê. Porque também é possível

---

<sup>1</sup> THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria. Rio: Zahar, 1981.

fazer assim na utilização do produto em sala de aula. Aguçar a curiosidade dos estudantes sobre o tema, mas apresentar as evidências em doses homeopáticas, sempre intercalando com a mediação do professor acerca dos conceitos e conteúdos necessários.

Ao final do produto, esperamos também dar um novo significado pedagógico à Segunda Guerra Mundial. A indústria cultural explora amplamente esse tema e, não raro, os estudantes chegam ao Nono Ano do Ensino Fundamental com diversos conhecimentos acerca da guerra. Contudo, há de se pesar que a maior parcela dos filmes e *games* produzidos tendo como cenário histórico esse conflito, evidenciam de uma maneira desproporcional os feitos da frente ocidental. Seja porque boa parte dos filmes consumidos pelos adolescentes são *hollywoodianos*, ou porque, em geral, os jogos eletrônicos sobre a Segunda Guerra tem como personagens centrais soldados dos EUA.

Até mesmo para compreender a empreitada brasileira da FEB na Europa é preciso reconhecer os esforços de guerra dos soviéticos diante da ameaça nazista. As derrotas impostas pelos soviéticos aos nazistas foram decisivas para frustrar os planos de Hitler de acessar territórios e recursos que permitiriam a continuidade do plano expansionista da Alemanha. A Batalha de Kursk em 1943, vencida pela URSS, iniciou um processo de recuo do nazismo que só terminaria em Berlim.

Partindo do fato histórico e do contexto em que ele ocorreu e perpassando pela condição do território ucraniano no decorrer da Segunda Guerra, o produto aqui proposto buscará dialogar com a pesquisa e a prática de ensino. Em síntese, o objetivo final dessa dissertação é apresentar um produto didático-pedagógico que permita a produção do conhecimento histórico em sala de aula, tendo como ponto de partida o “Jogo da Morte”, disputado em Kiev no verão de 1942.

Para tanto, é necessário compreender o contexto histórico da Ucrânia, desde o início da década de 1930. Afinal de contas, o “Jogo da Morte” é um fato histórico na rota de um conflito muito mais amplo do que o futebol: a disputa entre ucranianos nacionalistas e a resistência local, os conflitos entre soviéticos e nazistas, entre outros aspectos do conteúdo histórico da Segunda Guerra Mundial.



## 2. A GRANDE FOME NA UCRÂNIA: 1932-1933

A pesquisa dessa dissertação analisa a história da Ucrânia entre 1933 e 1942 no contexto em que se insere o episódio a que foi atribuída a alcunha de “Jogo da Morte”. O evento foi uma partida de futebol realizada em 9 de agosto de 1942, na cidade de Kiev, como parte de um campeonato amador organizado no verão daquele ano. O embate ocorreu entre um time composto, entre outros por ex-jogadores do Dínamo de Kiev, clube profissional que disputava o campeonato soviético nos anos 1930, contra uma equipe composta por militares da força aérea alemã, a Luftwaffe, em particular de sua bateria antiaérea dos arredores de Kiev.

O placar final deu o triunfo aos ucranianos – ou soviéticos, dependendo de quem se apropria do fato e constrói a narrativa – do F.C. Start por 5 a 3. O nome mítico dado à partida refere-se às narrativas que se sucederam, afirmando que todos os jogadores teriam sido assassinados, ainda vestindo os uniformes logo após o fim do jogo<sup>2</sup>. Como surgiram essas versões? A que interesses estavam servindo? O que, historicamente, ocorreu naquela partida?

Para o exame dos limites e possibilidades da reconstituição histórica desse evento, precisamos de uma análise mais ampla que buscará elementos na história da Ucrânia para compreender as especificidades da região que, em 1942 estava sob o jugo nazista, mas que também havia sofrido as consequências da imposição de políticas por Moscou na década anterior. Referimo-nos à coletivização forçada das terras que foi implementada em 1932-33, ocasião em que houve entre dois e três milhões de ucranianos mortos. Josef Stalin, chefe de estado da URSS havia estipulado uma nova meta de produção – a ser enviada para Moscou – para uma região que havia sofrido inúmeras baixas na mão de obra camponesa.

É fundamental a compreensão das consequências da coletivização para sociedade ucraniana, uma vez que se constata que houve celebração por uma parcela civil no momento da chegada dos alemães, de acordo com as referências da dissertação. Para compreender essa posição de uma parcela dos kievianos, é preciso retomar o processo de coletivização das terras

---

<sup>2</sup> DOUGAN. 2004. p. 185.

imposto por Moscou no início dos anos 1930. De acordo com Bettanin, a coletivização foi um episódio tenso e contou com uma forte resistência dos proprietários rurais. A cada nova safra, o governo soviético exigia uma cota maior de grãos que deixariam de alimentar os ucranianos. Dessa forma, os conflitos no campo e a escassez de alimentos provocaram milhões de mortes. Por isso, levantamos a hipótese de haver uma conexão entre as sucessivas crises agrícolas e a visão deturpada de que sob Hitler a vida não seria tão cruel como sob Stálin.

Após ter seu território anexado à Rússia Bolchevique em 1921, a Ucrânia compôs a URSS a partir de 1922. Contudo, não houve grandes transformações na principal área econômica ucraniana, a agricultura, até o final daquela década. A Ucrânia possuía uma tradição histórica na produção de trigo, chegando a abastecer boa parte do mercado europeu ocidental no período.

Quando Josep Stálin assume o poder em Moscou, a situação começa a se alterar. O primeiro plano quinquenal – parte do esforço para planificação da economia – propôs um rápido desenvolvimento industrial soviético, o que faria grande diferença no equilíbrio de forças posterior, durante a Segunda Grande Guerra. Mas para o campesinato ucraniano, as mudanças ocorreram em um passo mais lento. Somente no ano de 1929, como consequência do *Crash* da Bolsa de Nova Iorque, a situação começa a se alterar, com a abrupta queda no preço dos grãos. Isso impactou negativamente no processo de industrialização, porque os soviéticos exportavam grãos para importar equipamentos industriais.

Para os camponeses, essas alterações no cenário econômico internacional significavam a necessidade de ampliar a capacidade produtiva. Dentro da estrutura planejada, Stálin impõe uma política de coletivização das terras para *“estabelecer um sistema pelo qual as fazendas coletivas entreguem ao Estado e às organizações cooperativas todo o seu grão comercializável sob pena”*<sup>3</sup>. O rigor da ordem de Stálin, bem como a ameaça sobre aqueles que não cumprissem a meta de produção de grãos, deram o tom da nova ordem imposta aos camponeses ucranianos. Em consonância com a ideologia

---

<sup>3</sup> KRAWCHENKO. 1986. p. 16.

soviética de eliminação da classe proprietária, a URSS pretendia acabar com os *kulaks*<sup>4</sup> ucranianos enquanto segmento social, para construir o socialismo.

Antes de prosseguir, é preciso refletir brevemente sobre a contradição entre o processo revolucionário russo e o socialismo estendido à outros territórios da Europa Oriental: no caso da Rússia, a revolução partiu da base da pirâmide social, da classe trabalhadora urbana e rural e a tomada de poder representa a participação popular no processo político; nos territórios que fariam parte do Império Soviético, como na Ucrânia, a revolução veio do estrangeiro, muito mais relacionado a um expansionismo imperialista do que à um movimento genuinamente revolucionário, fruto da luta de classes.

Dessa forma, na correlação de forças para imposição de uma sociedade socialista, a luta contra os *kulaks*, potenciais contrarrevolucionários, desencadeou em uma política econômica para o campo que afetou pequenos, médios e grandes produtores rurais. Os *kulaks* verdadeiros, na referência correta aos latifundiários, já representavam uma pequena parcela da produção rural em 1930. O historiador Bohdan Krawchenko afirma que

*By Stalin's own admission, kulaks supplied only a fifth of the Soviet Union's marketable grain surplus (that is, grain not consumed in the countryside). The middle level and poor peasants furnished three-quarters of the total. The procurement campaigns of 1928 and 1929 had already crippled the richer peasants as producers. In 1929, in particular, the heavy fines imposed on the richer peasants, including the confiscation of the property of 33,000 households for the non-delivery of grain quotas, undermined the economic power of this sector of the peasantry.*<sup>5</sup>

Através de medidas que enfraqueceram os ricos proprietários rurais, a política de cotas de grãos a serem entregues à Moscou afetou a maior parcela dos camponeses. Como afirma Krawchenko, 75% dos grãos fornecidos pela Ucrânia saíram das terras de pequenos e médios proprietários. Esse é um importante elemento na reconstituição da futura ocupação nazista, uma vez que uma parcela da sociedade ucraniana se simpatizou inicialmente com os ocupantes.

---

<sup>4</sup>Kulak é um termo pejorativo usado no linguajar político soviético para se referir a camponeses relativamente ricos do Império Russo que possuíam extensas fazendas e faziam uso de trabalho assalariado em suas atividades. Em ucraniano usava-se para o mesmo caso o correspondente ucraniano da palavra "punho" ou "punho fechado", кúляк, transliterado kúlyak. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%BAlaque>. Acesso em: 06 de dez. de 2019.

<sup>5</sup> KRAWCHENKO, 1986. p. 16.

Os camponeses, de forma geral, viviam em péssimas condições. O rendimento médio anual girava na casa dos 200 rublos, frente 521 rublos dos trabalhadores urbanos em 1924<sup>6</sup>. Não seria simples, dadas as condições objetivas, classificar os *kulaks*. A definição era tão genérica que o simples fato de possuir um motor enquadrava o camponês como *kulak* para as autoridades soviéticas locais. E isso é bastante simbólico para a generalização do termo, uma vez que Krawchenko apresenta os dados sobre os tratores inutilizados, que chegariam a incrível taxa de 90% em setembro de 1932.

As fazendas coletivas, portanto, representavam apenas 25% da produção em 1930. E esse cenário seria rapidamente alterado, produzindo um gigantesco e catastrófico efeito sobre a população ucraniana. Não podemos cair no simplismo de transferir a responsabilidade única e exclusivamente à coletivização forçada das terras, mas há evidências históricas que permitem afirmar que ela potencializou, e muito, os efeitos da crise de fome na Ucrânia.

Entre 1926 e 1930 houve um incremento de 2,3 vezes dos repasses agrícolas ucranianos à Moscou, o que representou, ao final do período, 27% do total de grãos colhidos em toda URSS. Após esse período de crescimento produtivo, a crise que começa a se instalar já apresenta sinais do colapso da produção agrícola após o início da coletivização.

Como o processo de coletivização veio através da força do Estado, houve resistência e um grande indício disso são os relatos de que muitos camponeses preferiram matar seus animais para não entregá-los ao poder estatal. Krawchenko apresenta dados relativos à queda vertiginosa de animais, que sistematizamos a seguir.

*Tabela 1: Animais nas áreas rurais da Ucrânia: 1928-1933*

	<b>1928</b>	<b>1933</b>
<b>Gado suíno</b>	7 milhões	2,1 milhões
<b>Gado bovino</b>	8,6 milhões	4,4 milhões

Considerando que as condições em que trabalhavam os camponeses ucranianos no período eram precárias e o gado também servia como força motriz, além do impacto social provocado pela queda na produção de carne,

<sup>6</sup> KRAWCHENKO, 1986. p. 17.

haveria dificuldade para movimentar o rudimentar maquinário agrícola. A ampliação do uso de tratores seria um atenuante para a situação, mas como já dissemos, havia poucos tratores em estado de uso. Não obstante, cada fazenda coletiva possuía, em média, apenas um trator. E o processo de substituição desse equipamento era extremamente burocrático e lento. As fazendas coletivas e os tratores nem faziam parte da mesma estrutura estatal, uma vez que os últimos estavam vinculados à Estação Trator-Máquina - Машинно-тракторная станция, em russo –, estatal responsável pela propriedade e manutenção de máquinas agrícolas.

Os efeitos foram tão negativos que, ao final de 1930, 78% das fazendas coletivas não pagaram sequer o “dia trabalhado”, calculado em quilogramas de produção alimentícia, que representava na Ucrânia apenas metade do valor pago aos camponeses russos.<sup>7</sup> A centralização do poder soviético representou também uma repressão a alternativas agrícolas. Krawchenko afirma que, em 1932, um grupo que representava fazendas coletivas chegou a solicitar permissão para produzir centeio, no lugar do trigo. A resposta de Moscou veio rápida e duramente: “esses portadores do sentimento anti-trigo devem ser punidos”.<sup>8</sup>

Para o historiador canadense, com ascendência ucraniana, foi a conjunção dos fatores anteriormente mencionados que produziram a grave crise de fome, mais acentuada entre 1932 e 1933. E o final desse ciclo foi possível porque Moscou diminuiu drasticamente a cota de grãos a serem repassados pela Ucrânia. Não o fez, contudo, sem resistência anterior.

*It was during the August 1932 harvest that the infamous law was passed stipulating the death penalty and, under exceptional circumstances, a ten-year sentence in a labor camp, for ‘theft of socialist property’. Visiting assizes of the regional court of Dnipropetrovski oblast, for example, sentenced peasants to the firing squad for the theft of a sack of wheat. Ukrainian farmers became ‘the most numerous’ among ‘political offenders’ in the Soviet Gulag. According to the most recently available information, in early January 1933, 75 per cent of the grain quotas was fulfilled, that is 4.7 million tones. This left the average peasant family with 80 kilogrammes of grain with which to feed itself for a year.<sup>9</sup>*

---

<sup>7</sup> Idem Ibid. p.20.

<sup>8</sup> Idem Ibid. p 20.

<sup>9</sup> Idem Ibid. p 21.

A prisão de diversos camponeses e a escassez de alimento aos que permaneceram nos campos agrícolas produziram um ciclo de mortes. Em 1934, Moscou reduziu para 5 milhões de toneladas a cota ucraniana, como resposta ao cenário de resistência à coletivização forçada e ao desastre econômico na agricultura ucraniana. E, não fosse tal redução, naquele ano a crise de fome se aprofundaria, uma vez que a colheita foi de 12,3 milhões de toneladas, frente os 22,3 milhões de toneladas da safra anterior.

O impacto foi tremendo. Como um bom historiador social, Krawchenko retrata a situação de uma vila camponesa que representa os desdobramentos do processo de coletivização

*“What happened in the village of Pleshkan in the Poltava district was typical. Prior to the famine the village had 2,000 inhabitants. Only 982 people survived by eating everything, all the dogs and cats, the bark of trees, all sorts of roots. There was a school in the village before 1932-3, with all four rooms filled with children left to attend it.”<sup>10</sup>*

Portanto, como os reais *kulaks* haviam desaparecido em 1933, os maiores afetados pelos efeitos agrícolas negativos da forma como foi conduzida a coletivização das terras, foram os pequenos e médios produtores. Foi nesse cenário que morreram entre 2 e 4 milhões de ucranianos, a depender da fonte consultada. Independentemente do número absoluto de mortes, que é parte da disputa pela memória, Krawchenko demonstra como a vida de todos foi afetada. A luta pela sobrevivência foi árdua, o que os levou a se alimentar até de cães e gatos. É impactante o relato de que após a crise de fome, a vila de Pleshkan ter dificuldades em atender as crianças, o que pressupomos que seja devido à alta mortalidade gerada pela Grande Fome.

Esse cenário que procuramos reconstituir produziu um terreno fértil para a crença de que os alemães libertariam a população ucraniana dos desmandos russos, quando se iniciou a Segunda Guerra. E esse sentimento foi compartilhado por alguns ucranianos, o que ficou evidente no momento da entrada dos invasores nazistas, saudados por certos indivíduos como libertadores da Ucrânia.

---

<sup>10</sup> Idem, *ibid.* 1986, p. 22.

### 3. ECONOMIA, EFICÁCIA MILITAR E A UCRÂNIA NA ROTA DE COLONIZAÇÃO NAZISTA

Os reflexos, positivos ou negativos da presença imperialista alemã na Ucrânia são resultado de um jogo de xadrez geopolítico, alicerçado em questões econômicas. A concepção teórica para essa análise é o trabalho de Paul Kennedy na obra *Ascensão e Queda das Grandes Potências*. Através da obra, pretendemos interpretar o cenário geral da Segunda Guerra e seus antecedentes, tendo como recorte histórico a intrínseca relação entre economia e eficácia militar, como se desdobraram os acontecimentos no Leste Europeu e de que maneira a Ucrânia era *locus* estratégico para o Estado Nazista alemão. O autor também descreve o projeto de poder alemão e o papel, nele, reservado à Ucrânia: como território na rota das reservas de matéria prima, tão necessários à indústria bélica, a Ucrânia foi parte do corredor de ocupação alemã para obtenção das reservas petrolíferas soviéticas situadas mais adiante no Cáucaso.

Não obstante, é preciso considerar as situações às quais estavam sujeitas sociedades da Europa Oriental, submetidas à diferentes ocupações, anteriormente sob a Rússia Comunista e no início da II Guerra da Alemanha Nazista. As questões que Kennedy elabora em sua pesquisa vão ao encontro da aproximação entre o poder econômico e estratégico – leia-se a capacidade de converter a produção para fins militares. A inovação proposta é a relação entre esses pólos de poder. Para tanto, o autor defende que as vitórias em conflitos bélicos são resultado de

*prolongada luta de suas forças armadas; mas também da utilização mais ou menos eficiente de seus recursos produtivos em tempo de guerra e, com menos destaque, da maneira pela qual sua economia vinha crescendo ou decaindo, em relação às outras nações importantes, nas décadas que precederam esse conflito.*<sup>11</sup>

Isso implica dizer que o sucesso militar está relacionado em parte à capacidade de cada Estado utilizar seus recursos – internos ou pilhados de áreas antes já conquistadas por consequência do desenvolvimento econômico

---

<sup>11</sup> KENNEDY, 1989. p. 1.

– para produção da guerra. Para tanto, o autor analisa, os casos das grandes potências que se envolveram na Segunda Grande Guerra. Ilustrando a metodologia de Kennedy, no caso específico da Itália, esse olhar do historiador o leva à análise de que havia pouquíssimas chances do país figurar entre os vencedores, uma vez que o prolongado conflito na Abissínia e a intervenção na Guerra Civil Espanhola causaram prejuízo à economia, reduzindo as reservas do Banco da Itália a quase nada, dentre outros fatores. Para sustentar a interpretação historiográfica, Kennedy apresenta evidências de que havia, entre os Aliados, quem achasse que a entrada da Itália no conflito ao lado do Eixo, tornaria aquele bloco mais frágil. Dessa forma, o autor aplica seu método de pesquisa, apresentado na introdução da obra, em um caso concreto.

Para aprofundar essa questão, afirma que *“a riqueza é geralmente necessária ao poderio militar, e este por sua vez é geralmente necessário à aquisição e proteção da riqueza.”*<sup>12</sup> Kennedy procura estreitar a relação entre riqueza e guerra – economia e conflitos militares –, demonstrando que a ascensão e queda das grandes potências são processos que ocorrem, também, na relação entre elas.

De acordo com Kennedy, o fortalecimento das Forças Armadas na Alemanha foi tão súbito que não encontrou nenhum paralelo nos concorrentes entre as potências industrializadas. Contudo, no campo econômico a Alemanha sofreu com pesados golpes na década de 1920 e isso terá efeito durante os preparativos para Segunda Guerra. Somando ao fato de que *“cada setor das Forças Armadas organizava a sua expansão à toque de caixa, realizando novas metas [...] e, em seguida competindo pelas verbas de investimento de capital e especialmente de matérias primas”*<sup>13</sup>, o cenário para o equilíbrio entre produção industrial e indústria de guerra está longe do ideal.

Paradoxalmente, a Alemanha criou condições para que a indústria bélica gerasse a necessidade permanente da guerra para sua auto reprodução. Havia também metas megalomaníacas como a da Luftwaffe que planejava, em 1942, possuir 19 mil aviões, o que exigiria *“85 % da produção mundial de petróleo existente”*<sup>14</sup>. Kennedy afirma que as exigências feitas pela acumulação

---

<sup>12</sup> KENNEDY, 1989. p. 2.

<sup>13</sup> KENNEDY, 1989. p. 296.

<sup>14</sup> OVERY. 1996, p.19.



de armas levou a Alemanha a reduzir a destinação de matérias primas para as Forças Armadas em janeiro de 1939, uma vez que a economia “travava uma batalha de exportações para conseguir divisas estrangeiras”<sup>15</sup>.

As anexações da Áustria e dos Sudetos na Tchecoslováquia garantiram ao Estado Nazista maior quantidade de matéria prima e o próprio discurso de Adolf Hitler, assentado na teoria do espaço vital – que justificaria a tomada dos territórios reivindicados pelos alemães por motivos econômicos e arqueológicos –, conduziu a Alemanha à invasões mais audaciosas. Destas, a mais importante seria a invasão da URSS. O “Jogo da Morte” ocorre em um território em que o expansionismo de Hitler teria grandes dificuldades para conquistar o território soviético.

Mas as percepções sociais à época da invasão alemã à Ucrânia não foram de uma repulsa veemente aos nazistas. Ao contrário, Kennedy apresenta resumidamente e de forma bastante enfática a presença de colaboracionistas naquele território eslavo, incluindo: “até o tratamento espantosamente estúpido e criminoso dos ucranianos e de outras minorias não-russas na URSS, que se sentiram felizes em sair do jugo stalinista, até que as atrocidades nazistas as fizeram recuar”<sup>16</sup>.

Há evidências de que no ínterim entra a evacuação soviética e a chegada dos nazistas, a vida social em Kiev retomou a “normalidade” e as instituições educacionais foram a bandeira da OUN – Organização dos Ucranianos Nacionalistas ou Організація Українських Націоналістів em ucraniano – para retomada, ainda que efêmera da existência do Estado Nação ucraniano anterior a criação da URSS. Contudo, esses movimentos não tiveram sobrevida com a chegada dos alemães. Seriam, paulatinamente, sufocados e teriam limites impostos pela hierarquia social nazista.

O contexto geopolítico dos anos 1930 e 1940 colocaram a Ucrânia na rota do choque de Alemanha e União Soviética. Como o “jogo da morte” foi disputado durante o período de domínio nazista, é necessário analisar o projeto hitlerista do *lebensraum*<sup>17</sup>, que considera não apenas as necessidades

---

<sup>15</sup>KENNEDY, 1989. p. 297.

<sup>16</sup>KENNEDY, 1989. p. 335.

<sup>17</sup> Um dos pilares do nazismo, o *lebensraum* ou “espaço vital” era o território necessário para o desenvolvimento econômico e social dos alemães. Como esse conceito implicava em garantias

econômicas do expansionismo do *III Reich*, mas também auxiliam a reconstituição do ideário social projetado pelos nazistas na Ucrânia. Essa última análise ocupa lugar central nos motivos que levaram as autoridades de Kiev a permitir a realização do torneio de futebol no verão de 1942, e a partir do contraponto a esse ideário – conjecturamos a hipótese de os jogos oferecerem aos kievianos que foram subjugados pelos alemães uma esperança de derrotar num sentido simbólico os nazistas.

Para compreender o contexto histórico que é o pano de fundo – e ao mesmo tempo, que permitiu a realização do jogo e a posterior construção de narrativas acerca do fato – é indispensável que possamos reconstituir as intenções do Estado Nazista germânico para com as terras ucranianas. Os nazistas não proferiam discursos que distinguiam racialmente os diversos povos eslavos, contudo a condição econômica do território ucraniano permitiu tratamentos específicos, seja no desprezo à intelectualidade local, ou mesmo nas alianças estabelecidas com os ucranianos colaboracionistas.

Para os nazistas de forma geral e mais especificamente para o *Fuhrer*, a história é um instrumento ideológico que justifica suas pretensões e ações expansionistas. Fontes históricas que comprovam que os nazistas forjaram um antissemitismo “nacional” através da literatura infantil e infanto-juvenil já estão presentes nos livros didáticos do PNLD<sup>18</sup>. Todavia, o uso da história colonial dos Estados-nação modernos como parâmetro para colonização nazista ainda é pouco explorado. Assim, pretendemos demonstrar que o nazifascismo se apropriou da história de outras nações, inclusive de inimigos do Eixo, para efetivar o processo de ocupação. Ainda assim, como o recorte histórico dos nazistas é diferente dos processos coloniais anteriores, buscaremos sustentar que o modelo de ocupação alemã na Ucrânia teve características próprias.

Mesmo estando em lados opostos da Segunda Guerra Mundial, o alto escalão nazista se inspirou nos britânicos e estadunidenses quanto a táticas

---

para o povo alemão, os habitantes dos territórios ocupados estavam, cada vez mais, lançados à condição de sub-humanos.

<sup>18</sup> O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acesso em: 02 de fev. de 2021.

para ocupação dos territórios eslavos. É o que relata o historiador Samuel Schneider na obra *Hitler conquista a União Soviética: origens do imperialismo nazista*, lançado em 2019.

A obra reconstitui uma série de diálogos de Hitler e seus homens de confiança e evidencia a admiração aos métodos que os ingleses utilizaram em seus territórios coloniais no continente africano. Para os imperialistas industriais do século XIX, a eugenia classificava os negros como “raça” menos desenvolvida. Os nazistas beberam das águas do racismo científico, mas tinham um arquétipo ideológico próprio para a estratificação de seres humanos.

Os nazistas partiam da premissa que a nacionalidade era o fator determinante para o desenvolvimento intelectual e, em um discurso que justificava atrocidades contra seus adversários ideológicos, inferiorizavam qualquer grupo que representasse uma resistência, ainda que em potencial. Assim, os eslavos foram descritos e tratados como raça selvagem, que precisava ser dominada, como os europeus fizeram com os africanos após a Conferência de Berlim. Sobre esse ponto, em específico, os discursos dos mandatários nazistas estavam bastante alinhados.

*“A Rússia é a nossa África, e os russos são os nossos negros’. Hitler afirmou isso ao futuro ministro da República Federal da Alemanha, Theodor Oberländer, numa reunião em julho de 1941, empolgado pelas primeiras vitórias contra o Exército Vermelho. [...] Na Ucrânia, o comissário nazista, Erich Koch, continuamente anunciava que os nativos deviam ‘ser tratados com o chicote, como os negros’, de preferência chicoteados em público. Koch chegou a declarar: ‘Nenhum soldado alemão jamais morrerá por esse povo de negros’, acrescentando que sempre que encontrava um ucraniano inteligente, sentia-se na obrigação de fuzilá-lo”<sup>19</sup>*

A hierarquia social, praticada no Leste Europeu, classificava os ucranianos – e demais povos eslavos – como sub-humanos, reduzindo-os a meros trabalhadores sem direitos. Nesse ponto, os alemães se diferenciavam do modelo neocolonial europeu na África e Ásia, uma vez que dispensavam as missões filantrópicas e “humanitárias” das últimas décadas do século XIX. O modelo neocolonial implementado na África e na Ásia apresentava uma contrapartida às populações sob o jugo dos dominadores: a tentativa de civilizar os povos tidos como inferiores era levada à cabo por missões

---

<sup>19</sup> SCHNEIDER. 2019. p. 64.

religiosas cristãs e discursos de superioridade da racionalidade moderna europeia.

Não há evidências de que os nazistas pretendiam levar o modelo civilizatório para Eurásia ocupada. Pelo contrário, como o nazismo está alicerçado ideologicamente em questões de herança biológica, essa corrente do fascismo nega a possibilidade de transferência cultural do centro do império para a periferia. Dessa forma, utilizando uma narrativa similar àquela empregada por ingleses e franceses nas possessões coloniais africanas, a prática adotada pela *III Reich* nas terras eslavas era tão brutal e opressiva no tratamento da população local que a associação de “russos” a africanos reverberou mesmo em indivíduos menos influentes da ocupação.

*“Numa carta para sua mãe, por exemplo, o soldado Hans-Albert Giese reprovou aldeões russos como ‘negros do mato’, ‘uma gentinha pior que os ciganos’, cujas casas eram mais insalubres que os estábulos das vacas alemãs. Ele se referia ao atraso e à sujeira dos russos, que não tinham banheiros no padrão ocidental. Outros preferiam humilhar os ucranianos como ‘negros brancos’: pessoas que frequentemente eram até loiras, mas cuja inteligência estava num patamar subsaariano.”<sup>20</sup>*

A inferiorização dos não arianos é um instrumento de dominação racial que faz parte do projeto nazista de colonização nas regiões conquistadas. A ênfase dado pelo soldado alemão à falta de higiene das populações eslavas ecoava o discurso higienista e eliminacionista do nazismo de extermínio dos sujeitos considerados como incapazes – seja em aptidão física ou intelectual. A propaganda nazista e a construção de um orgulho racial alemão desdobrou no discurso de ódio contra judeus, eslavos, ciganos, etc. Mas esse não é o objetivo da colonização. Outrora, havia a necessidade de explorar economicamente a região colonizada, extrair recursos minerais e energéticos e abastecer os industriais na metrópole. Dessa forma,

*“Quando soube que borracha já estava sendo cultivada na região ucraniana de Kharkov, Hitler disse até que preservaria algumas das fazendas coletivas soviéticas, criadas por Stálin nos anos 1930. Elas funcionariam de modo ainda mais brutal num sistema de plantation inédito na Europa.”<sup>21</sup>*

---

<sup>20</sup> SCHNEIDER. 2019.p. 95

<sup>21</sup> SCHNEIDER. 2019.p. 68.

As intenções dos nazistas na exploração econômica de suas possessões após 1939 estão evidentes no relato acima. Até mesmo por estar alijada da posse de colônias desde a derrota na Grande Guerra, imposta pelo Tratado de Versalhes, a Alemanha nazista vislumbrou a oportunidade de controlar vastos territórios coloniais, geopoliticamente mais vantajosos do que as colônias anglo-francesas na África. Como qualquer guerra expansionista desenvolvida no modo de produção capitalista, as conquistas militares abriram espaço para ampliação dos lucros do capital. Assim, a experiência histórica do imperialismo alemão até a Primeira Guerra foi utilizada para o desenvolvimento econômico da Ucrânia como colônia germânica.

*“Em 1942 a Companhia Togo, que plantara algodão com um sistema de plantation na colônia africana de Togo, foi reconstituída com mais capital – desta vez para modernizar a agricultura na região de Zhytomyr, na Ucrânia. Também na Polônia, antigas companhias comerciais sediadas nos portos alemães de Hamburgo e Bremen foram encorajadas a buscar novos mercados. E agricultores alemães da atual Tanzânia, alemã até 1919, foram convocados como pioneiros-modelo na região polonesa da Posen. Todo esse oportunismo da iniciativa privada foi excitado pelo rápido avanço militar, que atingiu os longínquos campos de petróleo soviéticos no Cáucaso. Mesmo assim, executivos de companhias como Deutsche Bank e Daimler-Benz mostraram pouca animação, fazendo uma leitura mais realista do potencial bélico inimigo em todo o mundo.”<sup>22</sup>*

Guardadas as diferenças entre o discurso nazista aos detentores do capital alemão e as reservas destes quanto à estabilidade da dominação territorial a leste de Berlim, é possível afirmar que os capitalistas vislumbravam o crescimento vertical de suas margens de lucro com a ocupação dos territórios eslavos. Isso pode ser percebido por dois aspectos.

Em primeiro lugar, porque os recursos minerais e energéticos da região serviriam tanto ao aumento das atividades industriais quanto à maior exigência do Estado alemão para produção de guerra. Isso é como um círculo vicioso quando o Estado promove a ocupação territorial para se tornar o maior império da Terra. Utilizando uma base teórica de Kennedy, a capacidade de transformação econômica indústrias alemãs para produção da guerra seria de fato colocada à prova.

Até mesmo por isso, podemos compreender as posições não tão otimistas da burguesia germânica. É fato que a capacidade produtiva alemã

---

<sup>22</sup> SCHNEIDER. 2019, p. 84.

nunca estaria próxima das pretensões megalomaniacas da alta cúpula nazista. E como capitalistas, estavam observando os movimentos econômico-militares dos Aliados. Ainda assim, a proximidade territorial da nova colônia alemã era geopoliticamente muito mais interessante do que os longínquos territórios coloniais perdidos ao fim da Grande Guerra.

Em um segundo aspecto, como consequência do primeiro, haveria necessidade de maior número de trabalhadores nos parques industriais germânicos e os eslavos serviriam como mão de obra a ser explorada. E em uma economia capitalista, indiferente da origem étnica ou social, o que inclui também a indiferença quanto às condições de trabalho do operariado, mais trabalhadores significa aumento da capacidade produtiva. E o Estado, como serviçal da burguesia, recrutaria essa força de trabalho na colônia.

É evidente que em uma sociedade complexa e cheia de contradições, o aumento da exploração da classe trabalhadora cria um potencial explosivo para revoltas e contestações. Para minimizar esse risco, o Partido Nazista havia neutralizado os sindicatos e os substituído por uma instância estatal denominada Força para o Trabalho – *Deutsche Arbeitsfront, DAF*. Isso mantinha o controle sobre os trabalhadores alemães. No caso dos trabalhadores estrangeiros, transportados em vagões de carga para as fábricas alemãs, o tratamento a que estavam submetidos visava à desumanização desses indivíduos.

Mas a resistência tem diversas roupagens. Mesmo que consideremos que a migração voluntária de ucranianos só durou até chegarem informações do nível de exploração durante a viagem e naquelas fábricas – como relatado por Andy Dougan em sua obra –, a diminuição de voluntários também se caracteriza como uma forma de resistência. Ainda que seja em função de sobrevivência, os indivíduos que não se dispuseram a ir, por livre e espontânea vontade, criaram a necessidade das autoridades imporem a migração forçada. Isso não contribuía, de forma alguma, para aparência de normalidade na Ucrânia ocupada.

Evidências da política migratória dos nazistas para os ucranianos podem ser encontradas em algumas edições do *Novo Ukrainski Slovo*. Essa tentativa de atrair trabalhadores, publicada naquele jornal no dia 11 de janeiro de 1942, em que há um anúncio para recrutar ucranianos como trabalhadores

na Alemanha, parece ter atraído um contingente significativo de ucranianos. Andy Dougan afirma que

*“O primeiro trem deveria partir em 28 de janeiro. O inexorável tom de exaltação do anúncio do jornal fez a oferta soar como infalivelmente atraente. Muitos, sem dúvida, suspeitaram dela, mas um número grande ficou seduzido por falsas promessas de alimentação diária e moradia segura. No dia 22 de janeiro, o trem já não tinha mais lugares disponíveis.”<sup>23</sup>*

Esse relato se refere à primeira ação da administração nazista na Ucrânia de recrutamento de mão de obra entre a população local. Pelas palavras do jornalista escocês a propaganda surtiu o efeito desejado, ao menos nas primeiras levas de trabalhadores levados ao território alemão.

Nesse sentido, há de se considerar que havia um ressentimento no seio no segmento dos pequenos proprietários kievianos com a administração de Moscou na Ucrânia, o que foi realçado após as crises agrícolas de 1932 e 1933. Mas as promessas de boa vida na Alemanha desmancharam-se, tal qual um castelo de areia, assim que as primeiras informações das condições de trabalho começaram a chegar aos territórios eslavos.

Sustentamos essa hipótese com o prosseguimento dos relatos de Dougan, que afirma que o próprio Adolf Hitler emitiu uma ordem, no dia 21 de março de 1942 à administração local para

*“que fornecesse por ano 450 mil operários da Ucrânia. A reação da Alemanha à falta de voluntários foi simplesmente tornar a operação obrigatória. Em 21 de março, Hitler emitiu a ordem que tornava compulsório o registro de todas as mulheres de 16 a 45 anos sem filhos, e daquelas cujos filhos tinham mais de 16 anos, para que elas pudessem ser mandadas para trabalhar na Alemanha.”<sup>24</sup>*

Isso significa que os trabalhadores voluntários não impactariam na necessidade econômica da indústria de guerra alemã. Somente por essa razão, os nazistas perceberam que precisariam migrar do convite para a convocação. Contudo, os povos eslavos foram tratados de maneira tão hostil que suscitaram críticas, inclusive, entre os nazistas. Samuel Schneider apresenta um memorando datado de 1942 em que Otto Bräutigam, assessor do ministro do Leste, Alfred Rosenberg, reclama das condições a que são

---

<sup>23</sup> DOUGAN. 2004, p. 81.

<sup>24</sup> DOUGAN. 2004. p. 82.

submetidos os cidadãos soviéticos levados como trabalhadores para as fábricas alemãs.

Nessa fonte histórica, o nazista associa, de maneira crítica, os trens de carga usados no transporte de trabalhadores aos navios negreiros do período colonial, ao afirmar que o nível de crueldade alemã “provavelmente tem origem nos períodos mais sombrios do tráfico de escravos”<sup>25</sup>. A preocupação de Bräutigam não parece ter qualquer caráter humanitário, mas a reflexão é parte da prevenção de possíveis distúrbios de resistência, pois estabelece relações entre as colonizações greco-romanas na Antiguidade Clássica e britânica na Índia, afirmando que “os ingleses conseguiram a colaboração de súditos, algo que recomendava como emergencial ali”<sup>26</sup>.

À medida que a ocupação alemã na Ucrânia foi se tornando permanente, a violência contra os habitantes locais cresceu vertiginosamente. E isso não ocorreu sem a participação de parcelas da população de Kiev, inclusive no assassinato de judeus. De acordo com Schneider,

*“Às vezes voluntariamente, os ucranianos se envolveram nas atividades mais vis, inclusive no Holocausto. Ajudaram a reunir judeus que foram fuzilados ou mandados para campos de extermínio, e muitos realizaram massacres por conta própria. Nos pogroms, causavam surpresa nos alemães por matarem com canos de chumbo, porretes, machadinhas e facões, uma vez que normalmente eram proibidos de portar armas. A alcunha dada aos policiais-auxiliares ucranianos que participariam da destruição do gueto de Varsóvia era ‘askaris’, um termo antes aplicado às tropas mercenárias alemãs com os nativos da África.”<sup>27</sup>*

Essa participação ativa de ucranianos no holocausto pode ser interpretada como alinhamento de indivíduos aos valores do racismo e eugenia não existiria caso o sentimento nacionalista não tivesse representatividade naquela sociedade. Expressão dos movimentos fascistas da Europa nas décadas de 1930 e 1940, as milícias nacionalistas também tiveram lugar entre os ucranianos. Krawchenko traz à tona números significativos de milicianos:

*“In the Volhynia the Ukrainian Insurgent Army (Ukrainska povstanska armia or UPA) was established in 1941. By 1942 it had 15,000 men under arms and controlled a liberated zone of some 50,000 square kilometres and two million people. By 1943, after the UPA had come under control of*

<sup>25</sup> SCHNEIDER. 2019. p. 68.

<sup>26</sup> SCHNEIDER. 2019. p. 69.

<sup>27</sup> SCHNEIDER. 2019. p. 66.



*the OUN-B, the UPA began to extend its operations to Galicia. By 1944 the UPA had approximately 40,000 members. In Eastern Ukraine, on the other hand, apart from a few forways by the UPA and the emergence of small 'independent' guerilla detachments that were either quickly absorb or, more often than not, destroyed by Soviet partisan formations, the resistance movement did not take the form of armed struggle.*<sup>28</sup>

A divisão cultural e política na Ucrânia, com o leste sob maior influência ideológica de Moscou, como comprovado pela emergência de guerrilhas *partisans*<sup>29</sup>, e a área ocidental – onde se localiza Kiev – com maior adesão ideológica ao nacionalismo – comparado à região oriental –, pode ser claramente percebida no relato anterior.

Em agosto de 1941, Kiev estava praticamente tomada pelos alemães. E a violência contra a população local, crescia, a cada dia da colonização. O mês de setembro daquele ano foi um marco para o extermínio em massa, que caracterizaria o nazismo na História. Entre 29 e 30 de setembro, todos os judeus que habitavam a cidade foram convocados, de acordo com o documento apresentado por Andy Dougan:

*“Na segunda-feira, 29 de setembro de 1941, todos os judeus da cidade de Kiev e das áreas circundantes devem comparecer às 8:00 horas à esquina das ruas Melnikovskaya e Dokhturovsky. Devem levar consigo documentos, dinheiro, objetos de valor, assim como agasalhos, roupas de baixo etc. Os judeus que não cumprirem esta ordem e forem encontrados em outros lugares serão fuzilados. Os cidadãos que ocuparem as casas deixadas pelos judeus e roubarem seus pertences serão fuzilados.”*<sup>30</sup>

A política de solução final, com o extermínio de toda a população judaica não havia sido implantada em nenhuma outra capital sob o domínio nazista. O memorial de Babi Yar, local para onde os judeus foram levados, traz em seu *site* um relato do que ocorreu entre 29 e 30 de setembro de 1941.

*“All day on September 29, Jewish men, women, and children, along with non-Jewish spouses and other close friends and relatives, streamed toward*

<sup>28</sup> KRAWCHENKO. 1986. p. 29-30

<sup>29</sup> Os *partisans* eram membros de grupos de resistência à ocupação nazista. O termo, que surgiu durante a Segunda Guerra Mundial e se imortalizou na memória da classe trabalhadora com a canção *Bella Ciao*, era bastante utilizado também no leste europeu. Em outra região eslava, a Iugoslávia, os *partisans*, liderados por Josip Tito, constituíram a principal resistência às forças do Eixo. O termo deu origem à criação de um clube de futebol, o Partizan Belgrado, originalmente ligado ao exército iugoslavo. Aliás, no território dessa antiga república socialista, a maior rivalidade é entre o Estrela Vermelha e o Partizan Belgrado. O primeiro estava ligado diretamente ao Partido Comunista local.

<sup>30</sup> DOUGAN. 2004. p. 78.

*the designated street corner, where they were told to keep on going. Upon reaching the cemeteries on the edge of town, they were divided into small groups, who, one by one, entered a vicious gauntlet of Germans bearing sub-machine guns who herded them into a cordoned off area. There, men who spoke Ukrainian forced them to remove most of their clothes. The Jews were sent into the ravine and were shot. When darkness fell, those Jews who had not yet been shot were pressed into garages, only to be shot the next day. According to Einsatzgruppen Report Number 106, dated October 7, 1941, Special Command 4a, with the staff company of Higher SS and Police Leader South Russia, and Police Battalions 45 and 303, in coordination with the Wehrmacht, shot 33,771 Jews on September 29-30, 1941 at Babyn Yar. The Babyn Yar massacre is the one mass Nazi shooting of Jews during the Holocaust that the general public outside Ukraine and Russia tends to have heard about. During the Holocaust in the 'east' represented by Babyn Yar, the vast majority of Jews were slain in mass shootings, near their homes and within a short span of time—days, weeks, or at most months. In addition, Jews were killed through gassings, starvation, burning, beatings, or live burial.”<sup>31</sup>*

Apesar do relato anterior não enfatizar, havia no local a presença de forças policiais ucranianas. *Aqueles que falavam ucraniano*, como o documento afirma, provavelmente eram ucranianos nacionalistas ou simpatizantes do nazismo. Esse detalhe é apresentado por Andy Dougan e corroborado por uma série de fontes posteriores ao jogo da morte, quando diversos relatos afirmam que havia ucranianos – até mesmo entre os jogadores de futebol – que serviram aos interesses da *Wehrmacht*. Esse tema, a participação de uma parcela dos habitantes locais nos crimes contra humanidade parece ser um tabu até hoje. Quando chegarmos à construção das narrativas sobre o “Jogo da Morte”, perceberemos o quão delicado esse assunto ainda é, para a Ucrânia.

Em outubro de 1941, as cenas nas ruas de Kiev já eram de horror. Trazemos, como evidência, um documento fotográfico datado de 1 de outubro de 1941. A fotografia mostra corpos jogados nas ruas de Kiev. Ao fundo, aparentemente civis caminham, carregados de objetos pessoais. A cena foi registrada pelo soldado nazista Johannes Hähle, e mantida em segredo até mesmo dos oficiais. Posteriormente, Hähle foi transferido para as divisões que lutavam no norte da África, Bélgica e França. Morto pelas tropas aliadas próximo à Caen, no noroeste francês, essa foto, foi confiscada, junto com outros documentos, pelas forças militares estadunidenses. Atualmente se encontra no *Hamburg Institute for Social Research*, na Alemanha.

---

<sup>31</sup> Disponível em: <http://babynyar.org/en/byhmc/historical/exploremap>. Acesso em: 28 de mar. de 2020.

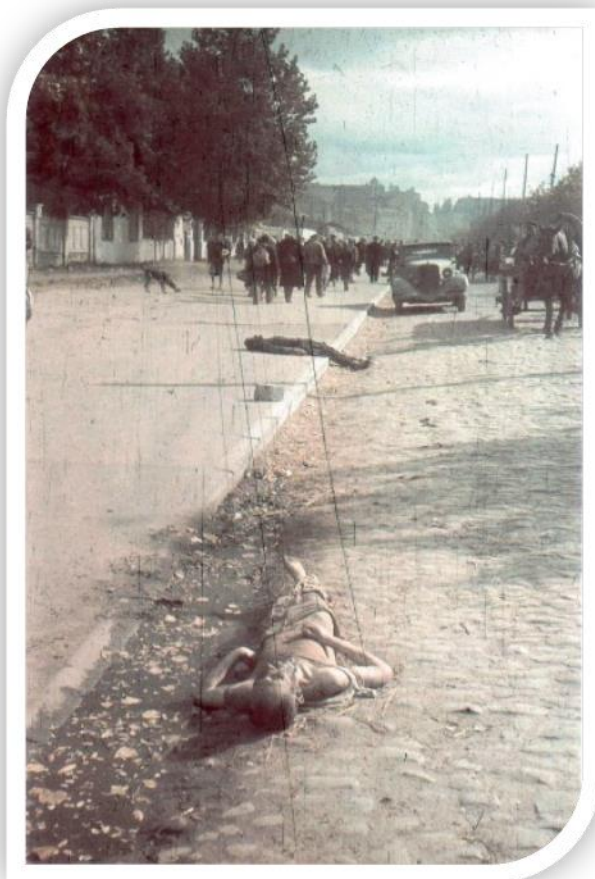


Figura 1: Corpos nas ruas de Kiev. Disponível em: [https://ww2db.com/image.php?image\\_id=26358](https://ww2db.com/image.php?image_id=26358). Acesso em: 18 de nov. de 2020.

Esse foi o clima social a que a Ucrânia estava submetida com a presença colonial nazista. Contudo, por ora o que nos interessa é a presença em Kiev de forças nacionalistas que apoiavam os invasores e também de resistência. E isso se desdobrou no torneio amador de futebol.

#### 4. O FUTEBOL NA UCRÂNIA-COLÔNIA: FC START COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

O personagem Georgi Shvetsov é uma figura central na organização do torneio de futebol que ocorreu no verão de 1942, em Kiev. Antigo esportista que não alcançou sucesso no futebol e foi rejeitado pelo Dynamo local, parecia guardar ressentimentos da política a que o clube estava associado. Suas posições pessoais, antissemita e anti-russo, estavam alinhadas com a linha editorial do jornal *Novo Ukrainski Slovo* e isso abriu portas para que Shvetsov torna-se colunista esportivo daquela publicação. Andy Dougan apresenta uma coluna assinada por Shvetsov

*“Com a permissão do Stadkommissariat e a ajuda das autoridades municipais, nossa vida esportiva está voltando à normalidade. O primeiro time de futebol, chamado Rukh, já está organizado, e vários outros clubes estão se formando em diferentes fábricas e unidades militares. Por exemplo, a padaria já formou seu clube e conta com alguns dos melhores jogadores de futebol da cidade. No domingo 7 de junho, às 17h30min, no Palácio do Esporte, será realizada uma partida entre o Rukh e a padaria, e às 14h um outro jogo, entre o regimento local da Luftwaffe e um time do serviço de intendência de uma das divisões. A entrada é franca.”<sup>32</sup>*

As convicções de Shvetsov estavam explícitas no nome que deu a seu clube. Rukh que é transliteração do termo cirílico *Рухом* que significa movimento. O símbolo máximo do nazismo, a suástica inclinada, associa o discurso da necessidade de expansão territorial com base na teoria do espaço vital à imagem de movimento, de uma constante expansão militarista. Os nacionalistas ucranianos estavam organizados e o nome Rukh tinha uma conexão com a ideologia dos invasores germânicos.

Todavia, a própria posição política de Shvetsov afastava da sua equipe os maiores talentos do futebol local. Dougan relata que,

*“Além de escrever artigos para o jornal, ele também organizou um time de futebol com outros indivíduos que compartilhavam de sua simpatia pelos fascistas. Batizou o time de Rukh, um termo tradicional do nacionalismo ucraniano que significa ‘movimento’. Contudo, ficou frustrado quando o time não atraiu os jogadores de categoria que esperava atrair. Shvetsov era jogador e também empresário de futebol, mas, exceto ele próprio, havia poucos jogadores realmente habilidosos. O Rukh era um time com base numa filiação política mais do que no talento futebolístico, e estava longe de*

---

<sup>32</sup> DOUGAN. 2004. p. 119-20.

*ser popular por causa dessa filiação escancarada aos ocupantes alemães.”<sup>33</sup>*

Assim, o torneio de futebol no verão de 1942 parece ter servido a um duplo propósito. De um lado, os alemães que estavam ocupando a região desde 1941 dariam uma permissão a organização de um evento que propagandearia uma imagem de normalidade para os habitantes de Kiev. No interior do exército, serviria de entretenimento aos soldados ocupantes. Isso compunha uma complexa rede colonial instalada na Ucrânia, buscando a promoção de atividades de entretenimento que escamoteariam a deportação.

De outro, serviria aos colaboracionistas ucranianos como ferramenta de promoção do nacionalismo. O fato de o Rukh ser formado com base em um posicionamento político demonstra que havia grupos que se envolveram ativamente na colaboração com os ocupantes. Contudo, isso não significa que os jogos de futebol seriam vencidos pelo Rukh ou pelos times de militares alemães ou aliados destes. Faltava combinar com os demais times o resultado das partidas. E o FC Start começaria a frustrar as ambições tanto de nacionalistas como dos nazistas e, simultaneamente, simbolizaria a resistência ucraniana à presença nazista.

Os primeiros relatos sobre a organização de um torneio futebolístico em meio à Kiev ocupada pelos nazistas datam de 15 de julho de 1942, na edição 1961 do jornal *Novo Ukrainski Slovo*. O relato do jornal afirma que houve uma partida no estádio em Kherson, localizado a aproximadamente 500 km de Kiev. De acordo com o projeto hitlerista de colonização do leste europeu, era preciso criar um clima de normalidade para as regiões ocupadas. E o futebol, como evento esportivo e entretenimento para o público, parece exercer uma função pacificadora nas comunidades colonizadas.

*“Recentemente, nos fundos do estádio em Kherson, após o domínio judeu-bolchevique de 23 anos, foram ouvidas com orgulho as exclamações alemãs de Gaila, a ‘Glória’ ucraniana. Cerca de 7.000 espectadores encheram o estádio. Pela primeira vez houve uma reunião de futebol entre as equipes civis alemãs e ucranianas. A competição foi acompanhada por sons e banda de metais. Aconteceu em uma disciplina rigorosa e foi*

---

<sup>33</sup> DOUGAN. 2004. p. 86.

*marcado por uma profunda cultura de jogadores. Terminada a competição assim: 2:1 a favor do time alemão.*<sup>34</sup>

A linha política do jornal, alinhado com o discurso do fascismo hitlerista, exalta a glória e a disciplina. Esses termos são pilares do nazismo e a construção de uma narrativa sobre o jogo, como demonstração de valores dos imperialistas, evidenciava uma posição colaboracionista do impresso. Destaca-se que a partida envolveu equipes civis alemãs e ucranianas e, não ao acaso, foi a primeira noticiada no *Novo Ukrainski Slovo*. Alemães e ucranianos competindo, não pela posse do território eslavo, mas pela glória esportiva parece reforçar uma narrativa de colaboração entre os dois povos.

Para a população de Kiev outro jogo mais simbólico já havia sido disputado. A estreia do time dos trabalhadores da padaria, o FC Start foi contra o Rukh. O placar final foi de humilhantes 7 a 2 para o Start. Shvetsov ficou muito desapontado com a derrota e propôs às autoridades locais uma retaliação

*“foi direto ao comandante da cidade, major-general Ebarhardt, e pediu que o estádio ficasse fechado para os jogadores do Start, argumentando que verdadeiros patriotas não podiam se misturar com prisioneiros de guerra. Eberhardt não deu muita importância ao fato, pois para ele eram apenas dois times ucranianos em confronto, mas cedeu.”*<sup>35</sup>

A disputa entre Rukh e Start transcendia o campo de jogo. Shvetsov busca ocupar os espaços públicos ao lado dos nazistas e renegar qualquer espaço ao Start, que vestia um uniforme vermelho. Todos os demais jogos do Start foram transferidos para o Estádio Zenit, mais acanhado e nem tão confortável quanto o recém-inaugurado Estádio Nacional, que havia contado com financiamento dos nazistas para sua conclusão. Além disso, os jogos do Start não teriam entrada franca, custariam 5 rublos. Essa era uma tática para minimizar o impacto social que o Start poderia causar nas ruas de Kiev.

Para os jogadores que permaneceram na cidade, houve poucas possibilidades de fazer algo diferente.

---

<sup>34</sup> JOGO DE FUTEBOL ENTRE ALEMÃES E UCRANIANOS. *Novo Ukrainski Slovo*, Kiev, 15 de julho de 1942.

<sup>35</sup> DOUGAN. 2004. p. 122-123.

*“Os jogadores do Dínamo, que por sua ligação com a polícia soviética eram considerados fiéis a União Soviética, teriam duas opções: assinar um termo de fidelidade a Hitler e receber a possibilidade de trabalhar para o governo alemão em rotinas extenuantes de trabalho, sem descanso, comendo pouco e não ganhando praticamente nada, ou ir para um campo de concentração, onde provavelmente morreriam de fome, doentes, ou simplesmente seriam executados. Todos optaram por assinar o termo e foi isso que, posteriormente, os levou a trabalhar na Padaria nº 1, cujo responsável era um checo, com falsa descendência alemã, chamado Josef Kordik. Como fanático por esportes que era, procurava ter como seus operários os grandes atletas do país. Entre os jogadores de futebol, o primeiro a chegar foi o ex-goleiro do Dínamo, Kolya Trusevic, considerado o melhor do país e conhecido por capacidade de liderança.”<sup>36</sup>*

Josef Kordik é responsável direto pela formação do FC Start. Gerenciando a padaria – há uma controvérsia sobre o número da padaria, que em alguns documentos aparece como n.º 1 e em outros como n.º 3 –, abrigou vários ex-atletas para garantir-lhes a possibilidade de permanecer em Kiev. Apesar do trecho acima não citar, outra possibilidade que recaía sobre os kievianos era de ser deportado, nos trens de carga, para servir como operários nas indústrias da Alemanha. Então, eles decidiram jogar futebol.

Doze dias depois da estreia, o Start voltaria a entrar em campo. Dessa vez, os adversários não seriam outros ucranianos, mas soldados aliados das forças ocupantes. Assim, o *Novo Ukrainski Slovo* anunciara:

*“Domingo, 19 de julho, no estádio ‘Zenith’ (Zherosynna 24) ocorrerá uma partida de futebol - uma reunião do time de jogadores de futebol de Kiev ‘Start’ com o time húngaro ‘MSG Wal’. A equipe Start é o melhor time de futebol de Kiev, composto por trabalhadores da primeira fábrica. Este é o primeiro time de esportes organizado em Kiev; em sua composição, conta com atletas seletos da cidade. Em pouco tempo, a equipe Start ganhou grande popularidade não apenas entre o povo de Kiev, mas também entre os fãs de esportes alemães e húngaros. Equipe ‘MSG Wal’, que a equipe Start encontrará no domingo, é uma composição de equipes militares. O jogo de futebol começa por volta de 6 da noite.”<sup>37</sup>*

Apenas quatro dias após a primeira menção ao futebol no jornal colaboracionista ucraniano, aparece pela primeira vez um relato sobre o FC Start. E, na mesma linha da primeira notícia, a rivalidade dá vez à admiração.

<sup>36</sup> PEREIRA, Flávia Sidônia Camargos. A guerra no futebol: um estudo sobre o jornalismo esportivo. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2005. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/FSidonia.pdf>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

<sup>37</sup> FUTEBOL. *Novo Ukrainski Slovo*, Kiev, 19 de julho de 1942.

O jornal afirma que até mesmo os alemães e húngaros – que compunham as demais equipes inscritas no torneio – admiram o talento dos kievianos.

Outro elemento importante na reconstituição histórica do contexto em que se realizou o mítico “Jogo da Morte” é a própria história social da Ucrânia no ínterim da evacuação soviética à chegada dos nazistas. Sendo um território que mudou de mãos cinco vezes nos 25 anos que antecedem a libertação do território do domínio nazista pelo Exército Vermelho, é compreensível a existência de organizações de cunho nacionalista. Na prática, era a Organização dos Ucrânios Nacionalistas – OUN. Sob influência do fascismo italiano e com mais de 20 mil membros, se tornariam importantes colaboracionistas dos nazistas, fornecendo cerca de 300 tradutores aos alemães. Contudo, a OUN estava dividida entre três correntes. A disputa na região ocidental mostrava o conflito de gerações. A OUN-B estava sob o comando de Stepan Bandera, mais jovem e radical, mas que faria uma aposta equivocada ao anunciar um novo governo independente após a ocupação alemã e acabara passando o período da guerra na prisão de Sachsenhausen, na Alemanha. A OUN-M representava os antigos nacionalistas ucranianos, remanescentes da Primeira Guerra Mundial. Havia ainda um grupo de nacionalistas no leste, região de maioria ideologicamente alinhada à Moscou. Esses últimos eram declaradamente antirrusos<sup>38</sup>.

Mesmo com a destruição dos organismos políticos nacionalistas, houve a criação de um clube para disputar o torneio no verão de 1942, baseado em convicções políticas: era o Rukh, organizado por nacionalistas ucranianos simpatizantes da ocupação nazista. Os elementos políticos e as experiências vivenciadas pelos sujeitos históricos que disputaram o “Jogo da Morte” estava em choque mesmo antes do campeonato se iniciar. Nikolay Trusevich, goleiro soviético dos anos 1930, ex-jogador do Dínamo de Kiev<sup>39</sup> e líder do time do FC

---

<sup>38</sup> SUBTELNY. 1986. p.17.

<sup>39</sup> O Dínamo de Kiev, cujo nome oficial é Futbolniy Klub Dynamo Kyiv foi fundado em 13 de maio de 1927. Sua criação foi impulsionada pela ligação entre clubes e o governo da URSS. Em artigo no portal vermelho.org, encontramos a seguinte informação: “Em 1923, foi fundada a Sociedade Esportiva Dínamo (SED), ligada ao Ministério da Administração Interna, especialmente à polícia secreta NKVD. O Dínamo Moscou seria a matriz dessa sociedade, uma vez que foi fundado no dia 18 de abril de 1923, mesma data de fundação da SED. Em 1925, a Sociedade Dínamo chegaria à Geórgia, com o Dínamo Tbilisi. Kiev (Ucrânia) e Minsk (Belarus) ganhariam o seu braço do Dínamo em 1927. Enquanto o Dínamo de Moscou era dirigido diretamente pela sede do aparato da segurança interna, os Dínamos de Kiev, Tbilisi e Minsk



Start, havia sido convidado para compor o Rukh, negando-se. As convicções de Kolya – como era chamado o goleiro – percorrem as narrativas do “Jogo da Morte”, mas independente da mitificação, os sujeitos históricos carregam consigo sua bagagem política, ideológica, cultural. Não há como segregar o goleiro do soldado que serviu nas linhas de defesa soviéticas na Ucrânia, tampouco do prisioneiro do exército nazista, pois eram uma só pessoa.

Contudo, como podemos atribuir tamanha importância para um evento do tipo amador em uma região já devastada pela guerra e pelas opressões do *III Reich*? Andy Dougan traz um elemento fundamental para a compreensão do lugar daquela partida na história da Ucrânia ocupada pelos nazistas, trazendo à luz reflexões de Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Hitler, acerca das disputas futebolísticas e o impacto social gerado por elas:

*“Joseph Goebbels já tinha visto o efeito que uma derrota num jogo de futebol podia ter sobre seu país. Hitler estava à seu lado quando o time alemão foi derrotado por 2x0 pela Noruega nas Olimpíadas de 1936 em Berlim – ambos os gols marcados por um jogador cujo nome soava semítico, Isaaksen. Depois de outra derrota para a Suécia, mais ou menos na mesma época, Goebbels escreveu em seu diário: “Foram 100 mil pessoas a sair do estádio deprimidas. Vencer um jogo é mais importante para algumas pessoas do que tomar uma cidade em algum lugar do leste.”<sup>40</sup>*

Mesmo considerando que a estrutura e o próprio funcionamento do Estado estão subordinados à realidade econômica, os indivíduos agem dentro de uma lógica a que estão mais conscientes – ou não – da classe a que pertencem. O trabalhador que junta o salário para se alimentar também tem fome de cultura. E o futebol se transformou em um acontecimento que aglutina multidões. Como Goebbels percebeu, por vezes o resultado do jogo é mais importante. Ao menos naquele instante.

Sendo assim, a organização de um torneio futebolístico amador em plena ocupação nazista no território ucraniano, perpassa a visão de mundo dos apoiadores de Hitler. O resultado das partidas não pode ser previsto nem garantido com antecedência. Mas pode-se criar uma expectativa. Para os nazistas, o esporte teria de confirmar a superioridade da raça ariana. Na

---

eram responsabilidade das representações do Ministério em suas respectivas repúblicas.” Ver em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/311719-1>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.

<sup>40</sup> DOUGAN. 2004. p.186.

ocasião da realização das Olimpíadas de 1936, realizadas em Berlim, a capital do Estado Nazista, o discurso da propaganda nazista era de que as competições iriam confirmar a superioridade racial ariana. Para tanto, fizeram amplo uso do cinema.

*“Foi o próprio Hitler quem decretou que a perfeição física da nação ariana garantiria sua superioridade na arena esportiva. Sua filosofia foi eloqüente e poderosamente articulada pela documentarista Leni Riefenstahl no filme que realizou em 1935, O triunfo da vontade, um hino à superioridade ariana. Riefenstahl também fez o documentário oficial sobre as Olimpíadas de 1936 em Berlim, outro suposto triunfo do Führer. Em Berlim, Hitler foi prejudicado pelo atleta negro americano Jesse Owens que dominou os jogos ganhando quatro medalhas de ouro.”<sup>41</sup>*

Os reverses do discurso de supremacia ariana e nas arenas esportivas são bem anteriores ao mítico “Jogo da Morte”, e o episódio de Jesse Owens sagrando-se o homem mais rápido do mundo em pleno solo nazista é bem documentado historicamente e, com certa frequência, aparece nos livros didáticos. Todavia, as possibilidades de explorar não unicamente o fato histórico, a partida entre FC Start e Flakelf, mas a própria construção de narrativas sobre o evento tornam, indubitavelmente, mais amplas as abordagens possíveis do objeto de pesquisa e atendem a diversas demandas postas pela BNCC e os PCNs. Inserir na introdução como justificativa

Ainda no campo ideológico, o projeto de dominação nazista estava alicerçado na doutrina de superioridade racial fora amplamente explorada pela propaganda do Partido Nazista, mesmo antes de Hitler chegar ao poder. Após, a criação do Ministério da Propaganda evidencia a atenção que os nazistas dedicavam a construção do pensamento único. A integração entre a política e a arte pode ser expressa nos grandes comícios, que produziam todo um cenário. Os discursos de Hitler são analisados por Alcir Lenharo, afirmando que “o significado mais amplo da teatrologia política aponta a demonstração do Führer como forjador da vontade coletiva, apropriador de vontades, a quem se obedece cegamente”<sup>42</sup>.

Durante o período de domínio nazista foram produzidos aproximadamente 1300 filmes. Evidentemente, o Estado se preocupou em

---

<sup>41</sup> DOUGAN. 2004. p.135.

<sup>42</sup> LENHARO. 1990. p. 45.

participar ativamente desse processo. Além de filmes amplamente conhecidos, como o Eterno Judeu ou os Rotchschilds – que demonizam as personagens judaicas –, os esportes também tiveram espaço.

*Olympia, consagrado aos jogos olímpicos de 1936, é muito mais que um simples documentário – é um hino de exaltação à Alemanha nazista, através da glorificação da força física, da saúde e da pureza racial, miticamente fotografadas. Foram necessários 800 mil metros de rodados para mostrar, através do sacrifício individual de cada atleta, como essa força e essa energia forjavam a nação, aceitas pelo sacerdote intermediário, Hitler.<sup>43</sup>*

A força física associada à suposta superioridade racial não garantiu as esperadas vitórias para os alemães nos jogos olímpicos de Berlim, mas internamente serviu às intenções de enaltecer o nazismo. As vitórias, naturalmente esperadas por uma sociedade que estava à mercê de um regime que centralizada o ideário, não são matéria exata. No futebol, em específico, não são raras as vezes que times mais fracos tecnicamente conseguem superar adversário melhores.

O campeonato amador disputado na Ucrânia ocupada no verão de 1942 foi organizado por Georgi Shvetsov, um ex-jogador profissional que não foi aceito no Dínamo de Kiev. No período estudado, Shvetsov estava à frente do Rukh, que além do time inscrito na liga amadora, era um clube com sede social e atletas de diversas modalidades esportivas.

O FC Start reuniu alguns dos melhores jogadores da Ucrânia, que compuseram parte da seleção soviética no pré-guerra, enquanto os adversários eram amadores. Mas seria um Davi contra Golias – parafraseando a mitologia judaico-cristã – no aspecto político: eram cidadãos que participaram da resistência de Kiev contra os soldados nazistas e os ucranianos a eles alinhados.

*“No dia 17 de julho, às 18 horas, no Estádio Zenit, ocorreu uma partida de futebol entre a equipe alemã RSG (equipe nacional de ferro) e a equipe da casa. Mas a vitória não deve ser reconhecida como as conquistas dos jogadores do Start. A equipe alemã é composta por atletas bastante fortes, mas a equipe, no sentido pleno da palavra, não pode ser chamada, e não aqui. Não é de se admirar, porque consiste em jogadores de futebol que acidentalmente chegaram formaram o time em que jogam. Também houve falta de treinamento e treino sem os quais a equipe mais forte não pode*

---

<sup>43</sup> LENHARO. 1990. p. 60.

*fazer nada. A equipe 'Start', como todos sabem, é composta principalmente por jogadores da antiga equipe de mestres do Dynamo. Portanto, eles podem muito mais do que deram nesta partida. [...] Klimenko e Sviridovsky e o jogador da equipe alemã (cujo nome, infelizmente, não pode ser citado), que salvou seu gol no final do primeiro tempo, devem ser destacados da massa total de jogadores. Dois gols marcados no gol da equipe alemã devem ser atribuídos ao juiz, porque foram marcados com o que estavam impedidos. Em geral, o trabalho dos juízes não foi marcado por precisão e clareza. O jogo foi jogado com um espírito amigável. Em particular, é necessário observar um jogo muito correto de ambas as equipes.”<sup>44</sup>*

É possível perceber como os jogadores do FC Start utilizavam o jogo como uma forma resistência. Afirmamos isso porque o fato de permanecer vivo em um país ocupado por uma potência imperialista que subjugava os locais como subumanos já é um ato de resistência. Todavia, manter-se vivo através do futebol também englobava jogar bem e ganhar. E isso o FC Start fez de maneira implacável. Inclusive fazendo com o *Novo Ukrainski Slovo* minimizasse a vitória sobre o RSG pelo fato de os adversários não terem entrosamento. Há uma velha máxima na cultura futebolística de não “tirar o pé” quando se abre uma vantagem. Os jogadores do FC Start demonstraram isso em cada partida em que estiveram reunidos naquele verão de 1942, em Kiev.

Notadamente, a publicação *Novo Ukrainski Slovo* destinava um espaço sempre maior aos anúncios das partidas do que os relatos das vitórias do FC Start. A evidência maior disso é que a coluna pós-jogo que ocupou mais espaço na diagramação do jornal foi justamente a partida mais difícil enfrentada pelos kievianos: a revanche contra a guarnição húngara do MSG Wal, vencida pelo Start um placar apertado de 3 a 2<sup>45</sup>. Descrita lance a lance, a narrativa construída destacou o equilíbrio de forças entre as equipes.

As tentativas de diminuir a representatividade do Start fracassavam. Mesmo com a cobrança dos 5 rublos de ingresso – o que era um valor considerável para um país ocupado em que os povos nativos estavam relegados aos piores salários, em uma terceira casta, atrás dos alemães e dos estrangeiros não eslavos –, a popularidade do Start fazia com que os espectadores fizessem de tudo para acompanhá-los. Andy Dougan apresenta um depoimento de um maquinista de trem que, à época, tinha apenas 12 anos:

<sup>44</sup> JOGO DE FUTEBOL. *Novo Ukrainski Slovo*. Kiev, 17 de julho de 1942.

<sup>45</sup> R.E. Futebol. *Novo Ukrainski Slovo*. Kiev, 24 de julho de 1942.

*“Eu morava com a minha mãe na rua Degtyarevskaya 19, e frequentemente ia à rua Kerosinnaya, onde ficava o estádio, para ver como nosso time jogava. Como era muito caro para entrar, nós, meninos, costumávamos pular a cerca. Foi um verão muito quente e as partidas em geral começavam ao cair da tarde, quando o calor já não era tanto. Os juízes costumavam ser romenos que falavam muito bem ucraniano, alemão e húngaro. Só havia cadeiras para os alemães, e os torcedores tinham que ficar de pé ao longo de linhas laterais, ou sentados na grama. Trusevich era formidável no gol, e Goncharenko um grande atacante. Quase sempre podia-se contar com ele para marcar um monte de gols em cada partida. Eu estava entre os garotos que corriam para buscar a bola quando ela saía de campo. Às vezes ela ia parar na rua Kerosinnaya. Nosso time sempre vencía e o time do Rukh sempre acabava perdendo feio.”<sup>46</sup>*

Mesmo não fazendo a referência a que sujeito histórico pertence essas memórias, o depoimento resgatado por Dougan apresenta uma evidência muito importante para nossa análise. O termo “nosso time” é empregado duas vezes e isso demonstra que o Start era popular. Outra evidência da simbologia que os jogos do Start ganharam é o contraste entre o local em que os soldados e os ucranianos ocupavam para assistir as partidas. Para os nazistas, o conforto das cadeiras como retrato das posições sociais que ocupavam na cidade após dominá-la. Já os ucranianos estavam relegados à grama, sem conforto, como estavam ao serem classificados como subumanos pelos nazistas.

Com as sucessivas vitórias do FC Start e o crescimento de popularidade dos jogadores nas ruas de Kiev, chegava a hora de um esperado encontro com a equipe de elite alemã, o Flakelf. Na mesma data em que ocorreu a revanche entre o FC Start e o MSG Wal, o Flakelf se prepara para enfrentar sua grande missão, na perspectiva nazista: derrotar aqueles que representavam um sentimento de vitória ucraniana sobre os exércitos colonizadores.

*“Para os cidadãos comuns da cidade o jogo que atraiu mais atenção foi a revanche entre o Start e o MSG, mas a outra partida foi talvez muito mais significativa. Enquanto multidões barulhentas se dirigiam para o Estádio Zenit, no Estádio Ucraniano o ambiente era muito mais contido. Assim como o Start disputara todas as suas partidas no Zenit, o Rukh jogara no recém-reformado estádio nacional. Os nacionalistas eram menos ardentes em seu apoio ao Rukh do que os comunistas em relação ao Start, o que reflete o abismo existente entre os dois times. A maioria da multidão no Estádio Ucraniano era composta por soldados de folga que queriam apenas assistir*

---

<sup>46</sup> DOUGAN. 2004. p. 125.

*a um pouco de futebol para quebrar a monotonia. No dia 26 de julho, havia mais soldados ali do que de costume, para ver o Rukh de Georgi Shvetsov contra um time chamado Flakelf. Algumas fontes mencionam o Flakelf como a equipe oficial da Luftwaffe, mas isso parece ser um exagero. No papel de 'guarda pretoriana' de Hitler, a SS parece ter sido a elite das forças nazistas, os mais puros entre os arianos puros, mas na aristocrática Luftwaffe estavam seus esplêndidos cavalheiros do ar. Ao descrever o Flakelf como time da Luftwaffe, as autoridades militares tentavam dar-lhe um ar de invencibilidade. Havia alguns pilotos no Flakelf, mas a maioria do time vinha das guarnições das baterias antiaéreas em Kiev, como o nome sugere: os 11 (elf em alemão) da Flak (bateria antiaérea). Sem mencionar sua composição, o Nova Ukrainski Slovo o descreve como um time que nunca perdeu uma partida e que sem dúvida era o mais forte do lado alemão naquela época. Além do fato de que o Flakelf venceu com brilho, nada se sabe sobre o resultado do jogo, que não foi registrado no jornal nem em outro lugar. Algumas fontes afirmam que o Flakelf não só venceu e manteve a sua invencibilidade, como dizem que sua vitória foi tão fácil que o jogo mais pareceu um treino. O que é exatamente o que se pretendia: já estava decidido que o Rukh era apenas um ensaio para deixar o Flakelf bem-afiado para uma partida contra o Start.<sup>47</sup>*

Pelo que as evidências apontam, as autoridades alemãs na Ucrânia estavam muito preocupadas com a dimensão que o Start estava tomando. É importante salientar que, à época da realização do torneio, os nazistas estavam há seis meses dentro dos territórios soviéticos e, apesar dos avanços significativos nos campos de batalha, o objetivo final da incursão ainda parecia obscuro. Como Kennedy analisou, a Alemanha não tinha a mesma capacidade de outras potências em transformar sua economia industrial em uma indústria de guerra equilibrada e eficiente. Para tanto, o controle das reservas petrolíferas na Rússia eram imprescindível.

É nesse contexto em que o mítico embate entre Start e Flakelf ocorreu. Dentro das convicções ideológicas nazistas seria mais simples – e justificável para seus seguidores, incluindo os nacionalistas ucranianos – prender e fuzilar os atletas do Start. Todavia, a conjuntura que levou a organização do torneio impossibilitou tal ação. Caso fosse posto em prática um plano como esses, o resultado seria a criação de mártires e não a eliminação do sentimento de resistência aos alemães na Ucrânia.

Chegava a hora do primeiro encontro dentro das quatro linhas entre Flakelf e Start. O evento teve grande apelo público, com cartazes espalhados pelas ruas da capital ucraniana, promovendo a partida:

---

<sup>47</sup> DOUGAN. 2004. p. 101.



Figura 2: Cartaz da primeira partida entre Start e Flakelf. Disponível em: [https://ru.wikipedia.org/wiki/%D0%9C%D0%B0%D1%82%D1%87\\_%D1%81%D0%BC%D0%B5%D1%80%D1%82%D0%B8](https://ru.wikipedia.org/wiki/%D0%9C%D0%B0%D1%82%D1%87_%D1%81%D0%BC%D0%B5%D1%80%D1%82%D0%B8). Acesso em: 05 de mar. De 2020

*“No total, atualmente são conhecidos nove pôsteres para partidas do Start e mais 4 pôsteres para partidas de outras equipes de Kiev. Cartazes de tamanho grande, de 80 a 95 cm, com uma circulação de 100 cópias para cada partida, foram impressos na gráfica da fábrica de livros de Kiev na rua Vorovskogo, parte da tiragem foi impressa em três ou quatro cores.”<sup>48</sup>*

Os cartazes para promoção das partidas eram uma prática da organização do torneio. A tentativa de criar o clima de normalidade era uma das principais funções da competição. Mas os nazistas vislumbravam essa partida como oportunidade de encerrar os festejos dos kievianos com as exibições do Start. Quanto mais habitantes locais pudessem presenciar a superioridade ariana, mais completa estaria a missão do Flakelf. Assim, o *Novo Ukrainski Slovo* promove o jogo:

*“Hoje, no Estádio Zenit, haverá um encontro interessante entre dois dos melhores times de futebol: a equipe alemã – Flakelf – e a [equipe da] Fábrica de Pães, que não tem derrota em suas performances esportivas. A equipe alemã de Flakelf se reuniu muitas vezes com os tempos de guarnição, bem como com a equipe da associação esportiva de Kiev ‘Rukh’ e venceu cada vez mais, mostrando a alta classe do jogo, bons e sólidos*

<sup>48</sup> EVSTAFEVA. 2012. p. 39.

*mestres do futebol. Sabe-se que a lista de performances de Start terminou com um placar geral de 39: 8 a favor dos atletas da Fábrica de Pães.*<sup>49</sup>

Pelo teor da notícia, especialmente pela descrição da equipe alemã, esperava-se um jogo equilibrado e, quiçá a vitória alemã para comprovar a superioridade ariana. O Start é apresentado como invicto, destacando o placar agregado no campeonato de 39 a 8, com um saldo de 31 gols, algo muito raro em qualquer campeonato.

O bom futebol e as sucessivas vitórias ecoaram nas ruas de Kiev e os atletas do Start tornavam-se, cada vez mais, símbolos da resistência ucraniana. De certa forma, isso transparece, com um ar de constrangimento, na fonte histórica. Sustentamos isso pelo destaque dado ao Flakelf, enfatizando a condição de invencibilidade alemã até então contrastada com as poucas palavras destinadas ao Start. Aos olhos apenas do futebol, isso não faria nenhum sentido, já que o Start é o time tecnicamente mais envolvente e com um futebol muito mais exitoso. Mas o que está em disputa é muito mais do que um jogo. Simbolicamente, disputam os rumos da Ucrânia como colônia alemã e, de forma mais palpável, rivalizam sobre o sentimento de resistência entre os habitantes locais.

No primeiro encontro entre eles, os soviéticos da Ucrânia golearam os nazistas por 5 a 1. A honra alemã havia sido brutalmente ferida. Os jogadores do FC Start mantiveram a mesma qualidade técnica que nas exhibições anteriores. Não passaram pelas mesmas dificuldades encontradas na segunda partida contra a equipe da guarnição húngara. A inscrição do Flakelf no torneio organizado por Georgi Shvetsov serviu de entretenimento aos soldados alemães da bateria antiaérea de Kiev que entraram em campo, entreteve os soldados de folga que estavam nas arquibancadas, mas fracassara retumbantemente na principal missão esportiva para os nazistas: comprovar a superioridade ariana.

É fato que o FC Start jogou como em qualquer outra partida daquele torneio e isso soa como natural. Porém, a decisão de jogar com o mesmo

---

<sup>49</sup> A.G. Futebol. Novo Ukrainski Slovo. Kiev, 6 de agosto de 1942.

Disponível em: [http://irbis-nbuv.gov.ua/cgi-bin/irbis\\_ir/cgiirbis\\_64.exe?Z21ID=&I21DBN=ELIB&P21DBN=ELIB&S21STN=1&S21REF=10&S21FMT=fullwebr&C21COM=S&S21CNR=20&S21P01=0&S21P02=0&S21P03=RIK=&S21STR=668721:1942](http://irbis-nbuv.gov.ua/cgi-bin/irbis_ir/cgiirbis_64.exe?Z21ID=&I21DBN=ELIB&P21DBN=ELIB&S21STN=1&S21REF=10&S21FMT=fullwebr&C21COM=S&S21CNR=20&S21P01=0&S21P02=0&S21P03=RIK=&S21STR=668721:1942). Acesso em: 01 de mar. de 2020.



ímpeto das demais partidas contra o time oficial dos alemães imperialistas tem um peso político e simbólico. Não deve ter sido uma decisão meramente racional para os jogadores do FC Start. Muitos deles haviam trocado tiros com os nazistas no *front* oriental e sofrido as consequências da prisão e miséria. Relegados aos trabalhos de mais baixa remuneração pela hierarquia social de castas. Outrora artistas da bola, agora operários de uma fábrica de pães. Talvez a expressão “uma guerra dentro de campo” não possa ser usada em outro evento futebolístico na história com maior precisão.

No dia 7 de agosto, sexta-feira, apenas um dia após o primeiro jogo entre nazistas e soviéticos, já havia o anúncio da revanche afixado nos postes de Kiev. O cartaz apresentava diferenças. Dessa vez os nomes dos jogadores do Flakelf não apareciam. E não era a tática que alguns treinadores usam atualmente de “esconder a escalação”. Muito provavelmente, entre a primeira e a segunda partida os nazistas selecionariam melhores atletas entre os homens do exército de campanha na Ucrânia.

Assim, o *Novo Ukrainski Slovo* anunciou a partida que se tornaria o mítico “Jogo da Morte”:

*“Hoje no estádio Zenit, às 5 horas. A segunda reunião amistosa de dois times de futebol da cidade – parte alemã de Flakelf e da padaria n.º 1 do Start. E a composição das equipes é bastante aprimorada pelos melhores atletas que estão treinando a sério para uma reunião interessante e decisiva.”<sup>50</sup>*

Após a derrota na primeira partida por 5 a 1, Flakelf e o FC Start duelariam novamente. Apesar de curta, a nota finaliza afirmando que as equipes se prepararam para um jogo classificado como *interessante* e *decisivo*. Ainda que o texto esteja limitado ao futebol, o termo decisivo aqui pode ser interpretado de diversas maneiras. Pelas notícias do jornal ucraniano, não conseguiríamos saber como o jogo se desenrolou. A próxima nota futebolística, seis edições após essa, descreve uma partida entre o time da guarnição húngara, o SK SZERO e o Diamante, formado por trabalhadores da Fábrica de Joias e Gravura de Dondikov. Há, inclusive, uma narrativa esperançosa sobre o

---

<sup>50</sup> A.G. Futebol. *Novo Ukrainski Slovo*. Kiev, 9 de agosto de 1942.

Diamante, como se ele pudesse ocupar destaque em popularidade, por ter enfrentado os já entrosados húngaros e perdido apenas por 2 a 1.

Mas o que ocorreu dentro das quatro linhas no “Jogo da Morte”? Esse é um ponto fundamental da dissertação, até porque como produto de um mestrado profissional, aguçar a curiosidade sobre o fato e apresentar os recursos que permitirão a sua reconstrução compõem o objetivo último da sequência didática que será proposta mais adiante.

Apesar de o jornal local não se pronunciar sobre a partida, a mística construída sobre ela não foi em vão. Algo ocorreu naquele jogo. Na obra *Futebol & Guerra*, Andy Dougan dedica um capítulo inteiro a descrição da partida. Apesar de se referir algumas vezes aos autores das citações diretas, os referenciais às fontes não são feitos como em um obra historiográfica. No entanto, é possível verificar algumas delas que o autor não referencia.

Através de conversas com o jornalista escocês por *email*, ele afirmou que interpretou os documentos através uma fita k7 em que outro jornalista, contratado por ele, reproduziu por áudio as traduções das fontes. Dentre elas, constava uma entrevista dada por Makar Goncharenko<sup>51</sup>, ponta direita do time

---

<sup>51</sup> De acordo com o verbete Makar Mykhaylovych Honcharenko na versão em inglês da *Wikipedia* – que é uma cópia das informações da versão russa do verbete Макар Михайлович Гончаренко– Goncharenko “*nasceu em uma família trabalhadora pobre. Para ajudar sua família, ele teve que consertar calçados desde a infância. Todo o seu tempo livre foi dedicado ao futebol. Sua carreira começou em 1929, quando começou a jogar em um time de futebol juvenil da fábrica Kommunalnik. Então ele jogou para uma equipe da fábrica de bonde de Dombalya. Depois disso, ele se mudou para Zhel Dor, onde se tornou um jogador de primeira escolha em 1931. No outono de 1934, Sergey Bartminskiy, o ex-vice da Diretoria Política Estatal da SSR da Ucrânia obrigou Honcharenko a se mudar para Ivanovo, onde começou a jogar pelo Dínamo local. Em 3 de agosto de 1933, ele participou de uma partida entre o Dínamo e a seleção futebol turca . Sua equipe venceu por 7-3. No mesmo ano, ele jogou pelo time RSFSR e foi nomeado um dos 33 melhores jogadores de futebol da URSS e o segundo melhor ala direito . Em 1934, ele voltou a Kiev e começou a jogar no Dynamo Kyiv. Em 1935, ele jogou pelo time da cidade de Kiev no campeonato da URSS. Depois disso, ele foi chamado para a equipe ucraniana de SSR . Ele [interpretou] um jogador de futebol em um filme chamado *The Goalkeeper*, que foi filmado em 1936. 1938 foi o melhor ano de sua carreira. Honcharenko foi premiado com o Melhor Artilheiro do campeonato de futebol da URSS, depois de marcar 19 gols em 24 partidas, mas foi excluído dos 33 melhores jogadores de futebol da URSS. A temporada de 1939 foi um fracasso - Honcharenko jogou em 23 jogos e marcou apenas duas vezes. Após esta temporada, ele deixou o Dínamo para o Lokomotiv Kiev . Em 1941, ele se mudou para [o] Spartak Odessa . Ele foi capaz de jogar apenas três vezes antes da guerra chegar. Durante a ocupação nazista de Kiev, ele morou com sua sogra e foi membro [da] sociedade esportiva Rukh. Os membros doRukh eram leais ao novo governo, [o] que tornava possível trabalhar legalmente, receber rações e, o mais importante, evitar ser preso e enviado à Alemanha. Logo ele foi encontrado por Nikolai Trusevich e foi oferecido um local de trabalho na padaria nº 1, onde ele pôde jogar para um time de futebol [...].” Disponível em: <https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=auto&tl=pt&u=https%3A%2F%2Fen.wikipedia.org%2Fwiki%2F%2FMakarHoncharenko>. Acesso em 15 de jun. de 2020.*

do FC Start no mítico jogo, à uma rádio ucraniana em 1992. Infelizmente, Dougan afirmou que as fitas não existem mais. Porém, seu trabalho com a entrevista pode ser observado, com detalhes, no capítulo 10 de seu livro.

## 5. O JOGO HISTÓRICO ENTRE FC START E FLAKELF

O que teria ocorrido nessa partida que a tornaria tão famosa e envolta em lendas? Que fatos históricos podem ser reconstituídos e quais as lacunas permanecerão? Mesmo que não seja verdade que todos os jogadores tenham sido fuzilados ainda de uniforme, que cenário – ou interpretação deste – permitiu que o jogo fosse colocado em um patamar mítico dos mártires?

A produção de Andy Dougan proporciona a reconstituição do cenário em que o jogo ocorreu, com detalhes que vão desde a disposição dos espectadores – torcida local e soldados nazistas – até as conversas de oficiais com os jogadores do Start no vestiário. A fonte principal é a entrevista de Goncharenko, mas também há relatos de testemunhas oculares da partida. A Wikipedia russa nos levou a outro relato jornalístico que apresenta o histórico de como o jogo foi noticiado em artigos posteriores de publicações soviéticas, após a libertação de Kiev, além de comunicações entre as autoridades da URSS alguns anos após a partida ter sido realizada.

Antes de apresentar a reconstituição histórica possível do jogo, é necessário compreender que uma produção historiográfica, por maior que seja a quantidade e variedade de evidências analisadas, não pode se propor a encerrar o debate sobre o fato. A História é filha de seu tempo. As indagações que fazemos as fontes hoje são relevantes para o nosso tempo histórico e para atender os objetivos que determinada corrente de interpretação historiográfica se propõe. Os estudantes devem ter acesso a esse conceito teórico da História, uma vez que não temos como finalidade reconstituir a verdade absoluta, mas apresentar – e proporcionar aos discentes os instrumentos de pesquisa historiográfica através da mediação docente – didaticamente os métodos da pesquisa histórica.

Dessa vez, os cartazes afixados nas ruas de Kiev traziam apenas a lista de jogadores do FC Start. A imagem abaixo é a fotografia do documento original, localizado no Museu Nacional de História da Ucrânia na Segunda Guerra Mundial, em Kiev. Em contato com a administração do Museu, informamos as intenções da pesquisa e a possibilidade de acesso às fontes primárias. O retorno foi bastante enriquecedor para o projeto, uma vez que além dessa foto, os funcionários indicaram o endereço eletrônico que contém

os *links* para todas as edições do *Novo Ukrainski Slovo*, utilizado diversas vezes para reconstituir o torneio naquele verão de 1942, e suas repercussões.



Figura 3: Cartaz da Partida entre FC Start e Flakelf, em 9 de agosto de 1942. Fotografia do original, localizado no Museu Nacional de História da Ucrânia na Segunda Guerra Mundial, Complexo Memorial, Kiev, Ucrânia.

Além da ausência dos jogadores que estariam perfilados pelo esquadrão germânico, abaixo do nome da equipe há uma informação relevante. *Parte alemã fortalecida na sua composição* aparece escrito abaixo de Flakelf, no espaço destinado à escalação. Esse detalhe pode não ter tido muita importância naquele exato momento, mas endossará certas versões do jogo que seriam produzidas mais tarde. O próprio Andy Dougan narra que os jogadores do FC Start ouviram boatos de que os alemães trariam jogadores profissionais de alto nível da Europa Ocidental.

No canto inferior esquerdo do cartaz, a prova de que as autoridades locais tentaram dificultar a presença de testemunhas nos jogos do FC Start. O

ingresso custava 5 carbovans<sup>52</sup>, que correspondiam a 5 rublos russos e era uma quantia alta, como já dissemos anteriormente. Até mesmo por isso, não faltam relatos que afirmam que alguns ucranianos se arriscam pulando o muro ou entrando pelas cercas para desfrutar da partida.

A partir desse ponto da pesquisa, pedimos licença para não seguir a ordem cronológica das fontes. Descartando, por ora, a linha do tempo como caminho condutor da reconstituição do “Jogo da Morte”, buscamos evidências que estabeleçam conexões entre os relatos, produzidos em diferentes momentos. Evidências essas que jamais serão neutras. Estão condicionadas pelo seu contexto de produção e pelas relações de poder estabelecidas.

Andy Dougan inicia a descrição do “Jogo da Morte” com as cenas de entrada no estádio. De acordo com o relato, quando os ucranianos amontoados nos corredores do pequeno estádio Zenit conseguiram enxergar o gramado e arquibancada, se depararam com a presença de muitos soldados alemães que ocupavam todos os lugares com algum conforto. Ao povo local, restou se aconchegar na grama, nas linhas laterais do gramado.

Essa cena dá uma dimensão do que significou aquele jogo para os espectadores. De um lado, algumas centenas de soldados de folga, que pelo horário de jogo, no fim da tarde, devem ter se embriagado durante boa parte do dia. De outro, ucranianos que pagaram 5 rublos ou que se arriscaram pulando muro ou entrando pelas cercas, observando um número maior de soldados nazistas armados e com cães.

Os cães que Andy Dougan apresenta em sua narrativa são um elemento importante no cenário em que ocorreu o “Jogo da Morte”. Recentemente, um diário de Himmler, o 2.º na hierarquia de poder nazista encontrado entre documentos não catalogados do arquivo de Podolsk, na Rússia, revelou que o chefe da SS orientava o treinamento de cães para uso militar. Isso incluía instruções para que os cães

---

<sup>52</sup>Os dois primeiros jogos do Start custaram 3 carbovans, a moeda ucraniana. De acordo com a Wikipedia russa, “o aumento é devido à reforma monetária na Ucrânia, de 6 a 25 de julho de 1942. As notas soviéticas foram trocadas em notas de 5 e 10 rublos cada. Nas carbovanetas ucranianas (1 rublo equivale a 1 kb.)”. Disponível em: [https://ru.m.wikipedia.org/wiki/%D0%9C%D0%B0%D1%82%D1%87\\_%D1%81%D0%BC%D0%B5%D1%80%D1%82%D0%B8](https://ru.m.wikipedia.org/wiki/%D0%9C%D0%B0%D1%82%D1%87_%D1%81%D0%BC%D0%B5%D1%80%D1%82%D0%B8). Acesso em: 30 de jul. de 2020.

*“rasguem qualquer um, com exceção de seus treinadores’ para o serem usados no campo de concentração de Auschwitz. Essa informação associada a uma anotação feita na prisão em 1946 por Rudolf Höß, comandante do campo de concentração, ajuda a compor o quadro: [Himmler] recomendou pessoalmente que os cães fossem treinados como cães de pastoreio, capazes de cercar e reunir prisioneiros e impedir fugas. A guarda deveria ser composta por cães o suficiente para impedir a fuga de até 100 prisioneiros”.*<sup>53</sup>

Apesar da fonte acima se restringir a Auschwitz, a indústria da morte daquele campo de concentração teve aspectos replicados nos demais campos. Os cães e suas funções para *Wehrmacht* era uma delas. Dessa forma, a dimensão bélica do jogo começa a ser construída no próprio cenário do evento, em um dia de folga e entretenimento para a torcida do Flakelf e de resistência no entretenimento para a torcida do Start. As evidências da resistência serão apresentadas logo adiante. De acordo com Makar Goncharenko, antes do jogo do começar, um homem alto e careca, usando uniforme da SS entrou no vestiário do Start falando russo de maneira impecável, e disse: *“sou o juiz do jogo. [...] Sei que o time de vocês é muito bom. Por favor, sigam as regras, não infrinjam qualquer regra, e antes do jogo cumprimentem seus adversários à nossa maneira.”*<sup>54</sup>

A expectativa de subserviência do time do Start por parte dos alemães seria uma primeira prova de fogo. A saudação a Hitler simbolizaria o reconhecimento da vitória alemã em Kiev e da superioridade racial ariana. Mas a decisão não seria simples. A escolha das palavras do juiz, ao colocar em uma mesma frase *“não infringir qualquer regra”* e *“cumprimentar seus adversários à **nossa maneira**”*, deixou pairando no ar uma sensação de punição caso a orientação não fosse seguida a risca. Orientação essa que fora reforçada por autoridades ucranianas. Não há dúvidas de que o ambiente entre os jogadores ficou tumultuado. Goncharenko afirma que alguns pensaram em entregar o jogo, outros queriam humilhar os alemães mais ainda do que na antevéspera. Mas a decisão deveria ser coletiva.

---

<sup>53</sup> Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/08/05/O-que-o-di%C3%A1rio-de-Himmler-n%C2%BA-2-da-Alemanha-nazista-revela-sobre-o-Holocausto>. Acesso em: 05 de abril de 2020. Acesso em: 10 de dez. de 2019.

<sup>54</sup> DOUGAN. 2004. p. 142.

*“Nós ouvimos o que ele tinha a dizer e, polidamente, aceitamos seus termos antes de sua partida. Mas, é claro, nunca iríamos nos postar ali humildemente e gritar ‘Heil Hitler’. Eles mentiram ao dizer que tínhamos preparado nossas camisas especialmente para aquele dia. Elas eram iguais às da URSS, mas nós simplesmente não tínhamos outras. Eram as camisas que Trusevich encontrou e com as quais jogamos desde o começo, e não havia nenhum desafio nelas.”<sup>55</sup>*

Talvez Goncharenko, Klimenko, Kuzmenko, até mesmo Trusevich não estivessem relacionando diretamente suas camisas vermelhas com a identidade soviética. Mas esse detalhe será muito útil para a construção das diferentes narrativas sobre o jogo. As camisas que o goleiro Trusevich encontrou abandonadas em um dos vários prédios destruídos pelos bombardeios da *Luftwaffe* eram vermelhas, como as da seleção soviética e de sua bandeira. É importante, também, compreender que socialmente a identidade soviética era maior e mais popular do que a identidade ucraniana em Kiev, ao menos do que se refere ao futebol.

Os nacionalistas ucranianos estavam claramente colaborando com os colonizadores nazistas. E no dia do “Jogo da Morte”, já havia dezenas de milhares de mortes nas mãos da *Wehrmacht*, incluindo o massacre de 33.771 judeus durante dois dias em Babi Yar. O espírito de equipe do FC Start parecia contagiar o público ao longo daquele campeonato amador de 1942:

*“O Start começara a sua existência como um grupo de jogadores que estavam gratos pelo refúgio que a Padaria n.º 3 lhes tinha proporcionando. Nas nove semanas decorridas desde o primeiro jogo, em 7 de junho, eles haviam se tornado uma verdadeira equipe, em todos os sentidos. Agora tinham que tomar uma decisão como equipe. Os jogadores do Dínamo que conheceram Konstantin Shchegotsky manifestaram esse espírito de equipe em 1938, quando se recusaram a entregá-lo à NKVP. Desde então, entraram para o time outros jogadores que não participaram daquele incidente, bem como componentes do Lokomotiv. Mas todos agiam como uma equipe.”<sup>56</sup>*

Esse espírito coletivo que Dougan narra pode ter diversas outras razões. Além desse episódio em que Shchegotsky teria sido acusado, em 1938, de contrarrevolucionário pela NKVD por não usar uma medalha dada pelo Partido Comunista como condecoração aos seus feitos esportivos – medalha essa que não havia sido entregue ao atleta –, questões diretamente ligados ao campo e bola podem ter reforçado o ideário coletivista.

<sup>55</sup> DOUGAN. 2004, p.146.

<sup>56</sup> DOUGAN. 2004. p.143.



O futebol, nos antecedentes da Segunda Guerra, já havia alcançado dimensões mundiais. E o intercâmbio de ideias é uma das formas de se reinventar esse esporte. O Dínamo de Kiev do final daquela década era revolucionário, do ponto de vista tático, nos gramados soviéticos. A última aparição em jogo oficial do Dínamo foi em 16 de junho de 1941, o nono e derradeiro jogo daquele campeonato paralisado em função da guerra. O adversário foi o Spartak Kharkov, derrotado por 2 tentos a 0. No entanto, nesse jogo como em alguns dos anteriores o Dínamo adotou uma inovação tática tremenda no futebol soviético. Seu treinador, à época, Mikhail Pavlovich Butusov experimentou criar as posições de meio campistas no futebol local. Até então, a formação tática padrão na URSS colocava os cinco ataques em linha, distantes do restante do time. Apesar de deixar o ataque mais forte, aquilo que hoje os treinadores chamam de balanço defensivo simplesmente não acontecia. Não havia ligação entre a defesa e o ataque. Mas Butusov *“introduziu o sistema europeu ocidental de dois pontas, dois pontas-de-lança e um centro-avante, jogando numa formação em W.”*<sup>57</sup> Esse equilíbrio tático teve resultados: foram duas vitórias por 3 a 0, uma contra o Dínamo Tbilisi, pela 5.<sup>a</sup> rodada e outra diante do Sparta Odessa, pela 7.<sup>a</sup> rodada<sup>58</sup>.

Apesar de ter escapado de Kiev no início da invasão alemã, os relatos impressionantes dos jogos do FC Start dão algum indício de que o modelo de Butusov ecoava nas exibições desse efêmero clube dos trabalhadores da padaria n.º 3, um ano depois.

Essa seria a arma do FC Start para derrotar o Flakelf, que vinha reforçado para sua grande missão: comprovar a superioridade ariana. Fisicamente, o time nazista que entrou em campo era mais preparado que o do jogo de quinta-feira. Vestidos com uma camisa branca, tal quais os atletas da delegação alemã desfilando no Estádio Olímpico de Berlim aos olhos de *Fuhrer*, em 1936, saudaram, orgulhosamente com o tradicional *Heil Hitler*. Os jogadores do Start, de acordo com Goncharenko, deram seu primeiro sinal do que ocorreria em campo quando levantaram os braços, após uma pausa

---

<sup>57</sup>DOUGAN. 2004. p. 148.

<sup>58</sup> Disponível em: <http://www.rssf.com/tablesu/ussrhist.html>. Acesso em: 30 de nov. de 2020.

repleta de expectativas nas duas torcidas, e “*dobraram sobre o peito e gritaram a uma só voz: ‘FizcultHura!’*”<sup>59</sup>

A expressão significa algo como “vida longa ao esporte” e era um lema dos esportistas soviéticos. Dougan descreve a expressão ligando à ideia de que algo mais está em jogo, além da partida. Que o resultado de uma disputa vai além dos placares. Que o esporte sobrevive, mesmo em meio às piores adversidades. Usar uma expressão soviética, se identificar como soviético e ostentar isso diante dos soldados, cães e das bandeiras nazistas era um ato de resistência no verão de 1942, em Kiev.

O jogo começa e a superioridade racial ariana é colocada à prova. A força física era um trunfo do Flakelf. Diante dos jogadores do Start que não se alimentavam como nos tempos em que eram atletas profissionais, o time alemão era visivelmente mais preparado. Como era de se esperar, o juiz deixava de marcar faltas duras contra os soviéticos. O alvo mais fácil, aquele contra quem os choques pareciam inevitáveis, era o talentoso goleiro Nikolai Trusevich, que se tornou a principal vítima da violência alemã:

*“Cada vez que ele se lançava para pegar uma bola cruzada ou tentava sair da sua área era derrubado, enquanto o juiz ignorava a falta. Aos dez minutos da partida o Flakelf lançou um ataque e Trusevich correu para mergulhar aos pés do atacante alemão. Este não tentou se esquivar ou evitar o choque com o goleiro. Em vez disso, simplesmente continuou correndo e chutou a cabeça de Trusevich, que ficou inconsciente por vários minutos. Não havia reserva disponível no Start, e depois de se levantar, ainda tonto, Trusevich insistiu em permanecer em campo.”*<sup>60</sup>

O fato de Trusevich ser o primeiro jogador a ser agredido em campo não é puramente ligado ao futebol. O goleiro havia sido o principal articulador, entre os ex-jogadores do Dínamo para que o FC Start se tornasse uma realidade. Ele próprio havia encontrado os uniformes vermelhos, abandonados em um prédio em ruínas. Há razões para conjecturar que a cor do uniforme serviu como identificação de resistência para a torcida do Start. Golpear com violência o goleiro era também ameaçar as esperanças de vitória, de derrotar os nazistas, que certamente contagiava os torcedores kievianos.

---

<sup>59</sup> DOUGAN. 2004. p. 145.

<sup>60</sup> DOUGAN. 2004. p. 149.

A postura do juiz, que não coibiu a violência do Flakelf só deixava uma saída ao Start: jogar bem e vencer. Mas isso não ocorreria com facilidade. Minutos após o choque violento entre Trusevich e um atacante do Flakelf, a equipe nazista abriu o placar. O Flakelf podia contar com a colaboração do seu juiz para parar os atacantes incisivos do Start com *puxões* e *agarrões*, sem que lhe fosse apitado falta. O antídoto para isso seria arriscar chutes de longa distância. Assim, o atacante Ivan Kuzmenko conseguiu empatar a peleja:

*“Habitado a treinar com uma bola que tinha três vezes o peso regulamentar, ele pegou um passe de Goncharenko dentro do círculo central, avançou com a bola por alguns metros e então simplesmente chutou, lançando-a a 30 metros de distância, antes que a defesa adversária conseguisse derrubá-lo. A bola voou, ultrapassando o goleiro do Flakelf, e o Start empatou.”<sup>61</sup>*

Alguns minutos após o empate, Makar Goncharenko infiltrou na área do Flakelf e driblou alguns adversários até virar o placar: 2 a 1 para o Start. Pouco antes do intervalo, Kuzmenko lançou Goncharenko que, recuando dois passos para não deixar dúvidas sobre sua posição para a arbitragem, armou um chute de primeira. Gol. O Start vira para 3 a 1 e encerra-se o primeiro tempo.

Como o jogo, de forma isolada, não é o objeto principal dessa dissertação, senão todo o cenário que o envolve e os sentimentos que ele proporcionou, muita coisa há pra ser analisada no intervalo da partida. A começar pelas reações das torcidas. Dougan descreve que a euforia tomara conta dos kievianos. As comemorações geradas pela virada do Start desencadearam um clima de agitação social nas arquibancadas.

*“Os gritos de comemoração aumentaram a cada gol. Os bramidos de saudação ao Flakelf há muito haviam sido esquecidos. Os ucranianos cantavam e dançavam. Os mais audaciosos dirigiam-se a tribuna especial, onde, animados com a vitória do seu time, zombaram e insultaram os oficiais e dignitários alemães. A reação foi chamar os treinadores com os cães. Em outros cantos do gramado rixas esporádicas se travavam entre torcedores rivais. Uma parte desses torcedores eram combatentes em licença que estavam loucos por uma briga depois de passarem a maior parte do dia bebendo. A polícia ucraniana e os guardas alemães acabaram separando-os, mas não antes que alguns torcedores do Start tivessem apanhado bastante.”<sup>62</sup>*

---

<sup>61</sup> DOUGAN. 2004. p. 150.

<sup>62</sup> DOUGAN. 2004. p. 151.

Esse clima de agitação não é descrito em nenhuma outra fonte pesquisada. A julgar que Dougan está escrevendo com base nas memórias de Goncharenko, meio século após o fato, deixamos esse ponto com certa dúvida no ar. Todavia, há muitos elementos que tornam plausível os conflitos nas torcidas. A violência foi o meio utilizado pelo exército nazista para subjugar as regiões conquistadas. A colonização alemã na Ucrânia também se baseou na violência constante. Se os ucranianos caíram nos domínios nazistas e a própria existência da URSS estava ameaçada quanto mais a *Wehrmacht* se aproximava de Moscou e Stalingrado, seria natural para o Flakelf e seus torcedores que o Start sucumbisse diante da violência adversária em campo. E também da superioridade física dos jogadores nazistas. A frustração da torcida do Flakelf é compreensível. A Alemanha nazista não havia sofrido nenhum grande revés nos campos de batalha, até então. Faria sentido perder de “subumanos”?

De outro lado, os torcedores do Start estavam presenciando um golpe cruel no orgulho alemão. Testemunhavam a superioridade técnica, de origem remota no Dínamo, impor uma humilhação aos *valentões* nazistas. Era a chance de soltar o grito da garganta, não pelo gol, mas pela vergonha que o Flakelf estava passando e fazendo passar seus apoiadores. Os insultos aos oficiais alemães na tribuna tem um ar de “vocês podem ter conquistado essa terra, mas não hoje, não nesse jogo, não contra o Start”. Os kievianos devem ter se deliciado ao testemunhar que a superioridade física dos nazistas estava sendo terrivelmente derrotada pela superioridade técnica do seu time.

Enquanto isso, no vestiário do Start, a tensão ficava ainda maior. Goncharenko conta que Shvetsov, o nacionalista organizador do torneio, foi até os jogadores do Start e os advertiu que deveriam proteger a si próprios e ao público que os assistia. Não disse mais nada, deixando os jogadores para tomarem sua própria decisão. Antes, um segundo oficial da SS, também falando russo fluentemente, lhes disse que

*“[...] o Start tinha jogado muito bem no primeiro tempo e que os alemães estavam impressionados com sua perícia e espírito esportivo. Entretanto, assinalou, deviam compreender que o time não podia esperar a vitória. Os*

*jogadores deviam parar por alguns instantes para avaliar as consequências antes de voltarem para o campo.*<sup>63</sup>

Agora o recado parecia menos floreado, mais direto e assertivo. O Start tinha que perder. As consequências de uma possível desobediência não foram explicitadas. Mas não foi difícil para aqueles jogadores imaginarem o que ocorreria. Prisões, torturas, trabalho escravo na Alemanha, fuzilamento eram as consequências corriqueiras para muitos habitantes de Kiev. Mas só eles teriam o poder de decidir o que fazer na etapa complementar.

*“Quando saíram para o segundo tempo, os jogadores do Start mal podiam ouvir as instruções que davam uns para os outros, por causa do barulho. A cerca havia sido substituída por uma corrente de guardas armados que, ombro a ombro, defrontavam-se com a multidão. Os guardas estavam tão próximos das laterais que os jogadores corriam o risco de esbarrar neles quando partiam para a bola. Trusevich estava particularmente vulnerável depois do tratamento que recebeu dos atacantes alemães no primeiro tempo. No segundo tempo, foi sujeitado a uma torrente de insultos proferidos pelos torcedores alemães, sobretudo porque era um alvo estático entre as traves.*<sup>64</sup>

Esse clima de hostilidade em constante crescente certamente afetou os ânimos dos jogadores. No entanto, a decisão do Start foi de ir até o fim. No início do jogo, haviam bradado a expressão *FizcultHura*. Decidiram ir até o fim com ela. Afinal, havia algo a mais do que apenas os 90 minutos de bola rolando naquele campo, em Kiev. Havia todo o simbolismo da resistência.

Para os jogadores, a resistência foi a sua própria sobrevivência até então. Conseguiram, mesmo vivendo em uma hierarquia social forjada pela colonização nazista, que lhes colocou nos trabalhos de menor remuneração. E o mais fascinante de tudo é que conseguiram essa resistência fazendo exatamente aquilo que faziam antes da guerra: jogar futebol.

Quanto aos torcedores do Start que, como já dissemos, tinha grande popularidade nas ruas de Kiev, soou, provavelmente, como uma vingança diante dos orgulhosos colonizadores. Ver a tão falada “superioridade ariana” cair diante de seus olhos não deve ser algo de que se esqueça facilmente. Vladimir Mayevsky era um garoto de dez anos que testemunhou o jogo. Anos

---

<sup>63</sup> DOUGAN. 2004. p. 152.

<sup>64</sup> DOUGAN. 2004. p. 152.

mais tarde, seria jogador de destaque do próprio Dínamo de Kiev. Ele relatou suas impressões do jogo, que Andy Dougan transcreveu, em sua obra:

*“Lembro-me que toda a parte central do estádio foi tomada pelos alemães. Havia soldados húngaros sobre a colina de um lado, e o resto do público cercava o perímetro do estádio. Lembro-me que nosso time fez muitos gols. Nossos melhores jogadores foram Goncharenko e Klimenko. [...] [Klimenko] se esquivou de toda a defesa alemã, inclusive do goleiro. Depois correu para a linha do gol, mas em vez de chutar a bola para lá, parou-a na linha. Então, correu para dentro do gol, virou-se, chutou a bola para o centro do campo e colocou-a novamente em jogo.”<sup>65</sup>*

Essa última frase não se repete em nenhum outro depoimento, nem dos jogadores que deixaram algum vestígio sobre o fato. Mas parece ser parte da construção heroica do Start. Não podemos confirmar esse fato, até porque o livro de Dougan não descreve detalhadamente o segundo tempo da partida. Mas há uma informação que, por ora, soa mais como curiosidade, mas tomará outras proporções logo adiante: os húngaros estavam torcendo pelo Start. Pesquisando sobre o tema na *internet*, utilizando os idiomas eslavos – ucraniano e russo –, nos buscadores, encontramos um documentário no *YouTube* intitulado “Jogo da Morte: Sob o Segredo do Abutre”. Nessa produção de 38 minutos, aparecem algumas fontes históricas ligadas que também pudemos explorar. Sobre o jogo, há trechos de uma entrevista de rádio concedida por Makar Goncharenko em 1960. E também trechos do seu diário. Em um deles, o ponta-direita diz: *“tive sorte para marcar os dois últimos golpes. Parece que nunca marquei [um gol] com tanta alegria e raiva”*

---

<sup>65</sup>DOUGAN. 2004. p. 153.

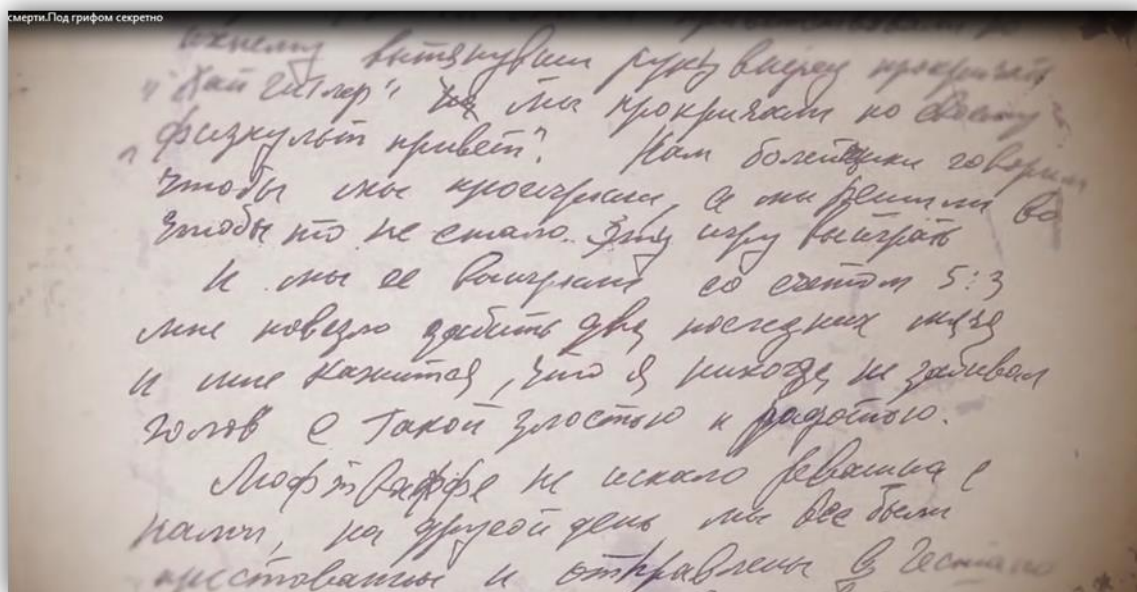


Figura 4: Diário de Goncharenko. Frame capturado do documentário Матчсмерти Подгрифомсекретно. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sL31x3wZ8OI>. Acesso em: 23 de março de 2020.

O placar final marcou 5 a 3 para o Start. Mesmo jogando pela sobrevivência, Goncharenko se recorda do sentimento de raiva, quase duas décadas depois do fato. É muito provável que a raiva tenha sido motivada muito mais pelos ânimos do jogo do que por uma suposta disputa política em campo. Mas como alguns torcedores também já haviam colocado pra fora o grito de raiva contra os oficiais alemães, é muito provável também que entre os torcedores essa vitória tenha sido celebrada com o mesmo sentimento, uma espécie de contraviolência destinada aos opressores.

Mas o que ocorreria com os jogadores? Quais seriam as consequências para os jogadores do Start, das quais foram advertidos por nazistas e nacionalistas ucranianos nos vestiários do Estádio Zenit, naquele histórico nove de agosto de 1942?

## 6. O DESTINO DOS JOGADORES



Figura 5: FC Start e Flakelf após o “Jogo da Morte”. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-jogo-da-morte-padeiros-x-nazistas.phtml>. Acesso em: 23 de março de 2020.

Encerrado o jogo, houve um registro histórico do evento. Uma fotografia em que os jogadores do FC Start e do Flakelf aparecem, lado a lado. A foto é preta e branca, mas os jogadores kievianos aparecem com seus uniformes vermelhos, escuros na evidência. Entre eles, um clima de tensão transparece no documento. Apenas quatro ou cinco jogadores sorriem para o fotógrafo. É preciso considerar que o padrão das fotografias desse momento histórico é de seriedade. A maior parte das fotografias da época mostra homens sem transparecer as emoções ao fotógrafo. Mas seria somente essa a razão da seriedade dos jogadores na foto? Ou seria também reflexo de uma incerteza do futuro? Para os jogadores alemães, seria uma frustração com o resultado? Não há evidências para responder a essas questões.

*“Os jogadores de ambas as equipes tiraram fotos para memória e saíram calmamente do campo. Depois de alguns dias, os alemães entregaram a foto aos jogadores, e as fotos foram mantidas com eles pelos anos seguintes. E essa partida não foi a última.”<sup>66</sup>*

<sup>66</sup> EVSTAFEVA. 2012.p. 46.



Após a partida, os jogadores foram celebrar o resultado. Essa informação foi confirmada, recentemente, através de um relato que passou oralmente ao século XXI, e foi finalmente registrado:

*Em agosto de 2002, o jornal de Kiev, Bulvar foi informado pelo filho do jogador Mikhail Putistin Vladlen[...]: 'Depois do jogo, nossos jogadores celebraram a vitória: eles beberam e comeram no restaurante. Um dos fãs trouxe sobremesa. Eles ficaram sentados por um longo tempo, conversando'.<sup>67</sup>*

A história dessa partida também está registrada no clube Dínamo de Kiev. Não a toa, como já dissemos, o modelo tático do time serviu de base ao Start para obter as vitórias naquele torneio amador. Porém, há outro elemento comum aos Dínamos espalhados pela Europa Oriental que precisa ser considerado para compreender os eventos pós-jogo.

Os Dínamos foram criados a partir de 1923, seguindo o modelo do Dínamo de Moscou. Desde então, todos os Dínamos estavam ligados à NKVD. No modelo socialista de sociedade que se pretendia na URSS, os clubes de futebol estavam diretamente ligados aos ramos dos trabalhadores. O Lokomotiv, em Kiev, seguia a mesma lógica do seu homônimo moscovita, contando com a origem nos trabalhadores ferroviários. Este foi fundado em 1922 pelos ferroviários como resistência à restrição do futebol aos militares e policiais. Inclusive seu nome original é Clube da Revolução de Outubro<sup>68</sup>.

Já o Dínamo de Kiev, assim como seus “primos”, era um clube oficial da polícia política soviética. Dessa forma, era comum que os jogadores dos Dínamos fossem vinculados à NKVD. Ao que parece, a maior parte deles fazia isso porque acabavam por ter mais acesso à espaços de treinamento. Mas não é de se surpreender que alguns deles também tivessem participação mais ativa na política soviética. Esse elemento foi abordado em algumas fontes e será apresentado adiante.

Mas os dias que se seguiram à revanche contra o Flakelf foram de apreensão. Os jogadores esperavam consequências imediatas, que não vieram. Durante a semana, Josef Kordik, o gerente da fábrica de pães avisou

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www.oblgazeta.ru/sport/1640/>. Acesso em: 21 de jan. de 2020.

<sup>68</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Futbolniy\\_Klub\\_Lokomotiv](https://pt.wikipedia.org/wiki/Futbolniy_Klub_Lokomotiv). Acesso em: 25 de jan. de 2020.

aos jogadores que teriam um novo jogo no dia 16 de agosto. Seria o segundo jogo contra o Rukh, o clube de Georgi Shvetsov. A vitória do Start foi, novamente, estrondosa. Golearam o Rukh por 8 a 0. Esse foi o último jogo em que o FC Start esteve reunido. Chegava ao fim a temporada de um controverso campeonato disputado em Kiev, durante a Segunda Guerra.

Nesse período, as tropas nazistas estavam próximas de seu objetivo, conquistar Stalingrado e ter acesso a recursos necessários para a guerra. Contudo, apesar dos esforços de guerra de Stálin, os jogadores, como uma parcela considerável dos habitantes de Kiev preferiram permanecer na cidade.

Não é possível compreender esse ponto da história sem considerar a história social de Kiev naqueles tempos. Caso contrário, cairemos nos extremismos das análises tendenciosas que ora colocam os jogadores como mártires e heróis, ora como colaboradores do nazismo.

Para traçar o estudo sobre o destino dos jogadores, precisamos conhecer melhor o time que representou o FC Start naquela temporada de 1942. Ele era formado por: Nikolai Trusevich, Georgy Timofeyev, Ivan Kuzmenko, Pavel Komarov, Alexei Klimenko, Nikolai Korotkykh, Vasily Sukharev, Feodor Tyutchev, Makar Goncharenko, Mikhail Putisin, Mikhail Melnik, Mikhail Svyridovskiy, Vladimir Balakin e Oleksandr Tkachenko.

Nem todos eles eram jogadores profissionais quando a guerra chegou em Kiev. Mas muitos tinham idade para servir o Exército Vermelho quando os nazistas colocaram em prática a Operação Barbarosa. Por que eles permaneceram na cidade? Por que não se juntaram aos kievianos que foram convocados para defender Stalingrado? Por que não fugiram com suas famílias para longe da guerra?

Responder a essas questões é compreender o quão plural é a história, como ela é formada por diversas situações de contexto mais amplo, como disputas econômicas e embates militares, mas também é formada por pessoas comuns, sujeitos históricos que, a seu modo, tentam sobreviver à guerra.

E, para tanto, é preciso retornar ao momento em que a guerra alterou a rotina de Kiev. Usaremos como referência um artigo intitulado *Havia jogadores ativos da equipe de mestres do Dínamo em Kiev ocupada*<sup>69</sup>, cujas informações

---

<sup>69</sup> Disponível em: <https://ffk.kiev.ua/6669-chy-zalyshylysyv-okupovanomu-kyyevi-diyuchi-gravtsi-komandy-majstriv-dynamo.html>. Acesso em: 25 de jan. de 2020.

são atribuídas à Anatoly Kolomiyets. Aparentemente, o grupo de jogadores que permaneceu em Kiev ao invés de acompanhar as tropas soviéticas em retirada, o fez por quatro razões.

A primeira delas é que Stálin seguiu durante muito tempo ordenando a defesa de Kiev. Relutou a entregar a capital ucraniana à Hitler, e isso fazia com que qualquer tentativa de evacuação se tornasse um grande perigo, porque muitas tropas se locomoveram para defender Kiev.

A segunda razão é de questão logística. Para dificultar a passagem dos nazistas, os engenheiros da NKVD implodiram a ponte sobre o rio Dnieper, em 19 de setembro de 1941. Não foi o suficiente para impedir a travessia dos nazistas através de pontes flutuantes no dia seguinte. Mas pode ter sido o suficiente para inviabilizar a saída desse grupo de homens que, como muitos outros, foram lançados à sorte de sobreviver em Kiev sob o jugo nazista.

Em terceiro lugar, os jogadores tinham família em Kiev e não teriam permissão para leva-los para trás das linhas do Exército Vermelho. Alguns, como o próprio Trusevich, conseguiram enviar esposas e filhos para longe das batalhas. Mas nem todos os homens que potencialmente serviriam à defesa de Stalingrado ousaram deixar seus familiares nas mãos dos nazistas.

E finalmente, a quarta razão, na qual alguns jogadores de destaque do FC Start se encaixam. Todos os atletas que estavam lutando nos batalhões de defesa de Kiev até setembro de 1941 e que conseguiram recuar, seja com a proteção do Exército Vermelho ou de *partisans*, tiveram livre acesso à Kiev. Além desses, os soldados soviéticos capturados pelos nazistas, também retornariam à cidade, mais tarde. A determinação incluiu um grupo de jogadores que

*“participou de hostilidades e foi libertado dos campos de prisioneiros de guerra, de acordo com uma carta bem conhecida da Seção de Cultura Física e Esportes da Administração Municipal já ocupada pelos alemães de Kiev – N.Trusevych, P.Komarov, I.Kuzmenko, O.Klimenko, N.Koroktykh e V.Kolaktyk.”<sup>70</sup>*

Trusevich certamente foi o principal articulador, entre os jogadores, para a formação do Start. Não é possível esquecer que ele esteve na linha de frente combatendo as tropas de Hitler, que foi ferido e esteve, junto a

---

<sup>70</sup> Idem.

companheiros futebolistas, entre os 650 mil oficiais e soldados do Exército Vermelho capturados, de acordo com as estatísticas de Hitler<sup>71</sup>.

Enquanto isso ocorria, outros jogadores como Gundarev, Sukharev e Tkachenko abandonaram as armas diante do avanço alemão e chegaram à Kiev de forma independente. Há, ainda, outro grupo para o qual não existe uma explicação plausível para sua permanência na cidade. Dentre eles, está Makar Goncharenko, que estava morando em Odessa no início do conflito, pois havia sido transferido do Dínamo para o Sparta Odessa. De acordo com seus diários, ele escapou da convocação em Odessa por estar em Kiev, antes da entrada nazista.

O time foi formado por seis jogadores que atuavam no Dínamo de Kiev na temporada de 1941: Trusevich, Klimenko e Komarov, Kuzmenko, Gundarev e Melnyk. Ainda havia outros sete ex-jogadores do Dínamo: Koroktykh, Goncharenko, Tyutchev, Putistin, Sukharev, Tkachenko e Timofeev. Vindos de outras equipes, estavam o goleiro reserva Golembowski e os veteranos Przepolski e Bardadym. Mesmo que o FC Start não tenha sido o Dínamo em campo, durante o verão de 1942, a base histórica e tática tem raízes naquele clube de Kiev.

Mas para compreender o que ocorreu com os jogadores do Start após o jogo contra o Flakelf é preciso voltar a falar dos nacionalistas ucranianos. O Rukh, clube organizado por Georgi Shvetsov havia sofrido pesados reveses em campo. Nas duas partidas contra o Start, o placar agregado foi de 17 a 0 para o time dos trabalhadores da padaria. E como o próprio Shvetsov era o articulador do torneio, e já havia colocado pressão sobre as autoridades locais para impedir o Start de jogar no Estádio Ucraniano, não é de se estranhar que após a partida final tenha tentado se vingar de alguma maneira dos rivais.

No dia 18 de agosto de 1942, durante o período de trabalho dos jogadores, o gerente da padaria, Josef Kordik convocou aqueles que estavam no turno: Trusevich, Sviridovsky, Kuzmenko, Klimenko, Putistin, Komarov e V. Balakin. Foram convocados, um a um, à sala de Kordik. Quem lhes recebia era a Gestapo. Todos foram presos e levados para um longo mês de interrogatórios. Goncharenko e Tyutchev estavam de folga, mas foram

---

<sup>71</sup> Idem.

convocados à Gestapo e presos no mesmo dia. Oleksandr Tkachenko também foi preso, em sua própria casa<sup>72</sup>. Mas qual teria sido o motivo da prisão dos jogadores? Seria uma retaliação nazista depois da vitória do Start? Ou seria uma vingança de Shvetsov, depois de duas derrotas humilhantes?

Os nazistas utilizavam a violência constantemente para disciplinar a sociedade kieviana. Sabiam que caso prendessem e fuzilhassem os jogadores sem nenhum outro motivo para tal, torná-los-ia mártires de cidadãos que, mesmo subjugados como párias na terra natal, gritaram, hostilizando oficiais alemães no intervalo do jogo. Até mesmo os nazistas devem ter avaliado o quão perigoso é isso.

A conexão possível de se estabelecer com o motivo da prisão é o fato dos jogadores pertencerem ao Dínamo e, conseqüentemente, estar ligados formalmente à NKVD. Esse assunto é abordado no livro de Andy Dougan. Contudo, havia mais conexões entre algum jogador e o órgão estatal soviético?

Os próprios jogadores deixaram versões do fato. Em 28 de fevereiro de 1944, Sviridovsky, que era atleta do Dínamo e desempenhou a função de capitão do elenco do Start, registrou sua versão em um depoimento às autoridades soviéticas:

*“Fomos traídos por Vyachkis G.P. (Georgi Shvetsov, campeão ucraniano de natação, trabalhava para a Gestapo e a inteligência alemã, recebeu a ordem da Cruz de Ferro, fugiu com os alemães). Fomos acusados do fato de o Dynamo ter sido organizado pela NKVD e, nesse caso, isso significa que o objetivo da organização é claro ... Dos oito presos, apenas Balakin, que era membro da equipe de Lokomotiv, foi libertado. Chernega, Gundarev e Tkachenko estavam na frente dos alemães, então eles não foram presos.”<sup>73</sup>*

De acordo com esse relato, apenas os jogadores do Dínamo permaneceram presos. Isso significa que a alegação para a manutenção das prisões não tinha nenhuma relação direta com a partida contra o Flakelf. No entanto, a situação de um daqueles que Sviridovsky colocou ao lado dos nazistas não está muito bem explicada. Trata-se de Oleksandr Tkachenko. O

---

<sup>72</sup> Andy Dougan também relata isso em seu livro, contudo, essa reconstituição histórica foi feita com base nas informações do artigo *Havia jogadores ativos da equipe de mestres do Dínamo em Kiev ocupada*.

<sup>73</sup> Disponível em:

[https://ru.wikipedia.org/wiki/%D0%9C%D0%B0%D1%82%D1%87\\_%D1%81%D0%BC%D0%B5%D1%80%D1%82%D0%B8](https://ru.wikipedia.org/wiki/%D0%9C%D0%B0%D1%82%D1%87_%D1%81%D0%BC%D0%B5%D1%80%D1%82%D0%B8). Acesso em: 22 de fev. de 2020.

jogador do Start era um oficial ativo da NKVD. Sua ficha no Exército Vermelho inclui inúmeros serviços prestados à defesa da URSS.

*“Serviço policial: passaporte do departamento de polícia da cidade montenegrina do território de Krasnoyarsk, 12/07 / 39-01.09.40; Oficial Adjunto de Operações do Departamento de Polícia da Cidade Montenegrina do Território de Krasnoyarsk, 01.09-40-01.10.41; oficial de polícia do departamento de polícia da cidade montenegrina do território de Krasnoyarsk, 01.10.41-08.12.41. O oficial operativo do departamento da cidade montenegrina da NKVD da URSS, 08.12.41-01.03.42; oficial operativo 00 do NKVD da 308ª Divisão de Infantaria do 1º Exército de Guardas da Frente de Stalingrado, 01.03.42-10.09.42.”<sup>74</sup>*

As últimas missões descritas na ficha de Tkachenko inclui a função de oficial operativo da defesa de Stalingrado. Apesar dessa mudança de posição ter ocorrido em março de 1942, ele permaneceu na cidade durante todo o verão, disputando partidas pelo Start e, ao que parece pelo depoimento de Svidorivsky, infiltrado entre os nazistas em Kiev. Mas qual seria o interesse da inteligência soviética em mapear os nazistas na Ucrânia?

Mais recentemente, uma reviravolta nas pesquisas sobre o “Jogo da Morte”, na Rússia e na Ucrânia apresentou outra versão para prisão dos jogadores. As evidências dão uma dimensão diferenciada à alguns jogadores do FC Start, tirando do campo o foco principal de sua atuação. Explicamos, há pouco que alguns jogadores estavam, aparentemente, colaborando com os nazistas como policiais locais e outros não tinham uma explicação plausível para não terem ido para as linhas de frente do Exército Vermelho. Estar dentro da Kiev ocupada e mostrar uma relação amistosa com os alemães, permitiria à eles a obtenção de informações de movimentação das tropas que poderiam ser cruciais na defesa de Stalingrado. Além disso, as guerrilhas *partisans* prosseguiram atacando as forças nazistas, mesmo na Kiev ocupada.

Não obstante, o fato de um grupo trabalhar na fábrica de pães permitia que as forças guerrilheiras fossem abastecidas com mais qualidade, com o pão destinado aos militares. Na hora da entrega clandestina dos pães, haveria oportunidade de repassar dados sobre as tropas alemãs. Mas talvez não fossem apenas defensivas as ações empreendidas por alguns oficiais da NKVD. Vyacheslav Sabaldyr afirma que:

---

<sup>74</sup> Disponível em: [http://loveread.ec/read\\_book.php?id=43975&p=120](http://loveread.ec/read_book.php?id=43975&p=120). Acesso em: 15 de abril de 2020.

*Os documentos de arquivo indicam que a criação da Sociedade Esportiva do Dínamo All Union e seus times de futebol coincidiram com o início do treinamento de profissionais de alto nível por meio de escolas especiais da GPU-NKVD para combater um possível inimigo no território soviético ocupado por ele. Obviamente, todas as escolas especiais e seus alunos foram completamente classificados e disfarçados de clubes esportivos comuns. Jogadores de futebol e guerrilheiros também foram treinados lá. Em duas escolas especiais – em Ivanovo-Voznesensk e Bolshevo– os futuros participantes da ‘partida da morte’ também foram treinados.”<sup>75</sup>*

Nikolai Korotkykh se tornou oficial da NKVP em Ivanovo. Isso é fato. O documentário “Jogo da Morte: Sob o Segredo do Abutre” vai além e apresenta um motivo que seria de extrema importância no período da guerra em que o torneio ocorreu. Adolf Hitler visitou diversas capitais pela Europa, durante o período em que a Alemanha conseguiu expandir seu território. Mas ir ao Leste Europeu seria diferente. Como já apresentamos nessa dissertação, os nazistas organizaram os territórios eslavos como colônias de exploração e subjugaram os povos nativos das formas mais cruéis e perversas. Certamente, a alta cúpula nazista sabia que ir à Kiev não era tão simples como ir à Paris ou Viena.

Na produção televisiva citada, houve uma reconstituição da localização das moradias de diversos jogadores que estiveram em campo pelo FC Start. Coincidentemente, vários deles estavam morando próximos do possível local de passagem de Hitler, caso esse fosse, de fato, à Kiev. Apesar de não ter à cidade, o líder nazista visitou Vinnitsa, na Ucrânia.

---

<sup>75</sup> Vyacheslav Sabaldyr pertence à Academia Ucraniana de Ciências e é especialista na história do Dínamo de Kiev. Aos doze anos de idade, acompanhou todos os jogos do Start em Kiev. Mais tarde, em 1966, entrevistou diversos jogadores que participaram da famosa partida. Disponível em: <https://dynamo.kiev.ua/blog/306844-3sensatsiya-na-70-om-godu-istorii>. Acesso em: 30 de maio de 2020.



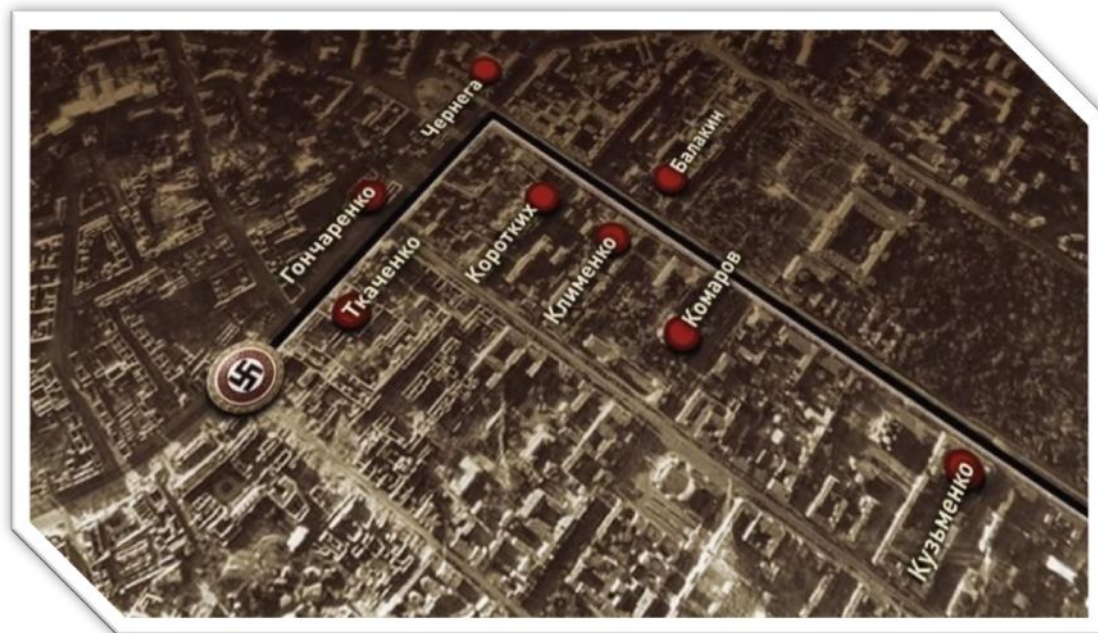


Figura 6: Residência de jogadores do Start. Frame capturado do documentário Матчсмерти.Подгрифомсекретно. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sL31x3wZ8OI>. Acesso em: 14 de maio de 2020.

Na imagem capturada, podemos perceber a linha escura que representa a provável rota de Adolf Hitler. O local marcado com a suástica seria a parada final do trajeto. Os pontos vermelhos são as residências de alguns jogadores do FC Start, em 1942. Da esquerda para direita, de cima para baixo, temos as casas de: Goncharenko, Chernega, Tkachenko, Korotkykh, Klimenko, Balakin, Komarov e Kuzmenko. Para Tkachenko e Korotkykh já evidenciamos que havia uma ligação ativa com a inteligência soviética.

Contudo, essa prova de que houve algum contato entre alguns jogadores, como a foto em que Nikolai Korotkykh aparece ao lado de seu instrutor nos serviços especiais, ou mesmo Sergey Bronevoy – funcionário da GPU-NKDV<sup>76</sup> –, com Nikolai Trusevich e Makar Goncharenko não é suficiente para sustentar a hipótese de que houve uma missão da inteligência soviética para o FC Start, como alega Vyacheslav Sabaldyr.

Por outro lado, muda a perspectiva da história do “Jogo da Morte” porque coloca o futebol como pano de fundo de uma disputa sobre informações. Se Tkachenko e Korotkykh estivessem participando daquele

<sup>76</sup> A NKVD foi criada em 1934 e acabou incorporando o GPU (*Gosudarstvennoye Politicheskoye Upravlenie*) que era o Diretório Político Unificado do Estado.



torneio como parte da missão para NKVD, significa que a distração e o clima de normalidade podia interessar também à inteligência soviética. O período em que o torneio futebolístico ocorreu foi decisivo para o curso da guerra. O que ocorreu na sequência foi mais decisivo ainda. Entre o fim de julho e meados de novembro de 1942, as tropas soviéticas estavam utilizando uma estratégia defensiva para assegurar Stalingrado. Os nazistas viam suas pretensões ficarem ainda mais palpáveis. Foi somente após as contraofensivas da URSS que as tropas alemãs ficaram cercadas e se renderam em fevereiro de 1943. Esse seria o início do fim para o *III Reich*.

Apesar de não haver materialidade histórica, ao menos não entre as fontes primárias e citações pesquisadas na produção dessa dissertação, para sustentar que o FC Start foi utilizado como instrumento da NKVD – considerando a dificuldade de acesso às fontes em que o pesquisador está na América do Sul e as fontes estão no Leste Europeu, além do fato do pesquisador não dominar o idioma eslavo –, é irrefutável que pelo menos dois jogadores que atuaram pelo Start desenvolviam atividades paralelas na Kiev ocupada. E o faziam no ínterim do campeonato organizado em 1942. Tkachenko teve um desfecho diferente dos seus companheiros de time. Apesar de não ter seu nome na escalação do time de a partida do dia 19 de julho, ele foi fotografado após a mítica revanche contra o Flakelf, em 9 de agosto. Tatiana Evstafieva apresenta as evidências para reconstituirmos esse fato:

*“Segundo o testemunho de sua mãe A. Tkachenko, V. Ilyina, ele foi preso em casa em 18 de julho de 1942 e mantido por 21 dias na Gestapo na rua. Korolenko, n.º 33s. Quando ele tentou escapar, foi morto a tiros por uma escolta na frente dos olhos dela, ela relatou. A mãe de A. Tkachenko afirma que o dia da prisão do filho foi 18 de julho de 1942, embora seu sobrenome apareça no pôster entre os jogadores do Start na partida com a equipe húngara em 19 de julho de 1942. No pôster da partida em 9 de agosto de 1942 com a equipe alemã Flakelf, o sobrenome de A. Tkachenko não está, mas [ele] é capturado em uma fotografia entre os jogadores de ambas as equipes, tirada após o jogo. Os jogadores foram presos em 18 de agosto, portanto, pode-se supor que V. Ilyindisse a data errada da prisão de seu filho.”<sup>77</sup>*

---

<sup>77</sup> EVSTAFEVA, Tatiana. 1942: Partidas de futebol da equipe Start em Kiev ocupada pelos alemães e sua subdivisão de jogadores. In Vitalli Nakhmanovich (ed.): Babi Yar: assassinato em massa e memória. Kiev, 2012: Ukr. Centro de Estudos do Holocausto. p. 51.

No interrogatório de Patalov<sup>78</sup>, outro ex-Dínamo, há evidências de que Tkachenko estava a serviço da inteligência alemã no período em que sua mãe relatou a prisão. O fato concreto que podemos reconstituir é que Alexander Tkachenko foi um jogador do FC Start assassinado pelos alemães, em circunstâncias que nada parecer ter relação com o jogo de futebol. O motivo para sua prisão foi classificado como denúncia anônima.

De todos aqueles que haviam sido presos, um deles teria um tratamento diferenciado. Trata-se de Nikolai Korotkykh. Ele era o único entre os jogadores com provas de ter prestado serviço como oficial para NKVD. Esse elemento daria aos nazistas um precedente para execução sumária. No entanto, de acordo com Eugenia Korotkykh, filha do jogador do FC Start, ele havia sido convocado à defesa de Stalingrado, mas permaneceu em Kiev executando um serviço que sua própria esposa desconhecia. A evidência histórica que levou a Gestapo a investir com maior violência sobre Korotkykh é a fotografia em que ele veste o uniforme de oficial da NKVD. Eugenia a descreve com detalhes e claramente com uma memória afetiva, no documentário “Jogo da Morte: sob o segredo do Abutre”. Esse documento foi localizado em um blog russo, sem referências.

---

<sup>78</sup> Afanasy Fedotovitch Potalov (1911-1942). Nascido em Kiev. Em 1934, ele trabalhou como caçador de campo no NKVD de Ivanovo-Voznesensk, depois na equipe Dynamo (Kiev). Em 1941, ele foi convocado para o exército, alistado no batalhão de reserva e restauração da 45ª Divisão Panzer, foi cercado e retornou a Kiev. Preso em 1942 pela polícia, enfrentou uma escolha: aceitar a execução ou prestar serviços para inteligência alemã. Depois de se formar na escola de inteligência Poltava, ele foi transferido para a retaguarda do exército soviético, ele próprio veio aos órgãos da NKVD e falou sobre como trabalha para a inteligência alemã. De acordo com a decisão da Reunião Especial no Comissário do Povo de Assuntos Internos da URSS, ele foi condenado à morte. Disponível em EVSTAFEVA, 2012. p. 51.

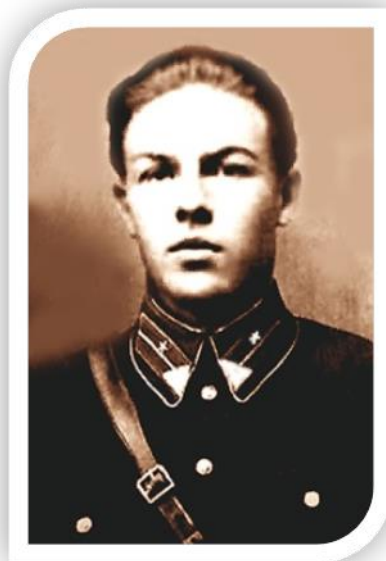


Figura 7: Korotkykh com uniforme da NKVD. Disponível em: <http://ffk.kiev.ua/7806-za-shho-naspravdi-nimtsi-rozstrilyaly-p-yatoh-kyivskyh-dynamivtsiv-pid-chas-okupatsiyi-kyeva.html>. Acesso em: 28 de dez. de 2020.

*“Ele foi preso em uma lanchonete onde trabalhava como cozinheiro o tempo todo. Ele sabia, é claro, sobre a prisão de seus companheiros de equipe, mas sabia muito bem que isso não estava relacionado às partidas”*, afirma Anatoly Kolomiets. Após a prisão, passados 21 dias de interrogatórios e torturas, Korotkykh tombou definitivamente. Andy Dougan afirma que todos os jogadores presos passaram por um modelo de tortura, reconstituído a partir de relatos:

*“Foram submetidos à versão alemã do ‘transmissor’ de Stálin, com turmas de interrogadores querendo que eles confessassem que eram espiões ou membros da resistência, ou qualquer outra coisa que permitisse uma execução sumária ‘legítima’. Havia três sessões de interrogatório a cada dia, nunca a intervalos regulares, de modo que os prisioneiros ficavam desorientados e não podiam se preparar para a sessão seguinte. As perguntas incessantes eram pontuadas com brutalidade física. Eles eram espancados regular e selvagemmente. Lâmpadas fortes permaneciam acesas nas celas dia e noite, dificultando o cálculo do tempo. Quando conseguiam encontrar algum conforto no sono, os guardas irrompiam nas celas e os acordavam, confiando que a exaustão contribuiria para que se denunciassem ou aos seus companheiros. A comida consistia de uma dieta de fome, mesmo em comparação à sua frugalidade habitual: pão preto e um pouco d’água. A fome – esperavam os homens da Gestapo – acabaria minando sua força de vontade e os obrigaria a falar. [...] De frente uns para os outros em suas celas ao longo de um corredor, os jogadores podiam trocar sinais, tentando manter o moral e fortalecer os que começavam a esmorecer. Korotkykh não desfrutou de tal luxo. Foi afastado dos outros, como deve ter imaginado que algum dia seria, e torturado até o fim pela Gestapo. Dois dias depois, o interrogatório dos outros membros do time*

*terminou. Ainda presos, eles foram conduzidos da rua Korolenko para o campo de Siretz, perto de Babi Yar.”<sup>79</sup>*

Com o encerramento da investigação, logo após a morte de Korotkykh, os jogadores que permaneciam presos foram transferidos. Não há mais informação sobre as ações da repressão contra Korotkykh e Tkachenko, tampouco o que alemães registraram, obtidas – ou não – com o uso da tortura como método de interrogatório. É intrigante o fato de que logo após a morte de Korotkykh, com apenas dois dias de intervalo, os demais jogadores tenham sido transferidos para Siretz. Este era um campo de concentração, cujo destino era comum para os kievianos durante o período de ocupação nazista.

Considerando que a participação de Tkachenko e Korotkykh nos jogos do Start tenha ocorrido enquanto atuavam para a inteligência soviética, parece que não havia mais ninguém, entre os jogadores, com liderança política para além do campo. Transferi-los para um campo de concentração nazista era o equivalente a um descarte de informação. A chance de morrer dentro desses espaços de terror é enorme. Já não havia mais o que tirar dos sobreviventes.

---

<sup>79</sup> DOUGAN. 2004. p. 160.

## 7. O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE SIRETZ

A medida em que a política de intolerância do regime nazista foi ganhando corpo dentro da legislação, o próprio Estado alemão passou a empreender uma indústria de exploração do trabalho e posteriormente de eliminação daqueles considerados impuros para a ideologia da superioridade da raça ariana. Os campos de concentração eram espaços amplos, em geral nas áreas rurais, em que os prisioneiros trabalhavam em um regime de escravidão. Além disso, viviam em condições desumanas, com pouquíssima alimentação e amontoados nos barracões que lhes serviam de dormitório. Em diversas regiões, os campos de concentração também eram indústrias da morte. A execução sistemática de seus prisioneiros requeria uma estrutura preparada para tal. As câmaras de gás tornaram-se símbolos dessa prática genocida. Contudo, mesmo em locais onde não havia câmaras de gás, a morte rondava os prisioneiros diuturnamente. Na Ucrânia não era diferente.

O campo de Siretz era localizado a noroeste da cidade de Kiev, além da ravina de Babi Yar. O nome faz referência a um rio, afluente do Dnieper, que passa próximo do campo de concentração. Andy Dougan afirma que os historiadores soviéticos não divagam sobre as diferenças de um campo de concentração ou de trabalho, para classificar Siretz. São enfáticos em chamá-lo de campo de extermínio<sup>80</sup>. Contudo, era um campo como tantos outros no Leste Europeu, com uma área destinada ao dormitório e outra, que era maior, para o trabalho.

O extermínio de prisioneiros não pode ser analisado pela perspectiva única da produção industrial de mortes, como em Auschwitz. O que os nazistas faziam na Europa Oriental também carregava claros sinais de extermínio. Em Siretz, Dougan relata toda a arquitetura da crueldade.

*“Não havia equipamentos de higiene. A água, para os prisioneiros, precisava ser trazida manualmente do rio, e não havia também sistema sanitário, além das latrinas mais rudimentares. O mau cheiro no auge do verão era insuportável, e naquele verão excepcionalmente quente de 1942 um miasma de doença e sujeira pairou sobre o campo durante meses. Os prisioneiros viviam em grandes barracas e dormiam em beliches colocados ao longo das paredes. Os beliches eram tão estreitos e tão próximos uns dos outros que mal cabia um homem adulto deitado. Eles só conseguiam se*

---

<sup>80</sup> DOUGAN. 2004. p. 181.

*virar nos estrados porque estavam tão franzinos que seus corpos ocupavam apenas uma parte do que ocupariam normalmente. As barracas não eram nem ventiladas nem calafetadas, de modo que os prisioneiros quase sufocavam no verão, enquanto no inverno alguns chegavam a morrer de frio. A versão alemã do controle de temperatura era tão ineficiente quanto improvisada: eles simplesmente mandavam os prisioneiros cavar enormes buracos no chão que, coberto com placas de metal corrugado, tornavam-se dormitórios subterrâneos nos quais eram realojados durante o inverno. Essas 'habitações chegavam a abrigar cerca de 100 pessoas amontoadas em condições nas quais não seria admissível manter animais em uma fazenda. A ração diária normal de alimento [...] consistia de um naco de pão de péssima qualidade pesando entre 150 a 200 gramas [...]. O pão era velho e duro, e a única maneira de amolecê-lo era com uma sopa que o acompanhava, feita de cevada reconstituída, ou café e que, quando os prisioneiros estavam com sorte, era feito com bolotas de carvalho.”<sup>81</sup>*

Pelo relato acima, é nítido que o campo de trabalho forçado também se especializou no extermínio. A dieta paupérrima associada aos trabalhos pesados e às péssimas condições de dormitório criavam uma situação em que os prisioneiros eram explorados ao máximo, no limite da resistência física. Quando já não conseguiam trabalhar, eram simplesmente descartados. Algo que os nazistas justificavam como redução natural do contingente de prisioneiros.

Paul Otto von Radomski era o chefe do campo de concentração de Siretz. Dougan o descreve como um homem vaidoso que gostava de ser fotografado de uniforme de gala e que jamais aparecia em público sem seu chicote e sua *luger* – a pistola do Exército alemão. O autor escocês também apresenta a face mais cruel de Radomski, ao afirmar que um dos métodos favoritos de exterminar os prisioneiros consistia em mandá-los subir em uma árvore e, sob a pressão de soldados atirando a esmo. Posteriormente, ordenava que outros prisioneiros derrubassem a árvore para matar aqueles que estavam nela – ou pela queda ou por ser enterrado entre as folhagens e galhos<sup>82</sup>. As execuções públicas no campo, com o ar pedagógico do terror, também eram frequentes.

*“Segundo uma comissão soviética que apurou os crimes de guerra, um dos piores incidentes em Siretz aconteceu num domingo, em agosto de 1942, não muito depois da chegada dos jogadores do Start. Um grupo de prisioneiros fizera uma pausa momentânea em seu trabalho. Quando um dos policiais ordenou-lhe que retomassem a tarefa, foi atacado por um prisioneiro do grupo que tomou sua arma e matou-o antes de fugir. Um*

---

<sup>81</sup> DOUGAN. 2004. p. 162

<sup>82</sup> DOUGAN. 2004. p. 164-5.

*oficial graduado da Gestapo chegou quase que imediatamente e mandou que todos os prisioneiros se pusessem em forma diante dele. Em seguida, anunciou que 18 seriam executados, e também qualquer um que se movesse durante a execução. Os homens, exaustos, esforçaram-se para se manter enfileirados sob aquele calor abrasador de agosto, enquanto os que pertenciam ao grupo do prisioneiro que escapara formaram na frente deles. Então, 18 deles tiveram que se ajoelhar enquanto o chefe da Gestapo e seu ajudante de ordens caminhavam ao longo da fileira executando cada homem com um tiro na nuca. O chefe então mandou que o médico do campo trouxesse todos os doentes de Siretz. Ao todo, 30 homens foram arrastados do depósito e também forçados a se ajoelhar junto aos cadáveres do primeiro grupo de prisioneiros. Como fizera antes, o oficial da Gestapo caminhou por trás deles, enquanto fitavam o grupo enfileirado, e os matou.<sup>83</sup>*

Como podemos perceber, as execuções e a crueldade eram uma rotina para aqueles que estavam mantidos como prisioneiros em Siretz. O relato coletado pelos soviéticos, após a libertação do território dos domínios nazistas, dá a dimensão do sadismo de comandantes hitleristas. Tal qual os romanos faziam com seus gladiadores nas arenas, a morte parecia um entretenimento para Radomski e natural para o oficialato do campo. Morte essa que era de indivíduos considerados inferiores, subumanos, por todo conjunto ideológico que forjou os soldados de Hitler. Todos os corpos dos prisioneiros mortos eram levados à ravina de Babi Yar. Não é de estranhar que, à medida que os nazistas percebiam que sua vitória em território soviético ficava mais distante, a violência contra os prisioneiros aumentava.

Enquanto isso, a disputa bélica entre nazistas e soviéticos alcançava um ponto crucial. A Batalha de Stalingrado. Partindo do pressuposto teórico-econômico dessa dissertação, a obra de Paul Kennedy, podemos conjecturar que, quando os grandes capitalistas alemães perceberam que sofreriam reveses, o *staff* nazista sentiu o golpe. Dentre os pressupostos ideológicos do nazismo, a superioridade da raça ariana havia sido derrotada pela primeira vez, em um ponto essencial do tabuleiro de xadrez da geopolítica bélica. Os capitalistas na Alemanha sabiam que o acesso aos campos petrolíferos do Cáucaso era indispensável para prosseguir com os avanços militares, que seriam fruto da capacidade econômica da indústria germânica em produzir as condições objetivas da vitória na guerra. Para isso teriam que controlar a cidade industrial de Stalingrado. Apesar de terem sitiado a cidade e a destruído com intensos bombardeios, o Exército Vermelho resistiu. Em 1.º de setembro

---

<sup>83</sup> DOUGAN. 2004. p. 167-8.

de 1942, Stálin ordenou uma contraofensiva de 400 km, que impediu os avanços do exército de Hitler.

Durante o mês de fevereiro de 1943, os nazistas sabiam que as coisas não iam bem no *front*. Começavam a perder terreno com o fim da Batalha de Stalingrado. Seria o início do fim para as pretensões megalomaniacas do projeto nazista. Tendo seus anseios frustrados, o oficialato nazista tende a ficar mais agressivo. É nesse contexto, de aumento da violência – que já era desumana até esse ponto da guerra – dos colonizadores diante de qualquer não nazista, que um episódio fundamental na construção histórica do “Jogo da Morte” vai ocorrer.

Era uma segunda-feira, dia 23 de fevereiro de 1943. O inverno castigava a Ucrânia. O Exército Vermelho castiga os nazistas. A data remetia à uma comemoração da Revolução Comunista, no calendário soviético. E, por isso, os partisanos em Kiev desferiram ataques, com parte de um plano nas regiões ocupadas.

*“Um desses ataques teve como alvo uma fábrica em Kiev onde 100 trenós motorizados dos alemães estavam sendo reparados. Esses trenós eram vitais para eles por serem os meios de transporte mais confiáveis durante o inverno rigoroso. A fábrica foi incendiada pelos guerrilheiros e suas oficinas ficaram totalmente destruídas, assim como os trenós tão necessários. Na manhã seguinte, Radomsky fez uma chamada no campo de Siretz.”<sup>84</sup>*

No campo de concentração de Siretz ocorrerão mais algumas entre tantas execuções com caráter “pedagógico” para os prisioneiros e habitantes de Kiev. Há evidências que comprovam as ameaças de retaliação nazista contra todo ato de sabotagem organizado pela resistência em Kiev.

No entanto, após a dissolução da URSS, veio a tona um documento até então confidencial. Trata-se de um documento que estava sob a guarda da KGB, o estudo dos interrogatórios das testemunhas oculares do ocorrido na manhã do dia 24 de fevereiro de 1943, no em Siretz. Esse estudo permitiu estabelecer alguma conexão entre as diferentes versões das testemunhas, abrindo espaço para uma reconstituição mais plausível dos fatos:

*“Os novos proprietários da casa do antigo NKDV, na rua Volodymyrska, 33, encontraram em suas adegas um grande número de toras padrão para*

---

<sup>84</sup> DOUGAN. 2004. p. 175.



*aquecimento de ambientes, que possivelmente foram colocadas lá durante a construção da lendária bitola estreita Boyarka-Kiev. Os alemães decidiram urgentemente liberar as adegas, temendo que as minas pudessem ter sido colocadas ali [pelos guerrilheiros], ou simplesmente [porque] havia necessidade de lenha no inverno de 1943. Esta última é provavelmente mais plausível, uma vez que duas brigadas criadas por prisioneiros de guerra no campo de Siretz levavam lenha para uma padaria e um moinho de carne, e a terceira brigada carregava toras do porão e as fazia no quintal do quartel da Gestapo. O descarregamento foi realizado através do portão da rua Irininskaya. A brigada que entregava lenha à padaria incluía, entre outros, prisioneiros, Nikolai Trusevych, Ivan Kuzmenko, Alexei Klimenko e Fedir Tyutchev. Entre os dois primeiros [turnos], houve uma troca de mercadorias: o pão foi alterado para salsicha. Os produtos foram colocados entre os troncos. Um dia, um cão pastor de um chefe de prisão sentiu uma salsicha e a pegou. Um dos prisioneiros correu atrás do cachorro. O homem da Gestapo, ouvindo pela janela de seu escritório o zumbido e o latido de um pastor, saiu para o quintal e começou a espancar cruelmente o prisioneiro. Ele era um jovem, entre 20 e 22 anos, armênio e, a julgar por suas roupas, um ex-marinheiro da flotilha de Dnieper. Vários de seus amigos tentaram intervir e interromper a execução, e o próprio jovem, rompendo, rasgou a gola do casaco de couro do oficial nazista. O atirador matou o prisioneiro e convocou o comandante do campo, Radomsky. As brigadas dos carregadores foram bloqueadas no pátio da Gestapo, Radomsky e a Gestapo cercaram vários prisioneiros que tentaram resgatar o marinheiro e, posteriormente, um carro especial os levou todos para o campo. Esboçando os prisioneiros, os carrascos nazistas anunciaram que um em cada três seria executado por resistir a um oficial alemão e tentar [contra] sua vida. Na fila, de um total de quase cinquenta prisioneiros, entre os condenados estavam N. Trusevich, I. Kuzmenko e A. Klimenko".<sup>85</sup>*

Essa evidência apresenta uma nova possibilidade de reconstituição histórica para a execução de três dos jogadores do FC Start no campo de concentração de Siretz. Todavia, as dúvidas sobre as circunstâncias do assassinato de Trusevich, Klimenko e Kuzmenko mostram algo além daquilo que seria apropriado durante a construção mítica do “Jogo da Morte”. Para a produção do conhecimento histórico, constituem provas de que havia muitas razões para ser morto em Kiev, especialmente após a vitória soviética em Stalingrado.

No campo de concentração, já não eram mais jogadores do FC Start. Eram prisioneiros, números que serviam aos nazistas enquanto tinham energia física. Depois eram descartados. Ou antes, acaso o destino da guerra assim precipitasse.

Para que, durante o fato ocorrido no dia 24 de fevereiro de 1942 em Siretz, o trio de destaque com uniforme do FC Start fossem sujeitos históricos,

---

<sup>85</sup> PRYSTAYKO. 2006. Trecho disponível em: <http://ffk.kiev.ua/7806-za-shho-naspravdi-nimtsi-rozstrilyaly-p-yatoh-kyivskyh-dynamivtsiv-pid-chas-okupatsiyi-kyyeva.html>. Acesso em: 14 de set. de 2020.

vários caminhos e escolhas foram feitos. Escolher jogar futebol, para esses jogadores – como para os demais que permaneciam no campo ou que já haviam sido executados –, durante a ocupação nazista na Ucrânia, foi um desafio. Mas também um ato de resistência. Não podemos concluir se essa também contou com a participação ativa da NKVD, mas, indubitavelmente, a decisão pessoal dos jogadores – de entrar em campo e ganhar suas partidas – transcendeu o esporte.



Figura 8: Quartel do Campo de Concentração de Siretz, 1942. Disponível em: <http://ffk.kiev.ua/7806-za-shho-naspravdi-nimtsi-rozstrilyaly-p-yatoh-kyivskyh-dynamivtsiv-pid-chas-okupatsiyi-kyyeva.html>. Acesso em: 23 de set. de 2020.

## 8. A CONSTRUÇÃO DO MITO DO “JOGO DA MORTE”

Embora os jogadores não tenham sido mortos em uma relação direta com os jogos disputados no verão anterior, a partida do FC Start contra o Flakelf continua viva na memória das testemunhas com o orgulho de derrotar os alemães. Mas fora da cidade, a notícia ia ganhando outros contornos. Uma fonte histórica fundamental para compreensão da construção das narrativas sobre o “Jogo da Morte” é apresentado por Axel Vartanyan<sup>86</sup> no jornal russo *Sport Express Football*, publicado em 2007. Nessa coletânea de depoimentos coletados em diversos momentos históricos, Vartanyan percorre o caminho da investigação histórica e traz alguns relatos, incluindo aqueles que se contradizem, e que dizem muito mais respeito às intenções de quem se apropriava do fato do que aos eventos ocorridos na tarde de domingo, 9 de agosto de 1942, em Kiev.

Pela análise de Vartanyan, muito embasado na obra de Volodymyr Prystayko há duas correntes de narrativa que emergiram da guerra: a primeira é parte da cultura popular, e se espalha pelo Leste Europeu pela imprensa escrita e por romances. A segunda é a versão oficial da URSS, e esteve sujeita a alteração, de acordo com a composição do quadro político dominante em Moscou.

Na história local da Ucrânia, as primeiras versões datam do período posterior à libertação da cidade pelo Exército Vermelho. É preciso considerar que, assim como o *Novo Ukrainski Slovo* propagava a ideologia fascista, os jornais de cunho político soviético também o faziam. Em 16 de novembro de 1943, dez dias após a libertação de Kiev, o impresso *Izvestia* publicou um artigo, denominado “*Estava em Kiev...*”, assinado por Yevgeny Krieger:

*Dmitry Orlov nos levou a outra rua, Korolenko, para a casa nº 31 ou 33, onde a Gestapo estava localizada ao lado da garagem. Uma garagem sob a escolta alemã foi construída por jovens [...]. Esses jovens eram conhecidos em Moscou, em todas as cidades, onde aconteciam eventos esportivos, na*

---

<sup>86</sup> Axel Vartanyan nasce em Tbilisi, então URSS e se formou em jornalismo e História. Tem uma longa caminhada no jornalismo esportivo russo, com diversas pesquisas em arquivos, aproximando as duas áreas de sua formação acadêmica. Os escritos de “Futebol nos anos da guerra” são apresentados pelo próprio autor como crônicas. Entretanto, é nítida a preocupação com a verificação das provas e também com a falta delas. Apresentar as lacunas da pesquisa histórica é parte do trabalho historiográfico. Obra disponível em: [https://www.sport-express.ru/newspaper/2007-02-02/16\\_1/](https://www.sport-express.ru/newspaper/2007-02-02/16_1/). Acesso em: 02 de fev. de 2020.

*França, onde os jovens eram recebidos com aplausos, viram a juventude e a força do país soviético. Eles eram jogadores do time de futebol do Dínamo de Kiev. Por um longo tempo eles se esconderam dos alemães. Eles tiveram que viver, salvar-se da fome, na 1ª padaria de Kiev. Eles foram encontrados pelos alemães e levados para os porões da Gestapo. [...] construíram uma garagem sob custódia, em seguida, foram forçados a pavimentar a rua de asfalto na frente do quartel da Gestapo. Quando o trabalho terminou, todos os jovens foram executados. Reconhecido em Kiev, o famoso goleiro ucraniano Trusevich, antes de sua morte, enfrentou as balas alemãs e gritou: 'O esporte vermelho vencerá! Viva Stalin!'"<sup>87</sup>*

Apesar de o autor não mencionar a partida de futebol contra os alemães, ele não se debruçou sobre as razões da tragédia. Todavia, é o início de uma narrativa popular que atribui aos jogadores uma defesa da existência política da URSS. As palavras atribuídas à Kolya não são mencionadas por testemunhas da execução. Mas, ao serem mencionadas, dão outra dimensão ao fato.

Como a maioria da população de Kiev não foi testemunha ocular da execução, a representatividade alcançada pelo FC Start dava algum lastro para que essas palavras fossem atribuídas ao goleiro. O mito do “Jogo da Morte”, ainda sem ser mencionado como tal, se inicia com a construção de uma narrativa que coloca os jogadores como mártires soviéticos. Que, até na hora da morte, justificam sua existência com a defesa dos valores soviéticos.

No dia seguinte, 17 de novembro de 1943, outro artigo aparece no *Izvestia*, em que, pela primeira vez, aparecem relatos do jogo histórico entre FC Start e Flakelf, ocorrido mais de um ano antes.

*“Os jogadores chegaram à partida como se estivessem em um teste de combate [...]. Eles decidiram: como não é possível derrotar os alemães no campo de batalha, vamos vencê-los no campo de futebol. Com esse pensamento, nossos atletas chegaram à partida. Foi mais do que uma partida, foi uma luta entre estupradores narcisistas e pomposos contra soviéticos em cativeiro, mas não subjugados. O Dínamo esmagou o time alemão. Dezenas de milhares de pessoas testemunharam a vergonha dos alemães e o triunfo de nossos atletas. Este jogo foi o último na vida do Dínamo. Eles foram imediatamente presos e, em 24 de fevereiro de 1943, na frente de todo o campo durante a próxima execução em massa, 42 pessoas foram mortas, [entre as quais] os famosos jogadores de futebol.”<sup>88</sup>*

<sup>87</sup>Jornal Izvestia n.º 270, de 16 de novembro de 1943, p. 2. Disponível em: [https://www.sport-express.ru/newspaper/2007-02-02/16\\_1/](https://www.sport-express.ru/newspaper/2007-02-02/16_1/). Acesso em 03 de maio de 2020.

<sup>88</sup> Disponível em: [https://www.sport-express.ru/newspaper/2007-02-02/16\\_1/](https://www.sport-express.ru/newspaper/2007-02-02/16_1/). Acesso em: 28 de ago. de 2020.

Essas eram as imagens que foram construídas dentro de Kiev, recheada de elementos que eram comuns aos habitantes de Kiev que sobreviveram ao domínio nazista: a luta pela sobrevivência, os riscos de enfrentar as autoridades colonizadoras, alegações para prisões arbitrárias, assassinatos em massa.

Todavia, para os soldados do Exército Vermelho que atravessaram o Dnieper, os sobreviventes de Kiev eram os judeus que permaneceram escondidos e outros camaradas que conseguiram escapar. Os jogadores do FC Start pareciam mais a colaboradores, como nas palavras de Piotr Dinisenka, famoso atleta soviético que esteve nas frentes de batalha:

*“Enquanto muitos milhares dos meus camaradas passam fome e frio em trincheiras sujas, sob as balas dos fascistas, existe um lugar, meus amigos, um lugar longe do front, onde rapazes jovens e saudáveis estão jogando futebol. Eles jogam com aqueles que ocuparam a nossa terra e tentaram me eliminar e me matar, aqueles contra os quais eu luto em condições desumanas. Lamento, mas como é que vocês acham que me sinto a respeito disto? Vocês não estão esperando que eu bata palmas, estão?”<sup>89</sup>*

A emoção fica nítida na análise do atleta. Não há qualquer reflexão sobre as circunstâncias que fizeram com que aqueles jogadores permanecessem em Kiev. Como já dissemos, boa parte deles estava em Kiev porque não havia outra escolha. E o jogo de futebol, pelas evidências históricas apresentadas, definitivamente não foi uma confraternização com os colonizadores. Mas para aqueles que estão no *front*, qualquer relação que não seja bélica entre soviéticos e alemães é tachada como ato colaboracionista. Mas não podemos minimizar essa visão, porque ela também compõe a construção da narrativa sobre o episódio. Apesar do relato dizer mais sobre a visão de guerra que os soldados tinham do que sobre o cotidiano da Kiev ocupada, ele faz parte das percepções disseminadas no imaginário popular, dentro de Kiev, após esta ter sido retomada pelos soviéticos.

O documento seguinte apresentado por Vartanyan evidencia seu trabalho com as lacunas históricas, usando método comparativo para interpretação dos registros. Trata-se de um artigo de Pyotr Severov, denominado *“The Last Half”*, publicado também na Ucrânia, naquele ano de 1943. Destacamos sua intervenção na análise da fonte:

---

<sup>89</sup> DOUGAN. 2004. p. 184.

“Vocês serão derrotados, é claro.[...] Quanto mais energia vocês jogarem, melhor. A partida deve ser interessante. Nós venceremos. Lembre-se do bom senso. Repito: os alemães devem vencer. [...] Com um chute forte e oblíquo, Kuzmenko chuta à gol. O goleiro vangloriado abaixa as mãos em desespero.’ Imediatamente após o jogo, o Dínamo foi levado para um campo de concentração e alinhado. [...] ‘Paul Radomsky, um carrasco impiedoso e detestável, sai de um carro de passageiro. Ele para na frente do goleiro Trusevich e o encara com os olhos imóveis e nebulosos:  
 – Como você se atreve, eu pergunto, como se atreve... a vencer? Então, eles permitiram desonrar a corrida alemã na pessoa de nossos atletas?  
 Radomsky sacou uma arma:  
 – Eu ordeno que todos se deem de bruços.  
 ... o primeiro tiro acertou, o segundo, terceiro ...’  
 [...] **O final foi destinado para Nikolai Trusevich. As palavras do último goleiro, de acordo com a versão de Severov, não têm nada a ver com as publicadas por Izvestia dez dias antes: ‘E ainda assim, a vitória será nossa. Você não a matará [...] nós venceremos!’ Ele não conseguiu mencionar o nome do líder. O artigo concluiu com palavras proféticas: ‘Quando a guerra começar, ainda os veremos no estádio de Kiev. Em bronze e mármore, eles permanecerão vivos entre os vivos’.**<sup>90</sup>

Na perspectiva apresentada, os jogadores foram mortos diretamente pelo fato de terem vencido a partida. Como tudo aquilo que ocorreu com os jogadores no interstício entre o jogo e as últimas mortes ficou no “subterrâneo” de Kiev, essa versão teve espaço no imaginário popular para inúmeras apropriações. Em sua narrativa, a morte de Trusevich está vinculada ao resultado da partida. Se milhares de pessoas foram testemunhas oculares do jogo histórico entre FC Start e Flakelf, para quase a totalidade da população local o que ocorreu na hora da execução dos jogadores-prisioneiros em Siretz podia ser narrado de forma mítica.

Porém, a conclusão da redação da fonte histórica dá o tom que foi percorrido na sua produção: a construção de heróis, com um ar dos semideuses mitológicos, em que a própria morte superdimensiona os feitos durante a vida. À morte de Trusevich foi atribuído um ato contínuo do heroísmo ao desafiar e vencer os nazistas nos gramados.

Enquanto isso ocorria, os jogadores que sobreviveram tomavam rumos diferentes, que dependeram de sua posição na Kiev ocupada. Para aqueles que sobreviveram à Siretz, além de Balakin que havia sido liberado pela Gestapo, o futebol poderia retornar às suas vidas:

<sup>90</sup> Disponível em: [https://www.sport-express.ru/newspaper/2007-02-02/16\\_1/](https://www.sport-express.ru/newspaper/2007-02-02/16_1/). Acesso em: 30 de jul. de 2020.



*“O primeiro [time] na cidade libertada, no início de janeiro de 1944, que começou a jogar foi o clube de futebol do ‘Dynamo’. Os jornais já anunciaram o início do treinamento dos atletas no estádio Dynamo. Cinco dos participantes da partida com os invasores também estiveram entre os primeiros a se juntar a esse time: os dinâmicos jogadores Mikhail Sviridovsky, Makar Goncharenko e Mikhail Melnyk, bem como os ferroviários [ex-Lokomotiv] Volodymyr Balakin e Vasyl Sukharev.”<sup>91</sup>*



Figura 9: Dínamo de Kiev pós-guerra. O campeonato soviético só foi retomado normalmente em 1945, mas os times jogaram alguns amistosos em 1944. **Em destaque, da esquerda para direita, temos Balakin, Sukharev e Goncharenko.** Os três participaram do jogo histórico entre FC Start e Flakelf. Disponível em: <http://ffk.kiev.ua/7891-z-chogo-zh-same-rozpochalosya-stvorennya-legendy-pro-match-smerti-v-kyievi.html>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

Para os jogadores que puderam prosseguir praticando futebol, a normalidade estava retomada. Todavia, como já dissemos, o FC Start não era homogêneo ideologicamente, como o Rukh pretendia ser. Apresentamos evidências de que havia, entre os jogadores do Start, aqueles que trabalharam para os nazistas. É importante enfatizar que para esses, não foi uma simples escolha. As outras opções eram praticamente a condenação à morte.

Mas acabariam pagando por suas escolhas. Entre 1944 e 1948, as autoridades soviéticas locais determinaram a prisão de Golimbiievsky, Gundarev, Timofeev e Chernega. Foram condenados por colaborar com os ocupantes nazistas. A menor condenação, de 5 anos, foi de Timofeev e a maior foi o para o goleiro reserva Golimbiievsky, de 25 anos de prisão.

<sup>91</sup> Disponível em: <http://ffk.kiev.ua/7891-z-chogo-zh-same-rozpochalosya-stvorennya-legendy-pro-match-smerti-v-kyievi.html>. Acesso em: 02 de fev. de 2020.

Entretanto, nenhum acabou cumprindo a totalidade da pena nos *Gulags* soviéticos. Chernega morre antes disso, em 14 de agosto de 1947 em circunstâncias não explicadas – mas possíveis de se deduzir, considerando as péssimas condições de vida destinada aos prisioneiros dos campos de trabalho do Estado Soviético. Os demais três atletas foram libertados entre 1949 e 1955. Nesse intervalo de tempo, não houve nenhuma menção oficial ao evento fora de Kiev. A história não havia ultrapassado os limites da cidade e estava longe de compor a memória popular soviética.

O episódio parecia ser um tabu para as autoridades da URSS. Uma contradição em movimento. Jogadores que disputaram uma partida de futebol contra os nazistas, alguns mortos pela Gestapo, outros presos pela NKVD. É complexo construir uma narrativa propagandística sobre o fato, uma narrativa que coloque o time do FC Start como heróis soviéticos, sem descrever o que ocorreu após o jogo. Para alguns deles, seria necessário – do ponto de vista da propaganda – a pecha de traidores. Isso diminuiria o tamanho do feito em nove de agosto de 1942.

Podemos dividir as memórias do jogo histórico entre o FC Start e o Flakelf em duas correntes. A primeira é de caráter popular, em que a vitória foi um ato de heroísmo dos jogadores, que seriam mortos por essa razão. A segunda corrente é a oficial, envolvendo as ações do Estado Soviético, incluindo aquilo que a censura permitia que fosse publicado. Nessa segunda corrente, apenas no início dos anos 1960 houve uma participação estatal na construção do mito do “Jogo da Morte”.

Originalmente, apenas três anos após o evento, estava sendo produzido o roteiro de um filme que se chamaria “O Jogo da Morte”.

*O. Borschagovsky [...], em 1946, no jornal de Kiev A Tribo, de 24 de agosto a 26 de setembro, ele publicou ensaios de seu filme, ‘dedicados à **façanha de atletas soviéticos** nos dias da Grande Guerra Patriótica’, e lhe deram o nome: **A partida da morte**. É aí que as ‘pernas crescem’. Ele sabia que naqueles dias poderia até ser punido por reconhecer ‘traidores’ como heróis [...]. Foi a partir de então que os moradores de Kiev, quando conversavam entre si sobre os jogos de 1942, começaram a usar esse nome impressionante com mais e mais frequência, o que, é claro, todo mundo gostava, e já começou a considerar os eventos como reais, como uma façanha dos jogadores de futebol de Kiev.<sup>92</sup>*

<sup>92</sup> Disponível em: <http://ffk.kiev.ua/7891-z-chogo-zh-same-rozpochalosya-stvorenniya-legendy-pro-match-smerti-v-kyievi.htm>. Acesso em: 30 de jul. de 2020.



Mais uma vez, as mortes estão vinculadas à “façanha de atletas soviéticos”. A expressão “Grande Guerra Patriótica” é como os soviéticos chamavam a Segunda Guerra Mundial, fomentados pelo próprio Estado. Anteriormente, a expressão “Jogo da Morte” apareceu nas palavras do escritor soviético Lev Abramovich Cassile, que trabalhava como correspondente do jornal *Krasnaya Zvezda*, mas aparentemente, abandonou a pesquisa. De acordo com Anatoly Kolomiets, o termo não apareceu em nenhuma outra edição dos jornais que circulavam em Kiev entre 1944 e 1946.

Considerando a linha tênue entre glorificar os jogadores e construir heroísmo em colaboracionistas, as autoridades soviéticas preferiram o silêncio oficial sobre o evento. Isso não significa negar o fato, mas permitir que a narrativa popular se responsabilizasse pela lembrança dos acontecimentos após a vitória do FC Start.

Nessa mesma perspectiva, pela primeira vez uma produção aborda o tema para além de Kiev. Falamos do longa-metragem soviético Третийтайм<sup>93</sup>, em tradução adaptada, “Terceiro Tempo”. O filme foi lançado na URSS em 1962 e tem como cenário principal o jogo entre Start e Flakelf – no filme os nomes dos times foram trocados. A última cena é repleta de tensão e incertezas: após a vitória do time soviético, os jogadores são escoltados para dentro de um camburão da Gestapo. O goleiro do time, interpretando Trusevich, é o último a entrar, carregando uma bola de futebol. Ele senta ao lado dos companheiros de time e lança a bola para fora da viatura, que sai rolando pelo gramado. Fim.

O título do filme dialoga diretamente com a perspectiva aceita pelo *staff* da URSS. O que ocorreu com os jogadores após a partida? O filme não explica, porque essa ausência deveria continuar preenchida pela memória popular, apagando os registros de que alguns atletas foram condenados pela justiça soviética. O time inteiro sendo colocado na prisão pela Gestapo foi a saída que o diretor encontrou para não afrontar os interesses da propaganda soviética.

---

<sup>93</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X1awfyw9vIU>. Acesso em 20 de maio de 2020.

Essa intenção foi confirmada por um dos jogadores do Dínamo de Kiev do final dos anos 1940. É George Laver, que concedeu entrevista ao site russo *Terrikon* em 2013, como parte das comemorações do 90.º aniversário do ídolo do Dínamo.

- *Você conheceu muitos jogadores do Dynamo que jogaram antes de você, incluindo participantes da chamada partida da morte.*
- *Sim, jogadores das equipes anteriores costumavam ir ao estádio, conversamos com eles, como com os veteranos. A ‘partida da morte’ que ocorreu no verão de 1942 entre a equipe Start, formada a partir do Dynamo e do Lokomotiv, e a equipe militar alemã Flakelf, foi repetidamente contada por seu participante direto Vladimir Balakin. Segundo seu testemunho, não houve ameaças ou punições dos alemães em relação a esse jogo (assim como nos anteriores). As prisões começaram após os roubos na padaria, onde os jogadores trabalhavam. Quatro jogadores foram executados um ano depois por sabotagem e atividades clandestinas. Essas ações punitivas não estavam relacionadas ao futebol. Mas a propaganda soviética precisava de um mito, e o criou.*

Não vamos nos deter sobre o motivo das prisões. O que nos interessa nessa fonte histórica é a conclusão do ex-jogador. Segundo ele, nenhuma morte foi ligada à vitória do Start, mas esse mito de que os jogadores morreram por terem vencido os nazistas atendia os interesses da propaganda soviética. Assim, o mítico “Jogo da Morte” alcançou um patamar que extrapolava as vivências históricas dos ucranianos durante a Segunda Guerra. O antagonismo entre a descrição detalhada da partida – ainda que existam diferentes versões até o placar final do jogo – e o vácuo de informações sobre o destino dos jogadores construiu o mito do “Jogo da Morte”.

Materialmente, a memória do jogo da morte encontra-se no Estádio Start, antigo Zenit, rebatizado em homenagem à partida histórica. Além disso, há alguns monumentos que relembram o feito e os sujeitos históricos mortos pelos nazistas. Em 1971 foi inaugurada uma escultura com o busto dos quatro atletas mortos pelos nazistas. Além disso, também há uma escultura com um atleta chutando uma bola enquanto pisa em uma águia, que era um dos símbolos do nazismo. A história material eterniza a resistência travada naquele campo de futebol, em meio ao caos da guerra.



Figura 10: Monumento em homenagem ao FC Start. Joseph Sywenkyj para o The New York Times. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/06/24/sports/soccer/a-soccer-match-in-ukraine-during-world-war-ii-echoes-through-time.html>. Acesso em: 07 de jul. de 2019.

## **9. PRODUTO: A RESISTÊNCIA ATRAVÉS DO FUTEBOL NA UCRÂNIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Concluída a pesquisa histórica proposta nessa dissertação, agora o desafio é construir um material didático que permita a compreensão do conteúdo histórico da Segunda Guerra a partir do “Jogo da Morte”. Para isso, apresentamos uma Unidade Didática que percorrerá o caminho dessa investigação através de uma narrativa adaptada à faixa etária do público alvo, bem como possibilite aos estudantes as ferramentas necessárias para compreensão do processo de produção do conhecimento histórico. Nesse processo, também serão trabalhadas as fontes como indispensáveis para produção do conhecimento histórico.

O período estudado no presente trabalho é de extrema relevância social para compreensão do presente. Os fascismos do período anterior à Segunda Guerra fornecem estratégias e bandeiras para grupos de extrema direita que ascendem no mundo ocidental. No Brasil, essa corrente de pensamento está na contramão de todo embasamento legal, como a Base Nacional Curricular Comum – BNCC – que orienta a educação. Reconhecer os crimes contra a humanidade praticados por regimes extremistas na disciplina histórica dá bases para identificação de fenômenos análogos que ocorrem na contemporaneidade. Além disso, compreender o equilíbrio econômico necessário para condução de um conflito militar auxilia os estudantes na compreensão dos conflitos bélicos do tempo presente.

O produto é uma proposta de intervenção pedagógica no conteúdo do Nazismo e da Segunda Guerra Mundial destinada a estudantes do 9.º ano do Ensino Fundamental, promovendo as competências contidas na BNCC. A abordagem metodológica da intervenção tem como objetivo conduzir os estudantes na construção do conhecimento histórico a partir de uma metodologia própria da História.

Uma das principais virtudes do programa ProfHistoria é propiciar a aproximação entre o conhecimento acadêmico e o trabalho docente, no chão da escola. Contudo, esse processo não é simples e requer instrumentos diferentes. A abordagem do tema, a linguagem, as conexões com a realidade, a significação na vida prática devem embasar o trabalho docente para que o

conhecimento científico desperte não apenas o interesse, mas instrumentalize os estudantes para interpretar a realidade.

Nossa intenção não é reproduzir nos estudantes os métodos da lógica do historiador. O que pretendemos é apresentar o processo de produção do conhecimento histórico como ferramenta para interpretação do passado e sua significação para leitura do mundo contemporâneo.

O ofício do historiador assimilado pelos professores de História no processo de formação acadêmica está presente no cotidiano de sala de aula. O processo de produção do conhecimento histórico se dá a partir de uma lógica histórica que também perpassa os materiais didáticos e de apoio aos profissionais do magistério.

Quando o professor busca aplicar a metodologia científica da História em sala de aula, é possível perceber a produção do conhecimento histórico a partir do contato que os estudantes têm com as evidências deixadas ao longo do tempo, transformadas em fontes históricas a partir da interação do historiador. Todavia, é importante salientar que isso só ocorre dentro das expectativas, caso os estudantes já tenham recebido um conjunto mínimo de informações sobre determinado contexto histórico. Assim, poderão apresentar conjecturas e hipóteses interpretativas a respeito da leitura dos documentos primários.

O objeto de estudo dessa dissertação pode ser adaptado para um material voltado aos estudantes e dialoga com os documentos legais que orientam o conteúdo curricular do 9.º Ano do Ensino Fundamental. O tema atende à expectativa de aprendizagem da Base Nacional Curricular Comum ao “descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto)”.<sup>94</sup> A perspectiva do estudo da ascensão do nazismo, bem como dos métodos de extermínio também buscam construir uma consciência crítica sobre os crimes contra humanidade, característica dos regimes totalitários.

Ainda no campo da BNCC, buscamos atender as competências gerais do documento legal. Em primeiro lugar, a competência do conhecimento, uma

---

<sup>94</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. p.476.

vez que o material didático valoriza o conhecimento historicamente construído sobre o mundo e, além disso, procura demonstrar como se dá o processo produtivo do saber histórico. Para desenvolver esse último aspecto, recorreremos ao exercício da curiosidade intelectual, com investigação histórica e elaboração de hipóteses para solução de problemas, o que atende à segunda competência, do pensamento científico, crítico e criativo.

A terceira competência geral é o repertório cultural. O futebol é uma expressão cultural que se globalizou ao longo do século XX. Nesse aspecto, procuramos demonstrar como essa manifestação cultural está diretamente relacionada ao local e contexto histórico em que se desenvolve. A apropriação dos jogos do FC Start pela torcida de Kiev como forma de resistência é fruto de uma cultura da própria cidade ocupada, em meio à Segunda Guerra.

A comunicação é a quarta competência e o diálogo com esse aspecto se faz especialmente na última atividade, em que a formação tática do FC Start é objeto da pergunta. Antes disso, as atividades com a fotografia do time após a partida com o Flakelf também estão no bojo das diferentes formas de comunicação ou mesmo registro histórico. Com isso, é possível construir um conhecimento utilizando diversas linguagens de registro, que são formas de comunicação do passado com o presente.

A quinta competência é a cultura digital. Ainda que as atividades não sejam diretamente relacionadas com os meios tecnológicos no sentido estrito da produção desse material, todas as fontes históricas bem como os textos de apoio contêm os *links* para seus endereços eletrônicos. Dessa forma, procuramos demonstrar como os meios digitais podem ser fontes de informação, desde que a busca seja feita respeitando os métodos de verificação de conteúdos históricos.

No aspecto de trabalho e projeto de vida, a experiência histórica vivenciada pelos moradores de Kiev em 1942 permite aos estudantes compreender com mais profundidade a importância de valorizar as liberdades democráticas. Mesmo em um momento histórico em que a sobrevivência era uma tarefa árdua, aqueles sujeitos históricos não deixaram de exercer a autonomia com criticidade. A competência da argumentação é intrínseca à produção do conhecimento histórico. As atividades arroladas no material didático dialogam diretamente com a capacidade argumentativa para

interpretação das fontes históricas, sem a qual não é possível compreender as evidências deixadas pelo passado.

A oitava competência, autoconhecimento e autocuidado, se relaciona diretamente com a capacidade dos estudantes de se compreender na diversidade humana. Por mais que o conteúdo seja de um período de difícil sobrevivência, uma vez que tratamos de uma cidade que foi palco da guerra, esse próprio contexto histórico permite que as emoções sejam afloradas. Nesse aspecto, a nona competência, empatia e cooperação, complementa o processo de autoconhecimento. Os jogadores do Start, em especial, estabeleceram diálogos e cooperação para sobreviver à situação em que se encontravam.

A décima competência, responsabilidade e cidadania, dialoga com a representatividade alcançada pelo Start entre os habitantes de Kiev. Após terem resistido nos campos de batalha, quando da invasão nazista, os jogadores demonstraram solidariedade ao tomarem decisões que rompiam com a aceitação pacífica da condição de colonizados. Isso demonstra o quão importante é ter uma participação ativa na avaliação de situações-problema, seja no passado ou no presente.

Dessa forma, buscamos demonstrar a intencionalidade pedagógica com o produto em contemplar objetivos de aprendizagem da BNCC. Além disso, também está em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais, no que se refere à questão da cidadania na História do mundo, abordando “o socialismo, o anarquismo, o comunismo, a social-democracia, o nazismo e o fascismo na Europa.”<sup>95</sup> Apesar da pesquisa histórica contemplar um leque mais amplo que vai desde a implantação forçada do comunismo na Ucrânia à invasão nazista, o produto didático se restringiu ao período de colonização alemã, porque esse foi o cenário específico em que ocorreram as partidas de futebol em 1942.

O produto didático foi desenvolvido levando em consideração todo o rol de critérios de avaliação pedagógica do PNLD. Como já demonstrado aqui, está em consonância com a legislação, as diretrizes e as normas gerais da educação. Também buscamos nos atentar à observância dos princípios éticos

---

<sup>95</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 1998. p. 72-73.

necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano. A adaptação da pesquisa histórica em material didático procurou adequar a abordagem teórico-metodológica à linguagem mais acessível aos estudantes e também demonstrar aos professores como pode ser trabalhado o tema em sala de aula.

Para o desenvolvimento e aplicação do produto dessa dissertação, sugerimos um roteiro, voltado aos estudantes do Nono Ano do Ensino Fundamental. Para que o conteúdo proposto seja bem compreendido, é necessário elencar alguns conhecimentos prévios e, para tanto, trabalhar previamente esses conteúdos.

A ascensão dos fascismos na Europa é um conteúdo que pode ser trabalhado ao longo de três aulas: uma para o fascismo italiano, a segunda para o nazismo alemão na década de 1930 e uma terceira sobre a Guerra Civil Espanhola. Considerando que o “Jogo da Morte” é um evento que ocorre durante a Segunda Guerra Mundial e que a abordagem proposta no produto a seguir requer um conhecimento a respeito dos motivos que levaram os países a promover o conflito bélico, sugerimos que seja trabalhado, na aula imediatamente anterior à proposta aqui presente, os antecedentes da Segunda Guerra.

A partir de toda essa conceituação e contextualização, a aplicação desse material terá mais eficácia. A respeito do material didático que será apresentado a seguir, sugerimos que seja trabalho ao longo de três aulas: a primeira aula englobaria a Ucrânia como colônia nazista, uma retomada dos princípios básicos do nazismo e a explicação sobre os campos de extermínio a partir do conceito de intolerância. Esse trecho contém 3 questões.

A segunda aula com o material seria dedicada exclusivamente a interpretação do futebol na Ucrânia e ao estudo do “Jogo da Morte”. Também há 3 questões, das quais aquelas relativas à partida histórica exigem uma análise minuciosa de evidências da época. E, para finalizar, sugerimos uma terceira aula com o destino dos jogadores, a Batalha de Kursk e a memória sobre o “Jogo da Morte”. Ainda há um último tópico que busca reconstituir taticamente a famosa partida de futebol. Sugerimos que esse tópico seja explicado brevemente e que sua leitura e posterior atividade sejam orientadas para os estudantes realizarem em suas casas.



## O “JOGO DA MORTE”

### **COLONIZAÇÃO NAZISTA, FUTEBOL E RESISTÊNCIA NA UCRÂNIA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

---

#### INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial foi o resultado de um choque entre as grandes potências industriais e militares ocorrido entre 1939 e 1945. Ao longo desse período, entre 70 e 85 milhões de pessoas morreram em consequência dos armamentos cada vez mais eficazes e mortíferos. As disputas territoriais não resolvidas durante a Primeira Grande Guerra seguiram sendo palco de batalhas. O uso do avião para ataques se tornou frequente. Os tanques de guerra eram mais rápidos e com maior poder de destruição. O bombardeio de cidades inteiras se tornou corriqueiro. Na Ucrânia, à época uma república da União Soviética, a Alemanha de Hitler impôs uma colonização cruel, como parte de um objetivo mais amplo que era dominar o território soviético. Nesse contexto, houve um campeonato amador de futebol. Um time formado por ex-jogadores das equipes profissionais de Kiev, se inscreveu no torneio e acabou ganhando popularidade. Essa é a história da Segunda Guerra sob uma outra perspectiva que vamos abordar aqui. Paralelamente, também vamos percorrer os caminhos da pesquisa historiográfica e entender como funciona o método de pesquisa que leva à produção do conhecimento histórico.

#### COLONIZAÇÃO NAZISTA NA UCRÂNIA

*“A Rússia é a nossa África, e os russos são os nossos negros”. Hitler afirmou isso ao futuro ministro da República Federal da Alemanha, Theodor Oberländer, numa reunião em julho de 1941, empolgado pelas primeiras vitórias contra o Exército Vermelho. [...] Na Ucrânia, o comissário nazista, Erich Koch, continuamente anunciava que os nativos deviam ‘ser tratados com o chicote, como os negros’, de preferência chicoteados em público. Koch chegou a declarar: ‘Nenhum soldado alemão jamais morrerá por esse povo de negros’, acrescentando que sempre que encontrava um ucraniano inteligente, sentia-se na obrigação de fuzilá-lo.”<sup>96</sup>*

---

<sup>96</sup> SCHNEIDER, 2019, p. 64.

O racismo é um dos pilares da ideologia nazista. Para os nazistas, o povo de origem nórdica – grupo étnico de origem indo-europeia do qual se originam os alemães e outras nacionalidades do norte da Europa – era superiores a todos os demais povos. Isso era utilizado como preceito para dominação.

Em 1941 a Segunda Guerra estava favorável às forças do Eixo Roma-Berlim-Tóquio. Adolf Hitler já havia conquistado a França e o norte da África. Atacar a União Soviética, quebrando o Pacto secreto de não agressão, seria a tarefa mais cara e difícil dos nazistas até então. O objeto econômico era claro: aumentar a produção industrial alemã para sustentar a expansão militar. Para isso, grandes empresários germânicos que haviam financiado os nazistas até o poder, ouviam Hitler afirmar que as terras da União Soviética seriam tão úteis quanto as colônias perdidas na Primeira Guerra Mundial. Como parte da **Operação Barbarosa**, em 7 de agosto de 1941 o exército nazista chegou às proximidades de Kiev, maior cidade da Ucrânia. Em 26 de setembro os nazistas venceram a Batalha de Kiev e passaram a controlar a maior cidade da Ucrânia.

A hierarquia social imposta pelos nazistas no Leste Europeu classificava os ucranianos – e demais povos eslavos – como sub-humanos, reduzindo-os a meros trabalhadores sem direitos. Nesse ponto, os alemães se diferenciavam do modelo neocolonial europeu na África e Ásia, uma vez que dispensavam as missões filantrópicas e “humanitárias” das últimas décadas do século XIX. O modelo neocolonial implementado na África e na Ásia apresentava uma contrapartida às populações sob o jugo dos dominadores: a tentativa de civilizar os povos tidos como inferiores era levada à cabo por missões religiosas cristãs e discursos de superioridade da racionalidade moderna europeia.

***“Numa carta para sua mãe [...] o soldado Hans-Albert Giese reprovou aldeões russos como , cujas casas eram mais insalubres que os estábulos das vacas alemãs. Ele se referia ao atraso e à sujeira dos russos, que não tinham banheiros no padrão ocidental. Outros preferiam humilhar os ucranianos como ‘negros brancos’: pessoas que frequentemente eram até loiras, mas cuja inteligência estava num patamar subsaariano.”<sup>97</sup>***

---

<sup>97</sup> SCHNEIDER, 2019, p. 95

O discurso de ódio contra os não germânicos fica evidenciado nesse documento histórico. A cultura e o conhecimento dos eslavos eram classificados como próximo dos africanos, cujas terras já haviam sido alvo do imperialismo alemão do final do século XIX. A comparação com animais é um traço do discurso nazista que tem por finalidade desumanizar os povos das regiões conquistadas.

Esse exercício de interpretação da fonte histórica, no caso a carta do soldado nazista, é o primeiro passo para investigação histórica. Com o conhecimento prévio do conteúdo, elaboramos uma **hipótese**, isto é, uma ideia que pode ser testada. A hipótese sempre pode ser alterada. A fonte histórica nunca pode ser alterada, pois é a voz do passado que nos chegou. Cabe a nós, interpretá-la.

- 1) Localize, no documento histórico do soldado Hans-Albert Giese, trechos que comprovem o discurso de ódio contra os não germânicos.

GABARITO:

Nos trechos 'negros do mato' e 'uma gentalha pior que os ciganos' utilizados para caracterizar os camponeses russos. Para desqualificar os povos eslavos, o soldado se utilizou de expressões racistas contra os africanos negros e os ciganos.

## **RACISMO: A IDEOLOGIA DA SUPERIORIDADE DA RAÇA ARIANA**

Após compreender que a estrutura social na Ucrânia colonizada pelos nazistas era definida racialmente, precisamos identificar de que maneiras o racismo sustentava a ideologia nazista e, também, como determinados eventos podem ter representado resistência ao racismo.

Os nazistas se organizavam a partir de determinados princípios que foram a base de sua propaganda. É importante registrar que os nazistas não precisaram da maioria da sociedade alemã engajada na sua política. O eleitorado do Partido Nazista não chegava a 37% dos alemães, todavia essa massa de seguidores de Hitler permitiu ao nazismo chegar ao poder.

Os princípios fundamentais do nazismo eram:

**- Teoria do Espaço Vital: a Alemanha nazista reivindicada o direito de tomar posse dos territórios habitados por alemães e também os territórios que eles consideravam essenciais para a sobrevivência alemã**

**- Crença na superioridade da raça "ariana": a nacionalidade alemã não era uma questão de local de nascimento, mas de "parentesco biológico". São considerados alemães os filhos de alemães, independentemente do local de nascimento. Assim, os povos nórdicos pertenciam, segundo essa crença, à uma "raça" superior em todos os aspectos, seja na estética, no atletismo ou na cultura.**

**- Antissemitismo: a fim de preservar a raça ariana houve discriminação contra os povos de origem judaica, tidos como perigosos porque tidos como pertencentes a uma raça inferior cuja miscigenação seria fator de declínio e extinção dos arianos, a qual que foi colocada em prática gradualmente, iniciando com a perda de direitos civis até a política de extermínio nos campos de concentração.**

**- Culto ao líder: obediência irrestrita à Hitler assegurado por um processo de construção de um nacionalismo exacerbado**

O racismo é um elemento comum às correntes da extrema-direita que ascendiam ao poder nos anos 1920 e 1930 na Europa. Em paralelo, nos EUA também havia correntes desse tipo, como os supremacistas brancos da Kux Klux Klan. Antes mesmo de Hitler chegar ao poder, o discurso de eugenia e branqueamento das "raças" foi desenvolvido nas Américas. Contudo, o racismo dos nazistas ganhou outra dimensão com a utilização de sua famosa máquina de propaganda. O cinema ocupou um papel central na disseminação dos valores nazistas, especialmente na inferiorização daqueles que seriam perseguidos pelo regime, em especial os judeus.

2) Explique as características da ideologia nazista.

GABARITO:

Teoria do Espaço Vital, em que a Alemanha reivindicada o direito de tomar posse dos territórios historicamente habitados por alemães e também os territórios que considerava essenciais para sobrevivência alemã; Superioridade da raça "ariana", que definia a nacionalidade a partir de "parentesco biológico"; Antissemitismo, que é a discriminação contra os povos de origem judaica, que levou à política de extermínio nos campos de concentração; Culto ao líder, levando à obediência irrestrita à Hitler, cuja imagem foi associada à do Estado Nazista.

## DA INTOLERÂNCIA AOS CAMPOS DE EXTERMÍNIO

Outra característica historicamente identificada como nazista é a perseguição aos judeus, chamado de antissemitismo<sup>98</sup>. Ao longo do período nazista, os judeus que habitavam a Alemanha foram perdendo direitos gradualmente. A partir de 1935, os alemães judeus perderam o direito de se casar com os alemães arianos, tiveram seus direitos políticos cassados e suas propriedades confiscadas. Como ato definitivo, os nazistas criaram os guetos para isolar a comunidade judaica da sociedade germânica e então promoveram a política de “solução final”, com a construção de diversos campos de concentração e extermínio espalhados pelas áreas conquistadas, em especial no Leste Europeu.

A propaganda do Estado Nazista produziu um processo de demonização da figura estereotipada dos judeus. O antissemitismo era um dos alicerces do modelo educacional nazista, o que contava com diversos livros de literatura infantil inferiorizando a comunidade judaica com ilustrações depreciativas e doutrinando a juventude alemã aos moldes da ideologia do *Fuhrer*. Esse processo também contou com uma intensa propaganda nos cinemas alemães, em que o judeu era representado como a ameaça atemporal (que não diferencia o presente do passado) ao “povo alemão”, ou à “raça ariana”.

Passo a passo, os nazistas avançam contra os direitos daqueles considerados “inferiores”, até promoverem uma política de extermínio, que foi implementada sobretudo no Leste Europeu. Contudo, foi em Kiev na Ucrânia em que os nazistas promoveram sua primeira experiência coletiva de extermínio de judeus. Com o início da **Operação Barbarossa** que colocou o exército de Hitler dentro do território soviético, a conquista da Ucrânia era uma peça chave, tanto pelos recursos naturais e industriais que possuía como para abrir caminho até as reservas petrolíferas da região de Stalingrado. Tão perto do objetivo econômico, os nazistas começaram a exercer uma política de

---

<sup>98</sup> Antissemitismo é o preconceito destinado à qualquer pessoa de origem étnica semita, o que inclui árabes, judeus, assírios, entre outros. No entanto, o termo está usualmente associado à política de perseguição às comunidades judaicas no território europeu.

extermínio étnico. Essa prática foi iniciada em um contexto muito específico da guerra, em que Hitler analisava a neutralidade dos EUA, a incapacidade de reação da Grã-Bretanha e a iminente destruição da URSS. Esse conjunto de fatores fazia Hitler crer que não haveria nenhuma possibilidade de retaliação pelo extermínio judaico.

A ideologia nazista era fundamentada na intolerância contra todos aqueles seres humanos classificados como inferiores. Quanto às diversas formas de discriminação, havia intolerância política contra os comunistas, a indolência religiosa contra os judeus, intolerância moral contra os homossexuais, intolerância estética e eugênica contra os deficientes físicos e mentais, intolerância racial contra os negros e eslavos. A construção da imagem de uma Alemanha “purificada” e higienizada pelos nazistas percorreu as telas dos cinemas da época. Mas havia por trás das telas, o destino cruel e macabro de todos aqueles que foram capturados pelos nazistas e lançados à própria sorte nos campos de concentração. Esses locais eram grandes complexos industriais de escravidão e morte.

Nas proximidades de Kiev, na Ucrânia, o campo de concentração de Siretz foi o destino de milhares de habitantes locais. Veja como eram as condições de sobrevivência desses prisioneiros:

***“Não havia equipamentos de higiene. A água, para os prisioneiros, precisava ser trazida manualmente do rio, e não havia também sistema sanitário, além das latrinas mais rudimentares. O mau cheiro no auge do verão era insuportável, e naquele verão excepcionalmente quente de 1942 um miasma de doença e sujeira pairou sobre o campo durante meses. Os prisioneiros viviam em grandes barracas e dormiam em beliches colocados ao longo das paredes. Os beliches eram tão estreitos e tão próximos uns dos outros que mal cabia um homem adulto deitado. Eles só conseguiam se virar nos estrados porque estavam tão franzinos que seus corpos ocupavam apenas uma parte do que ocupariam normalmente. As barracas não eram nem ventiladas nem calafetadas, de modo que os prisioneiros quase sufocavam no verão, enquanto no inverno alguns chegavam a morrer de frio. A versão alemã do controle de temperatura era tão ineficiente quanto improvisada: eles simplesmente mandavam os prisioneiros cavar enormes buracos no chão que, coberto com placas de metal corrugado, tornavam-se dormitórios subterrâneos nos quais eram realojados durante o inverno. Essas ‘habitações chegavam a abrigar cerca de 100 pessoas amontoadas em condições nas quais não seria admissível manter animais em uma fazenda. A ração diária normal de alimento [...] consistia de um naco de pão de péssima qualidade pesando entre 150 a 200 gramas [...]. O pão era velho e duro, e a única maneira de amolecê-lo era com uma sopa que o acompanhava, feita de cevada reconstituída, ou café e que, quando os prisioneiros estavam com sorte, era feito com bolotas de carvalho.” (DOUGAN. 2004. P. 162)***

- 3) A partir do relato acima, descreva as condições de vida dos prisioneiros do campo de concentração de Siretz.

#### GABARITO

Eram condições insalubres, com pouquíssima higiene, com espaço limitado para dormir. Os dormitórios não eram preparados para o calor nem para o intenso frio da região. A alimentação escassa não era suficiente para manter a saúde dos prisioneiros. Todos esses fatores ajudam a entender a alta taxa de mortalidade induzida desses locais.

## O FUTEBOL NA UCRÂNIA OCUPADA

Antes de entender as razões para a realização de um torneio de futebol em meio à Segunda Guerra na Ucrânia, é importante compreender melhor o território e suas respectivas áreas de influências ideológicas. A Ucrânia pode ser dividida em duas partes: a área ocidental, onde se localiza Kiev, com alguma adesão de habitantes locais ao nazismo e a área oriental, geograficamente mais próxima da Rússia e com maior influência dos grupos de resistência soviéticos.

A parcela da sociedade ucraniana, especialmente em Kiev, que aderiu aos ocupantes nazistas pode ser observada pelas publicações do *Novo Ukrainski Slovo*, Nova Palavra Ucraniana, um jornal que circulou na região nos anos da presença nazista. A posição editorial da publicação era alinhada aos interesses de Adolf Hitler e havia diversas charges satirizando Josef Stalin, líder da União Soviética. Veja as evidências históricas:



**Manchete: Grande vitória no front oriental.**  
Novo Ukrainski Slovo – Ed. 141



**Legenda: “O avanço soviético de 1942 começou!”** Novo Ukrainski Slovo – Ed. 151

Em algumas edições da publicação de Kiev, houve notas de esportes. Um dos autores dessas notas é Georgi Shvetsov, antigo esportista que não alcançou sucesso no futebol e foi rejeitado pelo time Dynamo de Kiev nos anos 1930. Guardava ressentimentos do clube e por consequência da posição política que representava: o Dynamo de Kiev, assim como outros Dynamos do Leste Europeu surgiram como clubes ligados à NKVD - НКВД, Народный комиссариат внутренних дел, em português, Comissariado do povo para assuntos internos –, agência de inteligência da URSS. As posições pessoais de Georgi Shvetsov, antisemita e anti-russo, estavam alinhadas com a linha editorial do jornal *Novo Ukrainski Slovo*.

O complexo sistema de colonização empreendido na região, reclassificou os indivíduos e rebaixou os ucranianos aos postos de trabalho menos remunerados ou mesmo os forçou a emigrar para a Alemanha, como mão-de-obra nas indústrias que produziam os materiais necessários para guerra. Esse sistema colonial também se preocupava com a manutenção de uma *pax armada* e o entretenimento serviria aos habitantes úteis aos nazistas de Kiev e aos soldados nos dias de folga.

Durante o verão de 1942 em Kiev foi organizado um torneio amador de futebol. Inicialmente os times inscritos eram o *Rukh* e o *FC Start*. O *Rukh* era o time do próprio Shvetsov, organizador do torneio e colunista do jornal local que colaborava com os nazistas. O *Rukh* era também um clube social e esportivo de Kiev que tinha uma filiação política: eram ultranacionalistas e simpatizantes do nazismo. O *Start* foi formado a partir de ex-jogadores da cidade, dentre os quais antigos astros do Dynamo de Kiev, que estavam trabalhando em uma fábrica industrial de pães que abastecia a cidade.

O fato de jogadores famosos terem sido colocados para trabalhar na limpeza da fábrica demonstra a nova ordem social imposta pelos nazistas. Todavia, essa reunião de ex-jogadores em



*Pôsteres como esse foram colados nas ruas de Kiev anunciando os jogos de futebol do torneio amador no verão de 1942. Anúncio do jogo entre Start e Flakelf em 9 de agosto. Museu Nacional da Ucrânia na Segunda Guerra, Kiev.*

Disponível em:

<https://static01.nyt.com/images/2012/06/24/sports/dog-jp-death-4/dog-jp-death-4-jumbo.jpg?quality=75&auto=webp&disable=u>



um mesmo local de trabalho lhes permitiu organizar um time e participar do torneio. Dentre os ex-jogadores, destacamos o goleiro Nikolai Trusevich, o atacante Ivan Kuzmenko e o jovem zagueiro Alexei Klimenko, todos ex-Dynamo.

Além desses dois times locais, as forças de ocupação nazista também inscreveram seus times. Havia uma equipe da guarnição húngara, da guarnição romena, de operários da estrada de ferro e de trabalhadores de uma fábrica de joias. O local dos jogos era o Estádio Ucrâniano, que havia sido concluído com auxílio dos nazistas. Porém, o FC Start começou a se transformar em um símbolo de resistência. Com suas camisas vermelhas, da mesma cor do uniforme da União Soviética, e seu futebol bem praticado, graças ao talento dos ex-jogadores profissionais, o Start passa a despertar interesse e admiração do povo de Kiev e preocupação dos nacionalistas ucranianos. Shvetsov interferiu na organização do torneio e sugeriu às autoridades locais que o FC Start fosse proibido de jogar no Estádio Ucrâniano. Todos os demais jogos do Start foram disputados no pequeno Estádio Zenit. Além disso, haveria cobrança de ingresso nos próximos jogos, criando dificuldades para o público acompanhar a equipe. As sucessivas vitórias do Start com goleadas implacáveis lhes deram um total de 6 vitórias consecutivas, incluindo um 11 x 0 contra os romenos. Os nazistas também começaram a se preocupar com a popularidade do Start e inscreveram um time formado apenas por alemães. Soldados alemães da bateria antiaérea local: o Flakelf.

No dia 6 de agosto de 1942, pela primeira vez o FC Start teria de enfrentar uma equipe alemã. De um lado os fortes, saudáveis e bem alimentados soldados representantes de uma ideologia que afirmava pertencerem à uma raça superior. De outro lado, ex-jogadores que tentavam sobreviver em meio à colonização nazista. Alguns deles haviam enfrentado os nazistas no *front*, foram presos e posteriormente colocados na rua abandonados à própria sorte. O placar final marcou 5 a 1 para o FC Start. Os alemães não poderiam admitir tamanha humilhação pública e anunciaram uma revanche para o dia 9 de agosto, domingo.

Antes da partida, um oficial nazista visita o vestiário do Start e, falando em russo, anunciou que espera que os jogadores do Start fizessem a saudação nazista *Heil Hitler* no início da partida, reverenciando os colonizadores alemães.

A advertência foi recebida como ameaça pelos jogadores ucranianos. O público que entrava no estádio Zenit também percebeu um clima menos amistoso naquela tarde de domingo.

De acordo com a pesquisa histórica, quando os ucranianos amontoados nos corredores do pequeno estádio Zenit conseguiram enxergar o gramado e a arquibancada, se depararam com a presença de muitos soldados alemães que ocupavam todos os lugares confortáveis. Ao povo local, restou se apinhar na grama, nas linhas laterais do gramado.

Segundo o diário de Makar Goncharenko que jogava na ponta esquerda do FC Start e após a libertação de Kiev jogaria pelo Dynamo local, os jogadores do Start deram seu primeiro sinal do que ocorreria em campo quando levantaram os braços, após uma pausa repleta de expectativas nas duas torcidas, e dobraram sobre o peito e gritaram a uma só voz: **FizcultHura!**



Esportes na URSS – Esportes de milhões!  
Disponível em:  
<https://www.rbth.com/history/331873-physical-education-in-soviet-schools>

*A União Soviética também valoriza o esporte como símbolo de seu modelo sócio-econômico. Após a Segunda Guerra Mundial, os países alinhados à Moscou receberam grandes investimentos para o desenvolvimento de esportistas. FizcultHura é uma expressão que significa algo como “vida longa ao esporte” e era um lema dos esportistas soviéticos. Para os jogadores do Start, é provável que tenha usado a expressão ligando à ideia de que algo mais está em jogo, além da partida. Que o resultado de uma disputa vai além dos placares. Que o esporte sobrevive, mesmo em meio às piores adversidades. Usar uma expressão que identificava-os como soviéticos e ostentar isso diante dos soldados, cães e das bandeiras nazistas era um ato de resistência no verão de 1942, em Kiev.*

- 4) Explique porque usar a expressão FizcultHura foi considerado um ato de resistência.

GABARITO: O cenário descrito é de muita tensão. A presença de oficiais nazistas no vestiário do Start antes do jogo demonstram que a equipe alemã não aceitaria pacificamente uma nova derrota. A exigência da saudação nazista aos jogadores do Start seria uma prova de submissão aos ocupantes nazistas. Ao contrário disso, a equipe local decidiu se utilizar de uma expressão esportiva soviética. Estar publicamente identificado com a ideologia soviética era um risco muito sério nas áreas colonizadas pela Alemanha de Hitler. Fazer isso diante de um público que vivenciou os horrores da dominação em sua cidade é um ato de resistência.

## O “JOGO DA MORTE”

De acordo com os relatos de testemunhas, o time nazista do Flakelf entrou em campo disposto a provar a superioridade da raça ariana. Para isso, abusaram da força física e contaram com a ajuda do juiz, que era um oficial nazista. O goleiro do Start, Trusevich, foi atingido no início da partida:

*“Cada vez que ele se lançava para pegar uma bola cruzada ou tentava sair da sua área era derrubado, enquanto o juiz ignorava a falta. Aos dez minutos da partida o Flakelf lançou um ataque e Trusevich correu para mergulhar aos pés do atacante alemão. Este não tentou se esquivar ou evitar o choque com o goleiro. Em vez disso, simplesmente continuou correndo e chutou a cabeça de Trusevich, que ficou inconsciente por vários minutos. Não havia reserva disponível no Start, e depois de se levantar, ainda tonto, Trusevich insistiu em permanecer em campo.” (DOUGAN, Andy. 2004. P. 149.)*

Alguns minutos após a lesão de Trusevich, o Flakelf abriu o placar. O Start sabia que seu goleiro estava vulnerável e decidiu por pressionar o adversário para manter a bola longe da sua meta. A pressão resultou em três gols antes do intervalo. Os torcedores locais estavam eufóricos e saboreavam o momento em que os “super-homens” do exército nazi estavam sendo derrotados de forma implacável pelos eslavos “racialmente inferiores”. No intervalo, Shvetsov, o nacionalista ucraniano e outro oficial da SS nazista visitaram o vestiário do Start e advertiram os jogadores que seria arriscado manter a vitória. Mesmo diante dessa pressão, o Start retornou para o segundo tempo e manteve a diferença no placar. O resultado final foi de 5 a 3 para o Start.

Não foi a primeira vez em que o futebol vivenciou um time fisicamente superior ser derrotado pela técnica de adversários mais franzinos. Mas o cenário em que esse triunfo da técnica ocorreu foi muito diferente dos outros, pois se travava de uma cidade ocupada em meio a Segunda Guerra Mundial. Ao final do jogo, o clima de tensão estava presente no ar, nas arquibancadas e em campo. Porém, os jogadores deixaram um registro histórico de confraternização após a partida. Quando os torcedores e jogadores foram para suas casas, muitos esperavam algum tipo de retaliação dos nazistas.

**Fonte 1:**

***“Os gritos de comemoração aumentaram a cada gol. Os bramidos de saudação ao Flakelf há muito haviam sido esquecidos. Os ucranianos cantavam e dançavam. Os mais audaciosos dirigiam-se a tribuna especial, onde, animados com a vitória do seu time, zombaram e insultaram os oficiais e dignitários alemães. A reação foi chamar os treinadores com os cães. Em outros cantos do gramado rixas esporádicas se travavam entre torcedores rivais. Uma parte desses torcedores eram combatentes em licença que estavam loucos por uma briga depois de passarem a maior parte do dia bebendo. A polícia ucraniana e os guardas alemães acabaram separando-os, mas não antes que alguns torcedores do Start tivessem apanhado bastante. [...] Quando saíram para o segundo tempo, os jogadores do Start mal podiam ouvir as instruções que davam uns para os outros, por causa do barulho. A cerca havia sido substituída por uma corrente de guardas armados que, ombro a ombro, defrontavam-se com a multidão. Os guardas estavam tão próximos das laterais que os jogadores corriam o risco de esbarrar neles quando partiam para a bola. [O goleiro do Start] Trusevich estava particularmente vulnerável depois do tratamento que recebeu dos atacantes alemães no primeiro tempo. No segundo tempo, foi sujeitado a uma torrente de insultos proferidos pelos torcedores alemães, sobretudo porque era um alvo estático entre as traves.”(DOUGAN, Andy. 2004)***

**Fonte 2: Fotografia tirada logo após o término do jogo entre Flakelf e Start, em 9 de agosto de 1942. Os nazistas estão de camisas claras e os jogadores de Kiev de escuro. Disponível em: <https://maurobetinq.blogosfera.uol.com.br/2018/05/23/a-partida-da-morte-na-ucrania/>**



O trabalho com fontes iconográficas não pode negligenciar que por mais isenta que seja a interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre conforme a interpretação primeira do fotógrafo que optou por um aspecto determinado, o qual foi objeto de manipulação desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento, até a obtenção da imagem final. (KOSSOY, 2001, p. 113).

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida e que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e **análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que a originou.** (KOSSOY, 2001, p.32).

O estudo da fotografia elenca algumas possibilidades de análise, procurando aplicar uma metodologia que melhor se adegue, de forma quase particular, àquele conjunto de imagens, identificando o elo entre elas e a sociedade que as produziu. [...] Como “entrar” e entender esse conjunto de imagens? Não é uma tarefa com receita pronta. Certamente esse é um dos desafios que o pesquisador que se aventura nessa área há de encontrar. Imagens não falam por si, os fotógrafos dificilmente estão juntos ou vivos para nos contar seus segredos, seus desejos e intenções quando apertaram o botão para registrar esta ou aquela imagem, no caso de imagens antigas. Enfim o uso de fotografia abre possibilidade de interpretações múltiplas. (LIMA, 2015, p.58)

- 5) A partir da fonte 1, que evidências podemos levantar sobre as emoções das torcidas? Qual a relação desses sentimentos com a situação de Kiev em 1942?
- 6) Que tipo de ambiente emocional é possível perceber ao observar as poses e os semblantes dos jogadores na fotografia? Justifique.

**GABARITO:**

- 5) O relato permite concluir que houve euforia, explosão de alegria que chegou até o limite das ofensas aos oficiais nazistas. Considerando o contexto em que isso ocorreu, sob ocupação nazista, é plausível que possamos interpretar o sentimento da torcida do Start como um ato de resistência diante dos ocupantes alemães.
- 6) A fotografia é muito rica em possibilidades de interpretação. Alguns poucos jogadores sorriem, mas a maioria transparece um ar de tensão, de apreensão, de preocupação.

**O DESTINO DOS JOGADORES**

Para a surpresa dos jogadores do Start, eles não apenas não foram presos imediatamente após a partida, como puderam disputar outro jogo, no domingo seguinte. Em 16 de agosto de 1942, o FC Start fez seu último jogo contra os nacionalistas do Rukh e goleou por 9 a 0. Dois dias depois, a fábrica de pães onde os jogadores trabalhavam recebeu a visita de oficiais da **Gestapo** – Geheime Staatspolizei, Polícia Secreta do Estado. Todos os jogadores que tinham algum vínculo com o Dynamo antes da chegada dos nazistas foram presos, sob a alegação de que o clube tinha conexões com a inteligência soviética, a NKVD – Comissariado do povo para assuntos internos, um órgão criado para garantia da segurança do Estado, o que implicou em uma intensa repressão política. Após a prisão, os jogadores passaram três semanas sob a guarda da Gestapo, sofrendo terríveis torturas. A maioria dos jogadores foi transferida do local de interrogatório para o campo de concentração de Siretz, onde três deles seriam mortos. No entanto, para Nikolai Korotkykh a morte foi antecipada. Os nazistas encontraram, em seu apartamento, uma foto de Nikolai vestindo um uniforme azul da NKVD. Era o suficiente para justificar a execução.

- 7) Estabelece a relação entre o vínculo dos jogadores com o Dynamo de Kiev e sua prisão após o “Jogo da Morte”.

**GABARITO**

Os jogadores do Dynamo de Kiev estavam vinculados à NKVD porque o órgão tinha representações no clube. Para os alemães, essa ligação justificava a prisão. Prova maior disso é que o único jogador que morreu sob tortura antes

A **Batalha de Stalingrado** foi um grande combate travado entre a Wehrmacht (as forças armadas da Alemanha Nazista) e seus aliados do Eixo contra as tropas da União Soviética pela posse da cidade de Stalingrado (atual Volgogrado), às margens do rio Volga, entre 17 de julho de 1942 e 2 de fevereiro de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial [...]. Marcada por violentos combates em ambientes fechados, privações e desrespeito e desprezo pela vida de militares e civis, a luta em Stalingrado acabou sendo a maior (mais de 2,2 milhões de soldados envolvidos) e mais sangrenta (1,8 a 2 milhões de mortos, feridos ou capturados) batalha na história das guerras.[...] O avanço da infantaria alemã foi acompanhado por centenas de aviões da Luftwaffe, que bombardearam as posições soviéticas na cidade e em seus arredores, rapidamente transformando Stalingrado numa grande ruína. A luta então acabou virando um desgastante combate casa por casa; [...] Ao final de novembro de 1942, os soviéticos lançaram uma enorme contra-ofensiva, a Operação Urano. Foi um grande ataque em pinça, movendo-se pelos enfraquecidos flancos das tropas do Eixo, formados principalmente por soldados romenos e húngaros, que eram as tropas mais fracas da coalizão liderada pelos alemães. As forças do Eixo nos flancos acabaram sendo facilmente sobrepujadas e o 6º Exército alemão se viu cercado e isolado na área de Stalingrado. [...] No começo de 1943, as forças do Eixo em Stalingrado estavam exaustas e quase sem munição e comida. Friedrich Paulus decidiu então desobedecer as ordens do seu Führer e permitiu que o que sobrava do seu exército se rendesse aos soviéticos.

Disponível em :

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha\\_de\\_Stalingrado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Stalingrado)

mesmo de ser enviado ao campo de concentração foi Nikolai Korotkykh porque os nazistas encontraram uma fotografia sua com o uniforme da NKVD, o que justificava a execução sumária.

## BATALHA DE KURSK

Se o “jogo da morte” aconteceu em um período em que os nazistas ainda avançam dentro do território soviético, o ano de 1943 foi decisivo para reverter o rumo do conflito. No início de fevereiro, algumas semanas antes da execução dos três jogadores mortos em Siretz, o Exército Vermelho conseguiu pressionar as forças nazistas a recuar. Foi a vitória na Batalha de Stalingrado, consolidada em 2 de fevereiro de 1942. No entanto, Hitler arriscou uma estratégia ousada, baseada na capacidade produtiva da indústria alemã.

Do ponto de vista econômico, uma guerra tende a ser vencida pelo país que consegue, de forma mais eficaz, converter sua capacidade de produção industrial para produção da própria guerra, ou seja, produzir os materiais necessários à vitória no campo de batalha. Uma indústria automobilística que passa a produzir motores para aviação militar é um exemplo desse processo.

Porém, com a expansão territorial empreendida pela Alemanha Nazista, a manutenção do controle sobre os territórios colonizados combinada com o contínuo plano de avanços territoriais criou uma necessidade: o controle de territórios com recursos petrolíferos que atendessem



a crescente demanda de produção bélica. Após a tentativa frustrada de ocupar a região de Stalingrado, Hitler tentou uma cartada final. E o resultado dessa batalha foi decisivo para o início da derrota nazista.

Em um último esforço para conquistar o território soviético, Hitler determinou em 1943 que suas forças avançassem em direção ao interior da URSS. Para tanto, disponibilizou um efetivo gigantesco, como veremos na tabela à frente. Os soviéticos precisavam superar o contingente nazista para tentar impedir esse avanço. A região de Kursk foi o palco da maior batalha de tanques da história. Entre julho e agosto de 1943 os nazistas foram barrados pelas forças soviéticas e sua tentativa de avanço no território eslavo caiu por terra. Após a Batalha de Kursk, as tropas Aliadas – EUA, França e Grã-Bretanha, e posteriormente a Força Expedicionária Brasileira – iniciaram o desembarque na Europa Ocidental: na Sicília, na Itália continental e posteriormente na Normandia, França. As ambições de Hitler seriam definitivamente esmagadas em 1945, com a cidade de Berlim em ruínas, enquanto os soldados do Exército Vermelho hasteavam a bandeira soviética em solo alemão.

<b>BATALHA DE KURSK<sup>99</sup></b>	<b>Soldados</b>	<b>Canhões</b>	<b>Tanques</b>	<b>Aviões</b>
<p><b>Alemanha</b></p> 	900 mil	10 mil	2,7 mil	2,5 mil
<p><b>União Soviética</b></p> 	1,3 milhão	20 mil	3,3 mil	2,6 mil

8) Comente os dados da tabela acima.

#### GABARITO

As Forças Armadas da Alemanha dispunham de um grande contingente militar e um número elevado de canhões, tanques e aviões. É importante considerar que as tropas nazistas estavam avançando em território inimigo. Diante do grande efetivo alemão, as Forças Armadas Soviéticas superaram em 400 mil o

<sup>99</sup> OLIVEIRA. 2020. p. 92.



número de soldados, dobraram o número de canhões, dispuseram de 600 mil tanques e 100 mil aviões a mais do que os nazistas.

## **MEMÓRIA DO “JOGO DA MORTE” NA UCRÂNIA SOVIÉTICA**

Após a vitória do Exército Vermelho em Kursk em 23 de agosto de 1943, os nazistas foram gradativamente perdendo os territórios conquistados. A cidade de Kiev foi libertada pelos soviéticos definitivamente em 22 de dezembro do mesmo ano. Com a retomada da cidade pela União Soviética, as histórias sobre a famosa partida de futebol em meio à guerra começaram a surgir. As primeiras publicações soviéticas construíram uma narrativa que atendesse as expectativas da propaganda de Estado. Para isso, não poderiam descrever o destino real de todos os jogadores, uma vez que havia, entre eles, aqueles que estavam trabalhando em postos de colaboração com os nazistas, como os que serviam à polícia local. Após a libertação de Kiev, eles seriam julgados e condenados pelas autoridades soviéticas. Dessa forma, a transformação de todo o time em mártires foi uma solução encontrada nas narrativas que se popularizaram, ainda que ela não correspondesse à verdade histórica.

Desde as primeiras notícias nos jornais soviéticos em 1943 ao filme “Terceiro Tempo” de 1963, o que ocorre após a partida é uma incógnita que fora preenchida pelas tradições orais de que todos os jogadores foram presos e mortos logo após o jogo. É fato histórico que todos os jogadores com ligação ao Dynamo de Kiev foram presos e transferidos para o campo de concentração de Siretz. Nikolai Korotkykh foi morto ainda nas mãos da Gestapo.

No dia 24 de fevereiro de 1943, o goleiro Trusevich, articulador e incentivador da formação do Start como resistência local aos nazistas, foi morto com um tiro na nuca. Na sequência, o zagueiro Klimenko e o centroavante Kuzmenko também foram executados da mesma maneira. Estavam entre algumas dezenas de prisioneiros mortos naquele dia como mais uma das muitas retaliações por algum distúrbio qualquer provocado pelos prisioneiros no campo. Morreram como outros prisioneiros políticos do regime nazista numa execução sem qualquer ligação com o “Jogo da Morte”.

A memória construída sobre o “Jogo da Morte” pode não corresponder aos fatos aqui reconstituídos, mas é importante considerar a representatividade e simbologia de resistência a que os cidadãos de Kiev imputaram ao breve time do FC Start. Onze jogadores de camisas vermelhas driblando e goleando todos os adversários com uma superioridade que humilhava as outras equipes. Humilharam os nazistas diante de seus oficiais, colaboradores locais e cães. Foi, sem sombra de dúvidas, um ato de resistência diante do opressor.

- 9) A partir da leitura do texto, explique porque a União Soviética não quis reconstituir a história do “Jogo da Morte” de maneira mais fiel aos fatos?

#### GABARITO

O time de FC Start era composto por um grupo de jogadores que não estavam todos “do mesmo lado” durante a ocupação nazista. Por alinhamento político ou por falta de opção, é fato que alguns atletas atuavam em colaboração com as forças alemãs e, posteriormente, foram condenados pela justiça soviética. Seria incoerente para os objetivos da propaganda soviética reconstituir a história daqueles atletas porque colocaria alguns membros da equipe como traidores da URSS, o que diminuiria o feito heróico da vitória sobre os nazistas. De outro lado, deixar que a memória popular ocupasse esse espaço e transformasse a equipe em mártir servia mais à propaganda comunista.

## **A BATALHA NOS GRAMADOS DE KIEV**

O futebol, nos antecedentes da Segunda Guerra, já havia alcançado dimensões mundiais. E o intercâmbio de ideias é uma das formas de se reinventar esse esporte. O Dínamo de Kiev do final daquela década era revolucionário, do ponto de vista tático, nos gramados soviéticos. A última aparição em jogo oficial do Dínamo foi em 16 de junho de 1941, o nono e derradeiro jogo daquele campeonato paralisado em função da guerra. O adversário foi o Spartak Kharkov, derrotado por 2 tentos a 0. Para isso, tanto nesse jogo como em alguns dos anteriores o Dínamo adotou uma inovação tática tremenda no futebol soviético. Seu treinador, à época, Mikhail Pavlovich Butusov experimentou criar as posições de meio campistas no futebol local.

Até então, a formação tática padrão na União Soviética colocava os cinco ataques em linha, distantes do restante da defesa que também jogava com cinco jogadores em linha. Apesar de deixar o ataque mais forte, aquilo que

os treinadores de futebol da atualidade chamam de balanço defensivo simplesmente não acontecia. Não havia ligação entre a defesa e o ataque. Mas Butusov introduziu o sistema europeu ocidental de dois pontas abertos pelos lados, dois pontas de lança que eram meio campistas avançados e um centroavante, jogando numa formação em W no ataque. Esse equilíbrio tático teve resultados: foram duas vitórias por 3 a 0, uma contra o Dínamo Tbilisi, pela 5.<sup>a</sup> rodada e outra diante do Sparta Odessa, pela 7.<sup>a</sup> rodada. Apesar de ter escapado de Kiev no início da invasão alemã, os relatos impressionantes dos jogos do FC Start dão algum indício de que o modelo de Butusov ecoava nas exibições desse efêmero clube dos trabalhadores da padaria n.º 3, um ano depois, em meio a guerra e sob a ocupação nazista na Ucrânia.

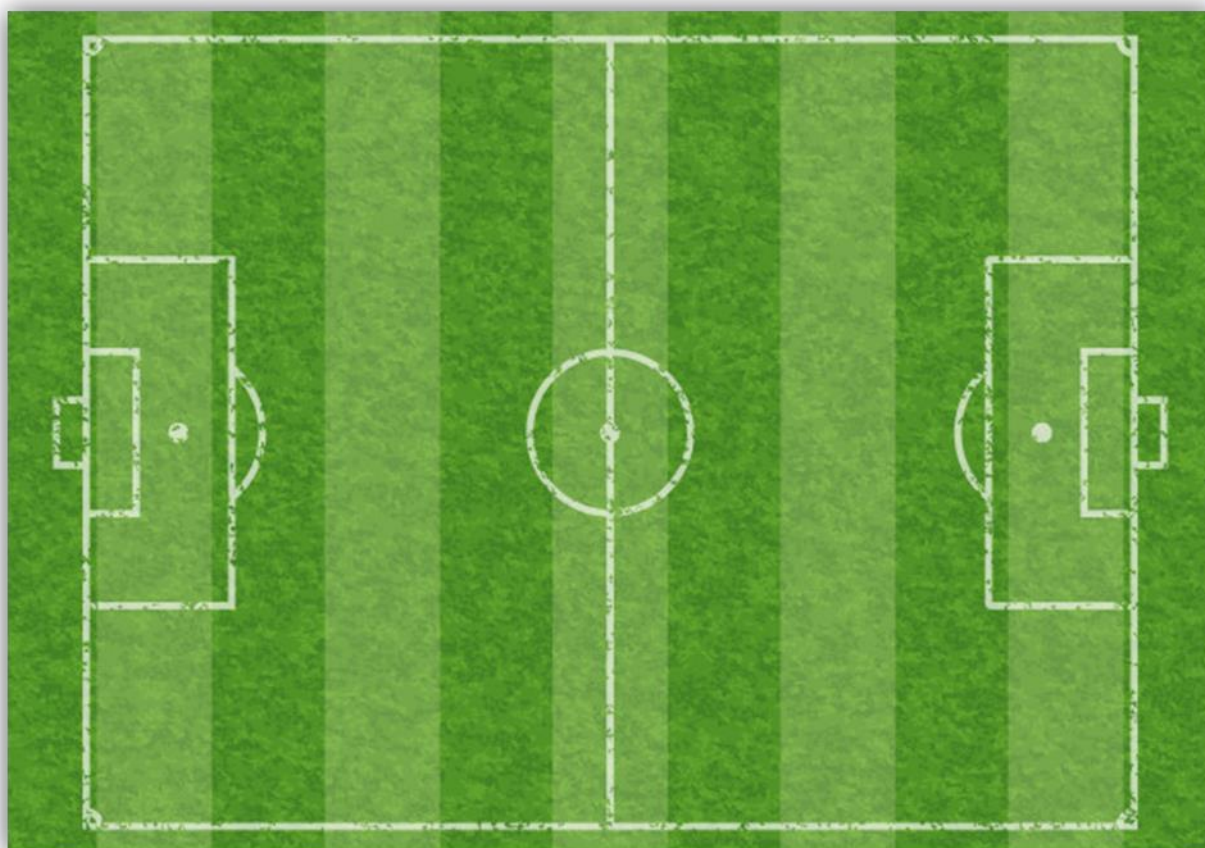
Essa seria a arma do FC Start para derrotar o Flakelf, que vinha reforçado para sua grande missão: comprovar a superioridade ariana. Fisicamente, o time nazista que entrou em campo era mais preparado que o do jogo da quinta-feira anterior. Vestidos com uma camisa branca saudaram orgulhosamente com o tradicional *Heil Hitler*. Os jogadores do Start, de acordo com o ponta esquerda Makar Goncharenko, deram seu primeiro sinal do que ocorreria em campo quando levantaram os braços, após uma pausa repleta de expectativas nas duas torcidas, e dobraram sobre o peito e gritaram a uma só voz uma palavra ordem que, naquele momento, simbolizava a resistência aos nazistas, a expressão dos esportistas soviéticos: **'FizcultHura!'**

Naquele estádio, na tarde de domingo do dia 9 de agosto, durante o verão de 1942, sob a ocupação nazista na cidade, os jogadores do FC Start decidiram resistir fazendo do gramado um espaço de disputa contra a estrutura de poder que se impunha com brutalidade, praticando barbáries contra a humanidade. Eles resistiram porque foram humanos diante da desumanidade. Convidados para o campeonato, decidiram fazer o que faziam antes da guerra: jogar futebol. E venceram o time de soldados nazistas. Para o delírio dos espectadores locais, que foram ao



êxtase ao celebrar a vitória do FC Start.

- 10) A partir do texto “A batalha nos gramados de Kiev”, monte o esquema tático utilizado pelo FC Start como estratégia para derrotar o Flakelf, o esquadrão de soldados nazistas.



PROFESSOR: Essa atividade sintetiza a aplicação de um método de pesquisa historiográfico no ensino de história. O subtítulo “A batalha nos gramados de Kiev” é uma adaptação de parte da pesquisa histórica dessa dissertação. O ofício do historiador nos levou a reconstituição do evento, evidenciando que a tática foi um ponto muito favorável ao Start. Ao realizar a atividade



proposta, os estudantes poderão perceber que houve um jogo de futebol disputado em meio à guerra e que, apesar de todas as apropriações, seja de resistência pelos torcedores do Start, ou de indignação pela torcida nazista, a bola rolou naqueles gramados. Infelizmente, pela limitação de informações sobre os times que enfrentaram o Start no campeonato amador de 1942, não conseguimos definir a formação tática do Flakelf. Contudo, é plausível que jogassem com duas linhas de 5 jogadores, como era o padrão na época. Dessa forma, o Start obteve uma vantagem tática, já que aproximou as linhas de defesa e ataque com dois jogadores fazendo a ligação entre os setores.

GABARITO:



## CONCLUSÃO

Não podemos contar a história do FC Start apenas pela ótica do futebol. Na produção do conhecimento histórico, todo evento se faz dentro de um determinado contexto e recebe o significado ou é ressignificado em outro contexto histórico de acordo com os interesses de quem se apropria do fato e imprime sua narrativa. No caso do produto dessa dissertação, o “Jogo da Morte” pode ser analisado na perspectiva da disputa de versões sobre a atitude da população da cidade de Kiev durante a ocupação nazista.

O fato do vínculo de alguns jogadores do Start à NKVD ser o motivo da prisão demonstra que os nazistas temiam a espionagem em Kiev ocupada. Não podemos concluir que a inteligência soviética tinha um plano para obtenção de informações, mas é plausível que o clima de aparente normalidade gerado pelo torneio amador de futebol também interessasse à espionagem da URSS.

Essa leitura foi construída a partir da pesquisa historiográfica que, adaptada à linguagem de sala de aula, transformou-se em um material didático voltado ao nono ano do Ensino Fundamental. O produto tem como objeto demonstrar o processo de construção do conhecimento histórico, considerando a análise das fontes, elaboração de hipóteses e interpretação de documentos históricos, o que inclui textos e imagem.

O “Jogo da Morte” foi um evento histórico singular, com personagens e um cenário inusitado, mas que não fugiu à regra de outras formas de resistência em tempos de opressão. Isso não significa reforçar o caráter heróico ou de mártir dos jogadores. De outra forma, pretendemos comprovar que as narrativas que foram construídas sobre o evento histórico também estão envoltas em interesses que dizem mais sobre o tempo e os sujeitos que as construíram do que sobre o fato do passado.

Em linhas gerais, concluímos que essa dissertação abre diversas possibilidades de estudo sobre a Segunda Guerra Mundial e sua aplicação no ensino de história. Apontamos, no material didático, a importância de interpretar a Operação Barbarossa à luz dos interesses econômico-militares da

Alemanha Nazista e seus desdobramentos que foram essenciais para os rumos da guerra.

No contexto histórico específico da Ucrânia, o material didático enfatiza as disputas internas naquela sociedade em que se opuseram os ucranianos nacionalistas, alinhados aos invasores germânicos, e os ucranianos da resistência. No panorama mais amplo, também demonstra o conflito de interesses entre soviéticos e nazistas que ocuparam, em diferentes momentos, o território ucraniano.

Por fim, o “Jogo da Morte” é uma amalgama de todo esse conjunto de conflitos apresentados anteriormente. O material didático procura demonstrar como esse jogo simbolizou a resistência e também representou a multiplicidade de posições políticas dos habitantes de Kiev quando da ocupação alemã durante a guerra.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. P. 72-73.
- DOUGAN, Andy. Futebol & Guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- EVSTAFEVA, Tatiana. 1942: Partidas de futebol da equipe Start em Kiev ocupada pelos alemães e sua subdivisão de jogadores. In Vitalli Nakhmanovich (ed.): Babi Yar: assassinato em massa e memória. Kiev, 2012: Ukr. Centro de Estudos do Holocausto
- KENNEDY, Paul. Ascensão e queda das grandes potências. Transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.
- KOSSOY, Boris. Fotografia & história. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.
- KRAWCHENKO, Bohdan. The Man-Made Famine of 1932-1933 and Collectivization in Soviet Ukraine, in Roman Serbyn and Bohdan Krawchenko (eds). Edmonton: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press
- LENHARO, Alcir. Nazismo: “o triunfo da vontade”. Editora Ática: São Paulo, 1990.
- LIMA, Ederson Prestes Santos. História, Memória e Educação no Olhar *Photographico* de Guilherme Glück (Lapa/PR, 1920-1953). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2015.
- OLIVEIRA, Dennison de. Para Entender a Segunda Guerra Mundial. Curitiba: Juruá, 2020.
- OVERY, Richard. The Penguin Historical Atlas of the Third Reich. Penguin Books Ltd: Londres, 1996.
- REISS, Carlos. Luz sobre o caos: educação e memória do Holocausto. Rio de Janeiro/RJ: Imprimatur, 2018.
- RÜSEN, Jörn. Formando a consciência histórica – para uma didática humanista da história. In: \_\_\_\_\_. SCHMIDT, Maria A. et al (orgs.) Humanismo e didática da História. Curitiba: W.A. Editores, 2015.



SUBTELNY, Orest. The Soviet Occupation of Western Ukraine, 1939-41: An Overview. In: BOSHYK, Yury. Ukraine during World War II: History and its Aftermath. University of Alberta. Canadian Institute of Ukrainian Studies. Edmonton, 1986.

THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria. Rio: Zahar, 1981.

PEREIRA, Flávia Sidônia Camargos. A guerra no futebol: um estudo sobre o jornalismo esportivo. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2005. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/FSidonia.pdf>. Acesso em: 18 de ago. de 2020.

PRYSTAYKO, Volodymyr Illich. Foi uma partida da morte? Documents Testify, 2006.

## **FONTES**

A.G. Futebol. Novo Ukrainski Slovo. Kiev, 6 de agosto de 1942.

FUTEBOL. Novo Ukrainski Slovo, Kiev, 19 de julho de 1942.

JOGO DE FUTEBOL. Novo Ukrainski Slovo. Kiev, 17 de julho de 1942.

JOGO DE FUTEBOL ENTRE ALEMÃES E UCRANIANOS. Novo Ukrainski Slovo, Kiev, 15 de julho de 1942.

R.E. Futebol. Novo Ukrainski Slovo. Kiev, 24 de julho de 1942.

IZVESTIA. n.º 270, de 16 de novembro de 1943.